



Joana Rita Pina Rodrigues

Interacção de Culturas: Desvio e Integração Habitacional

Análise de uma experiência de realojamento na Cidade de Coimbra

Relatório de Estágio com vista à obtenção do grau de Mestre em Cidades e Culturas Urbanas, sob orientação do Professor Doutor Carlos Fortuna, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2010



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Joana Rita Pina Rodrigues

Interacção de Culturas: Desvio e Integração Habitacional

Análise de uma experiência de realojamento na Cidade de
Coimbra

Relatório de Estágio com vista à obtenção do grau de Mestre em Cidades e Culturas Urbanas, sob orientação do Professor Doutor Carlos Fortuna, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Coimbra, 2010



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador de estágio, Dr. Carlos Fortuna, Professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, pelo apoio, incentivo, e orientação ao longo de todo o processo. Agradeço-lhe, também, o esforço, principalmente na fase final, para me ajudar a tornar este relatório o mais perfeito possível.

Um grande Obrigada dedico, também, à minha supervisora na Divisão de Gestão Social do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra, Dr.^a Isabel Geraldo, pelas conversas que tivemos, pela ajuda e apoio constantes, pelo rigor quando necessário, por me ter integrado na própria dinâmica da Fornalhinha e, no final de tudo, pela imensa atenção e amizade que me dedicou durante este tempo.

A todos os entrevistados, agradeço a disponibilidade e a participação no estudo. Sem eles, este trabalho não existiria.

Agradeço do fundo do coração aos meus pais e à minha irmã, por toda a ajuda, paciência e apoio que me deram, em todas as formas que este veio. Este é o meu agradecimento mais sentido.

Ao Alfredo e aos meus amigos, agradeço terem sido a minha consciência e a pressão que me fizeram para que nunca perdesse o trilho.

Finalmente, faço um especial agradecimento à Câmara Municipal de Coimbra, principalmente ao Departamento de Habitação, pela oportunidade que me proporcionou de realizar este estágio e de efectuar este estudo que agora apresento.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	I
I. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO	3
1.1 Políticas de Habitação – percurso histórico e modelos de realojamento	3
1.2. Identidade	6
1.3 O Desvio	9
1.4 Exclusão social vs. Inclusão e integração social	14
2. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	18
2.1 Objectivos do Estágio	18
2.2 Metodologia da pesquisa	18
2.3 Entrevistas	19
2.4 Amostra	20
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS	24
3.1 Análise Qualitativa	24
3.2 Análise Quantitativa.....	45
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

ANEXOS

ANEXO I – Tabela Excel de Tipificação das Famílias Realojadas

ANEXO II – Guião das Entrevistas

ANEXO III – Documento utilizado no contacto dos entrevistados

ANEXO IV – Distribuição por freguesias

ANEXO V – Processos das famílias realojadas seleccionadas para o estudo

ANEXO VI – Entrevistas

ANEXO VII – Base de Dados de SPSS

ANEXO VIII – Output SPSS

ANEXO IX – Classificação Nacional de Profissões

RESUMO

O presente estudo refere-se ao processo de integração das famílias realojadas pela Câmara Municipal de Coimbra.

Procura uma abordagem inovadora ao tema, incidindo sobre as relações de vizinhança que os realojados mantêm nas novas moradas, recorrendo, para isso, entrevistas semi-directivas a vizinhos de famílias realojadas. Os resultados mostram que o uso abusivo dos espaços comuns do prédio, o tipo de participação na comunidade e a existência de queixas por parte dos vizinhos são aspectos importantes na integração das famílias.

ABSTRACT

The present essay refers to the integration process of families rehoused by Câmara Municipal de Coimbra.

It seeks an innovative approach to this theme, focusing on the neighbourhood relationships of rehoused people, using, for that, semi-directive interviews to rehoused families' neighbours.

Results show that abusive use of building's common spaces, type of participation in the community, and the existence of complaints from the neighbours maybe important aspects in families' integration.

INTRODUÇÃO

A habitação é um dos direitos fundamentais do ser humano. A estabilidade de um lar traz consigo todo um leque de possibilidades na vida.

Contudo, ter um lar não é apenas ter um tecto que nos cubra e um chão onde pisar. Ter um lar implica ter conforto e segurança. Uma boa relação de vizinhança é, pois, importante para que esta estabilidade se concretize.

Este estudo é parte integrante do estágio realizado no Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra e procura focar-se na integração das famílias realojadas pela Câmara Municipal de Coimbra nas comunidades que as recebem. Para isto, abandonámos a perspectiva mais comum das famílias, e dirigimo-nos às comunidades receptoras, aqui representadas pelos vizinhos mais próximos. Deste modo, tentamos perceber de que modo as comunidades aceitam a integração de famílias realojadas no seu seio e quais os impactos dos realojamentos nas comunidades.

Este estudo, tem, assim, duas vertentes específicas. Na vertente mais técnica, analisamos o estado do processo de integração das famílias incluídas na amostra, os sucessos e as dificuldades. Numa vertente mais académica, procuramos uma abordagem à hipótese de que a integração das famílias realojadas não é um processo unilateral e exclusivo da responsabilidade das próprias famílias, mas parte também da disponibilidade da comunidade em aceitá-las e introduzi-las no seu próprio seio.

Este trabalho insere-se no âmbito de Relatório de Estágio com vista à obtenção do grau de Mestre em Cidades e Culturas Urbanas e é estruturado em três partes principais:

No primeiro capítulo, por acharmos crucial para a compreensão dos restantes aspectos do trabalho, fazemos uma contextualização teórica, onde abordamos as políticas de habitação portuguesas e mais especificamente as da Câmara Municipal de Coimbra, onde abordamos, também, os conceitos de Identidade, Desvio e Integração/Exclusão Social.

Um segundo capítulo, mais descritivo, contém a caracterização do estudo, com a definição clara dos objectivos, a explicitação da metodologia de pesquisa utilizada e a definição e caracterização da amostra.

No terceiro capítulo apresentamos, então, a análise e discussão dos resultados obtidos recorrendo a análises tanto quantitativas, como qualitativas.

Esperamos, com este projecto, poder contribuir com uma nova visão sobre o realojamento de famílias carenciadas, de modo a ajudar os técnicos da Divisão de Gestão Social do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra nas decisões futuras sobre os processos que lhes são atribuídos.

I. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO

1.1 Políticas de Habitação – percurso histórico e modelos de realojamento

De modo a proceder com a investigação sobre o qual se incide este relatório, necessitamos de contextualizar teoricamente alguns conceitos essenciais.

Neste sentido, é necessário perceber as razões pelas quais se adoptou o modelo de realojamento no qual se foca, especificamente, o nosso estudo.

No seguimento de um desenvolvimento das políticas de habitação no pós 25 de Abril, a partir de 1993, “a política de habitação, embora prosseguindo as mesmas linhas directoras, começa a contemplar objectivos de natureza social” (Silva, 2001: 117). Começam assim a surgir os primeiros incentivos ao realojamento, essencialmente em Lisboa e no Porto, estendendo-se posteriormente para os restantes municípios.

“Criaram-se sistemas de apoio ao arrendamento, como o incentivo ao arrendamento jovem ou o regime de rendas apoiadas” (Silva, 2001: 117).

Como nos indica Silva (2001), podemos identificar quatro períodos importantes nas Políticas de Habitação em Portugal, sendo que até à revolução de 1974, a “política de habitação vigente assentava basicamente no funcionamento livre do mercado, possuindo o Estado um papel supletivo na promoção habitacional” (2001: 118) e o regime de habitação caracterizava-se, essencialmente, pelo arrendamento com o congelamento das rendas. Entre 1974 e 1986, a conjuntura político-social levou a um desenvolvimento da promoção da habitação própria, da oferta pública de habitação, da oferta privada de habitações de renda moderada, da promoção de habitação cooperativa e do arrendamento.

Por esta altura, verifica-se uma alteração na estrutura de produção do país, com a expansão do sector terciário, que fomenta os fluxos migratórios, e, subsequentemente, causa uma sobrecarga habitacional nas áreas metropolitanas mais desenvolvidas (Lisboa e Porto), acentuando a formação de guetos nos subúrbios (Silva, 2001).

Começa, então, o forte desenvolvimento das políticas de habitação que terão um grande marco, nomeadamente na questão do realojamento, em 1993, com a criação do Programa Especial de Realojamento (PER) e o aparecimento do Regime de Renda Apoiada, que, segundo Serra (2002), viriam a combater os modelos segregadores dos bairros periféricos.

No período de 1986 a 1993, a Habitação Social enquanto modelo de resolução de carências habitacionais foi bastante promovida, sendo que, por habitação social, se entende “a habitação de custos controlados, levada a cabo por entidades públicas, cooperativas ou entidades privadas” (Silva, 2001: 143). Isto levou a que a grande maioria da população carenciada se concentrasse em segmentos específicos da cidade, dando origem ao que hoje chamamos de bairros sociais.

Entendemos, neste contexto, por carências habitacionais, aquelas que se referem a necessidades habitacionais de famílias carenciadas, e não à carência de estruturas do parque habitacional.

Uma vez que, como nos mostra Ferreira (1987), Portugal acentua, cada vez mais, um desenvolvimento desigual, concentrando, por um lado, o sector secundário e terciário essencialmente nas duas grandes metrópoles (Lisboa e Porto) e numa faixa litoral diminuta e reduzindo, por outro lado, a importância do sector primário, a grande massa populacional concentra-se nestas áreas. Como é claro, esta concentração acarreta uma sobrelotação do parque habitacional urbano, que, na lei da procura e oferta, se traduz “num aumento especulativo dos preços” (Ferreira, 1987: 198) dos terrenos para construção, o que, por sua vez, diminui a possibilidade de construção a custos controlados, acabando por esgotar o modelo de bairro social como solução para as carências habitacionais.

A continuidade do desalojamento nas zonas mais urbanas, assim como a exaustão dos modelos de realojamento, tornaram necessária a procura de novas soluções.

No caso de Coimbra, o modelo adoptado actual é de subarrendamento com regime de renda apoiada, havendo dois processos distintos, embora semelhantes, de acesso à habitação.

Ambos os processos (PROHABITA e Situações de Emergência) focam-se na atribuição urgente de habitação a agregados familiares com graves carências socioeconómicas e/ou habitacionais (Roxo, 2010).

Pelo elevado número de pedidos, tornou-se importante definir especificamente os critérios de avaliação para as situações de emergência, tendo sido lançada uma deliberação a 25 de Novembro de 2002:

“Nos termos e para os efeitos do disposto na alínea a), do n.º I do art.º 9º do Dec.-Lei n.º 797/79 de 06 de Novembro, considera-se situação de emergência:

- O estado de grave risco para a sobrevivência da pessoa ou pessoas, que consiste na carência de habitação e na impossibilidade de a ela aceder(em) pelos seus próprios meios;

1) Na identificação do estado de grave risco para a sobrevivência devem ser especialmente ponderados:

a) A existência de menores em risco;

b) A existência de pessoas idosas ou com deficiência, com elevado grau de dependência e sem meios familiares ou institucionais adequados a quem recorrer;

c) O carácter decisivo que o acesso a uma habitação possa ter no processo de cura ou estabilização de grave enfermidade ou de recuperação de alcoolismo ou toxicod dependência.

2) Considera-se como parâmetro da avaliação de impossibilidade de aceder a uma habitação pelos seus próprios meios uma capitação do rendimento inferior à metade do salário mínimo nacional, depois de deduzido do rendimento do agregado o valor da renda condicionada de uma habitação municipal de tipologia adequada.

O valor da renda condicionada será anualmente fixado pelo Departamento de Habitação para as diferentes tipologias”¹

No caso do PROHABITA, os critérios são definidos a nível nacional, estando este programa clarificado no Decreto-Lei nº 135/2004. Este modelo é aplicado através da colaboração entre a Câmara Municipal de Coimbra e o Instituto de Habitação e Reabilitação Urbanística, contribuindo estes, juntamente com os arrendatários das casas atribuídas, para o pagamento da renda mensal, funcionando assim o regime de renda apoiada (Roxo, 2010).

Tanto o PROHABITA como as Situações de Emergência recorrem ao mercado privado de habitação para a procura de habitação adequada a cada caso, sendo, posteriormente, as casas arrendadas por parte da Câmara ao proprietário e subarrendada com a renda apoiada às famílias carenciadas.

¹ Acta nº 41 de 25/11/2002, disponível na página electrónica da Câmara Municipal de Coimbra

1.2. Identidade

O ser humano é um ser social com tendência a procurar a proximidade aos seus semelhantes, formando grupos. Mas quem são os seus semelhantes?

Esta descoberta passa pelo processo de identificação pessoal a que todos somos sujeitos assim que começamos a formar a nossa vida em sociedade.

“... a Cidade... É talvez uma ilusão perversa!” (Queirós, 1985: 79)

Ainda que seja vista como libertadora, a cidade é, na realidade, um espaço onde os factores externos influenciam fortemente a criação das identidades. Esta ideia está presente, inclusive, em obras de ficção, como a conhecida obra *A Cidade e As Serras de Eça* de Queirós.

Assim, esta ideia de liberdade pessoal identitária revela-se ilusória, uma vez que as identidades sociais são moldadas consoante as situações sociais do dia-a-dia, levando os sujeitos a agir conforme as suas competências identitárias, ainda que estas sejam relativamente flexíveis (Fortuna, 1999).

“Na Cidade findou a sua liberdade moral: cada manhã ela lhe impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência (...) a Sociedade logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimónias, praxes, ritos...” (Queirós, 1985: 77)

As identidades sociais, são, deste modo, e segundo Carlos Fortuna, “mediadoras da relação estabelecida entre a estrutura social e a acção dos sujeitos” (1999: 24) e variam consoante as mudanças socioculturais.

“As identidades passaram a ser entendidas como expressões compósitas de intersubjectividades, em que a fronteira entre factores intervenientes externos e internos se tornou impossível de decifrar” (*Idem*, 1999: 24).

A construção e reconstrução das identidades, passa, como nos explica Fortuna, por um processo de “destruição criadora das identidades”, que o autor define como “a acção de contínua re-elaboração dos critérios de auto-validação pública dos sujeitos, variável de acordo com a multiplicidade de situações sociais do quotidiano e as transformações económicas, políticas, científicas e culturais que caracterizam as

sociedades contemporâneas e que proporcionam um contínuo reajustamento das matrizes identitárias dos sujeitos” (Fortuna, 1995: 3).

A noção de Identidade está intrinsecamente ligada a Comunidade.

Formamos comunidades com aqueles com quem nos identificamos e a comunidade a que pertencemos, ela própria, identificar-nos-á.

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas” (Goffman, 1963: 5)

Goffman (1963) considera que os próprios “ambientes sociais” definem as tipologias do indivíduos que neles serão mais passíveis de serem vistas, sendo que, para um determinado ambiente, esperamos encontrar um determinado tipo de pessoas. Formamos, então, pré-concepções, que nos dão uma “identidade social virtual” (Goffman, 1963: 6) dos indivíduos.

Aparte as pré-concepções, os atributos e características que se verificam efectivamente no indivíduo formam a sua “identidade social real” (Goffman, 1963:6).

As características que moldam as identidades sociais dos indivíduos ajudam, também, à formação da identidade de grupo. Isto é, como referido anteriormente, não só a posse de certas qualidades levam o indivíduo a sentir-se parte de uma comunidade juntamente com os restantes possuidores dessas mesmas, como também a assumpção da posse de determinados atributos por parte de um indivíduo, leva os não possuidores desses atributos a agrupá-lo juntamente com os outros que julgam ser possuidores. Goffman especifica: “grande parte daqueles que se incluem em determinada categoria de estigma podem-se referir à totalidade dos membros pelo termo ‘grupo’ ou um equivalente, como ‘nós’ ou ‘nossa gente’. Da mesma forma, os que estão fora da categoria podem designar os que estão dentro dela em termos grupais.” (1963: 23).

Contudo, os grupos não são fixos. Os membros que os constituem não são parte integrante de um só grupo, mas de vários. Assim, os indivíduos possuidores de uma determinada característica tendem a juntar-se com outros indivíduos possuidores dessa mesma característica, formando grupos sociais menores, dotados de uma organização própria.

A definição de vários grupos, consoante as identidades sociais esperadas, cria, inevitavelmente, uma hierarquia na sociedade.

Para Elias (1994), os grupos que se encontram numa posição mais elevada numa determinada hierarquia social são aqueles que, de algum modo, possuem poder relativamente a outros, consideram-se a eles próprios como “melhores” em comparação com os restantes, e dotados de qualidades que julgam essenciais e que só eles possuem.

É de notar que estes grupos podem variar consoante as hierarquias, e um grupo que numa hierarquia se encontra numa posição elevada, numa outra poderá encontrar-se numa posição inferior.

Este confronto hierárquico vai de encontro à definição de Estigma, proposta por Goffman.

Neste contexto, o estigma é uma característica (ou um conjunto de características) que o indivíduo possui e que não insere no quadro de características que o grupo dominante possuiu, tendo assim um efeito de descrédito. Contudo, o estigma não se refere obrigatoriamente a uma característica má, e a mesma característica que, por um lado é um estigma, por isolar o indivíduo de um determinado grupo, por outro poderá ser um factor de identidade, inserindo o indivíduo noutro grupo, que o verá como normal (Goffman, 1963).

Goffman defende, ainda, a existência de três tipos distintos de estigma. O primeiro refere-se a atributos físicos (normalmente relacionado com deformidades ou deficiências), o segundo refere-se a atributos de carácter individual (normalmente relacionado comportamentos tidos como vicissitudes, tais como o alcoolismo e a toxicoddependência, a homossexualidade, a monoparentalidade, o desemprego, etc.), e o terceiro refere-se a atributos sociais fixos (tais como a raça, etnia, religião, etc.) que, normalmente, se perpetuam geracionalmente.

A estigmatização de um indivíduo poderá, e fá-lo muitas vezes, impedir os outros de ter em conta os seus restantes atributos.

O mesmo autor refere-nos, também, que pessoas com o mesmo estigma têm, normalmente, aprendizagens e ajustamentos semelhantes, não se devendo, contudo, confundir a história do grupo de pessoas com determinado estigma, da história do estigma em si.

Um ponto comum aos estigmatizados é sempre a fase inicial de percepção da sociedade vista pelos ditos “normais”, com a incorporação das crenças, da noção de identidade e do que significa ter um estigma. Posteriormente, os estigmatizados

apercebem-se, na consequência desta percepção, que possuem um estigma e quais são as consequências disso (Goffman, 1963).

Esta socialização pode dar-se, consoante o tipo de estigma, em várias alturas da vida do estigmatizado.

Alguns exemplos de possíveis estigmatizados, de que falaremos durante este estudo, serão os casos das famílias de etnia cigana, das famílias de origem PALOP ou de outras nacionalidades, de famílias numerosas e/ou monoparentais, e ainda de famílias com membros portadores de deficiências.

Poderemos, ainda, ver, no decorrer do estudo, quais os estigmas menos aceites e quais os estigmas com melhor sucesso de superação.

O conceito de estigma está ainda ligado à sociologia do desvio, que abordaremos em seguida.

1.3 O Desvio

As primeiras aproximações à teoria do desvio aparecem nas noções de Durkheim de densidade moral e anomia (Xiberras, 1993). Para Durkheim, referido por Xiberras, densidade moral refere-se à coesão de valores que ligam os indivíduos num todo social, representando, por um lado, “o grau de coerência de uma representação colectiva” e, por outro, “o grau de adesão que ela induz entre os sujeitos sociais” (1993: 49).

Num outro aspecto, a anomia, é então, “no plano das representações, a desagregação dos valores e a ausência de referências; no plano das relações humanas, a desagregação do tecido das relações sociais; e (...) também a desafeição [sic], ou a falta de adesão aos valores” (*Idem*, 1993: 49).

Segundo o mesmo autor, com o aumento da densidade populacional numa determinada área, o número de interações sociais (densidade social) aumenta também, e verifica-se, conseqüentemente, um decréscimo na densidade moral, dando lugar à anomia (*Ibidem*, 1993).

O crescimento exponencial da população forçou a uma divisão de tarefas e funções, que explica, então, a divisão de trabalho. Contudo, esta divisão social de tarefas leva a um enfraquecimento das representações colectivas – enfraquecimento da coesão social

e densidade moral, o que, para Durkheim, dá origem ao surgimento de traços patológicos.

Muitas são as escolas sociológicas que formularam teorias da sociologia do desvio.

Xiberras (1993) explora a ligação da temática do desvio à questão da coesão social, fazendo um resumo das três correntes sobre o desvio.

O autor defende que esta temática surge associada ao conceito de anomia, partindo da hipótese de que “quando a densidade social aumenta, a densidade moral decresce” (*Idem*, 1993: 95).

O conceito de densidade moral é abordado pela *Escola de Chicago*, especificamente no caso das grandes metrópoles, com a ligação à degradação social e o aparecimento de guetos.

A *Escola de Chicago* sugere a teoria da Ecologia Humana, que trata a cidade como um organismo natural, dotado de consciência colectiva onde, à semelhança do mundo animal, ocorrem processos de selecção e competição que, por sua vez, formam uma estrutura organizada. A cidade constitui-se numa rede de áreas urbanas que, de forma natural, se organiza, com o aumento da densidade, socialmente, com agrupamentos segundo o nível profissional e económico, e espacialmente, em bairros divididos segundo a estratificação previamente referida.

Estes processos levam à segregação e diferenciação de alguns grupos da sociedade.

Na década de sessenta surge uma nova escola, que, usando a herança da *Escola de Chicago*, renova o quadro teórico da sociologia. O Interaccionismo Simbólico vem mostrar que há toda uma série de práticas sociais sancionadas pela sociedade, que eles classificam, pela primeira vez, de desvio.

Os teóricos da rotulagem social procuram o conjunto de relações sociais que resultam em comportamentos desviantes.

Em concordância com a concepção dos interaccionistas simbólicos, a sociologia francesa considera que a crescente racionalização e necessidade de especificação das normas aumenta a susceptibilidade a qualquer falha a estas. Contudo, a sociologia francesa acrescenta aqui a questão da marginalidade, sendo esta definida pela atitude de reivindicativa da exclusão por parte dos próprios excluídos, o que cria um choque de valores e uma rejeição constante e crescente de todos os “marginalizados” (Xiberras, 1993).

Ao longo dos tempos, o desvio tem sido definido de várias formas. Comum a todas as definições é a noção de ser algo que se afasta da normalidade.

Como nos mostra Becker (1963), o desvio tem concepções que variam bastante entre si. São exemplos a concepção estatística, em que o desvio é apresentado simplesmente como tudo o que varia excessivamente da média; a concepção médica, em que o desvio é visto como uma patologia ou doença; e a concepção funcional (influenciada pela concepção médica), em que o desvio é fruto dos traços da sociedade que a desestabilizam – são disfuncionais. Uma outra concepção, e mais próxima da concepção sugerida pelo autor, é a concepção de grupo, que identifica o desvio como a desobediência a regras de grupo.

Contudo, como o próprio autor refere, “Observa-se com facilidade que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes. Isso deveria alertar-nos para a possibilidade de que a pessoa que faz o julgamento de desvio e o processo pelo qual se chega ao julgamento e à situação e, que ele é feito possam todos estar intimamente envolvidos no fenómeno” (Becker, 1963: 17).

Este facto vem tornar bastante redutoras todas as concepções de desvio anteriormente referidas.

Na visão de Becker (1963), o desvio é, então, produto da sociedade, não por nela se encontrarem os factores desviantes, mas sim por o desvio surgir aquando da criação de regras por alguns grupos sociais, definindo que a sua infracção será desviante.

Esta compreensão de desvio altera a perspectiva pela qual este é visto. O desvio deixa, então, de ser resultado de um acto cometido por um indivíduo, mas sim resultado das regras e penas impostas por outros.

Assim, deixa de ser consensual. Isto é, o que é considerado desviante para um grupo, pode não o ser, e muitas vezes não é, para outros grupos.

Mas então, o que são, e quem são, os *Outsiders* (ou desviantes)?

Para Becker, *outsiders* são “aquelas pessoas que são consideradas desviantes por outras, situando-se por isso fora do círculo dos membros ‘normais’ do grupo” (1963: 27). Contudo, o mesmo autor defende que há um outro ponto de vista – o da pessoa rotulada de desviante. Por esse ponto de vista, os desviantes podem ser aqueles que fizeram as regras às quais consideram desviante a sua infracção. Isto é, para um grupo com um funcionamento específico, todos aqueles que não seguem esse funcionamento,

encontram-se “fora” do grupo, ainda que, face aos outros, o funcionamento não seja considerado correcto.

O problema na definição de *outsiders* prende-se com relatividade das regras sociais. Como vimos anteriormente, nem todos os valores são partilhados por todos os indivíduos na sociedade, daí a criação de grupos e, para diferentes grupos sociais, as regras sociais podem diferir e diferem. Como tal, para diferentes grupos com regras distintas, os infractores, os desviantes, variam (*Idem*, 1963).

O indivíduo classificado como desviante tem consciência da sua etiquetagem e avalia os seus juízes, podendo não se rever como desviante e considerá-los, assim, como “outsiders” (Xiberras, 1993).

A existência de regras não significa necessariamente que estas sejam aplicadas, tão pouco que todas as infracções a estas sejam punidas. Inclusive, por interesse de um grupo, algumas regras já retiradas do uso comum podem ser de novo “desenterradas”, novas regras podem ser criadas e instituídas e ainda, regras existentes podem ser ignoradas e/ou desautorizadas (Becker, 1963).

Assim, a imposição de uma regra só é feita quando a sua infracção é chamada a público, impedindo, assim, que seja ignorada. É necessário, então, a denúncia da infracção para que seja considerada a existência de desvio.

As regras são criadas com base nos valores de um grupo, normalmente em situações de crise em que somos confrontados com o que deveremos fazer nessa situação. Nesta altura, definimos como aceitável o comportamento que vai de encontro aos nossos valores.

Contudo, o conjunto de valores que diferentes grupos possuem é bastante variado, e o mesmo valor, poderá levar à criação de regras bem distintas (Becker, 1963).

Na perspectiva do mesmo autor, a partilha da mesma regra por vários grupos determina a importância que esta terá. Por exemplo, algumas regras, por serem aceites por vários grupos dentro da sociedade, podem originar leis, cuja infracção é de ordem criminal, enquanto outras, por serem específicas apenas de alguns, têm punições informais e morais (*Idem*, 1963).

Não obstante, a punição pelo desvio difere consoante o grupo do indivíduo que comete a infracção.

Como já referido, no mesmo contexto sociopolítico encontramos grupos com valores e comportamentos distintos. Estes constituem subculturas que podem, ou não, chocar-

se, tendo, muitas vezes, bases histórico-culturais diversas, como é o caso de comunidades de emigrantes e de minorias étnicas (Coelho e Medeiros, 1991).

A distribuição da autoridade pelas diversas subculturas não é uniforme, o que dá origem a uma subcultura dominante e subculturas dominadas ou periféricas. Velho (1978) considera que a diversidade de culturas dá origem a um conflito na gestão da diferença, que só é feita através da discriminação e segregação.

Em alguns casos, a gestão dos comportamentos contrários aos valores da cultura dominante passa pelo internamento em Instituições Totais (hospitais psiquiátricos, casas de correcção, prisões, etc.) (Coelho e Medeiros, 1991).

A divisão de subculturas acarreta uma diferenciação na punição do desvio, na medida em que o mesmo comportamento dito desviante, é mais fortemente punido se for tido por parte de um indivíduo/grupo pertencente a uma subcultura periférica, do que por parte da subcultura dominante.

Do mesmo modo, o comportamento tido como desviante, se tido, sucessivamente, por parte da cultura dominante, poderá deixar de ser visto como desviante e acabar por ser incorporado nos valores comuns.

Um aspecto relevante prende-se com o facto de que, geralmente, as regras são criadas por um grupo, acabando por ser aplicadas a outros grupos também, o que, comumente, acaba por incompatibilizar a aceitação universal destas (Becker, 1963).

Becker apresenta-nos, como empreendedores morais, os criadores de regras e os seus impositores. O criador de regras padrão é o chamado reformador cruzado, aquele que, interessado pelo conteúdo das regras, procura corrigir todo o mal que encontra no mundo, acabando por impor a sua moral aos restantes, por acreditar que esta os levará ao caminho certo, não olhando, muitas vezes, a meios para atingir os seus fins.

Os impositores de regras, por seu lado, tornam-se os responsáveis pela administração das regras resultantes da cruzada moral, o que justificará o seu modo de vida. Desta maneira, o impositor sente necessidade de, por um lado, justificar a sua existência, por outro, ser respeitado pelos demais. Contudo, a existência do impositor de regras é paradoxal, uma vez que esta só faz sentido enquanto existir infracção, que é, precisamente, o que o impositor combate. Se o impositor falha em extinguir as infracções que combate, perde credibilidade, mas se é bem sucedido, perde o seu trabalho (Becker, 1963).

Como defendido pelo autor, só pela via do empreendimento obtemos desvio. “(...) sem o empreendimento necessário para que as regras sejam feitas, o desvio que consiste na infracção da regra não poderia existir. (...) Depois que passou a existir, uma regra deve ser aplicada (...) Infratores [sic] devem ser descobertos, identificados, presos e condenados (ou notados como “diferentes” e estigmatizados por sua não-conformidade [sic] (...))” (*Idem*, 1963: 167)

1.4 Exclusão social vs. Inclusão e integração social

Como verificámos, na sociedade, a normalidade é imposta através de regras e padrões, que, quando não cumpridos, geram situações de desvio.

Fortuna (2001) afirma que após superar o conflito ancestral com o campo, a cidade substituiu-o pelo conflito consigo mesma, transportando a disputa dos “mais ricos, mais cultos e mais poderosos” (2001: 134) das cidades com os “mais frágeis, mais pobres e mais incultos” do campo, pela disputa dos mais ricos, cultos e poderosos contra os mais frágeis, pobres e incultos, do domínio urbano.

Xiberras (1993) considera que o “... insucesso em relação à normalidade parece constitutivo dos processos de exclusão.”

Contudo, Capucha (2000), define a Exclusão Social não só como isolamento social, mas também como uma restrição da condição de cidadania e/ou redução à marginalidade social.

É importante ressaltar a existência de grupos mais sujeitos à exclusão que outros.

René Lenoir, citado por Xiberras, fala das “pessoas idosas, os deficientes e os inadaptados sociais (...)” (1993: 15) e o texto sobre pobreza e exclusão social da página do Programa Operacional Emprego Formação e Desenvolvimento Social refere ainda as famílias mono parentais, crianças e jovens sem enquadramento familiar e dos toxicodependentes como novos grupos mais sujeitos aos fenómenos de exclusão, não sendo de descurar os idosos isolados e as crianças que vivem em famílias alargadas, assim como as minorias étnicas (POEFDS, 2010).

Estes grupos tendencialmente vítimas de exclusão social, organizam-se, por vezes, contra os autores das normas e aplicadores da exclusão, identificando-os como inimigos, formando as suas próprias regras e defendendo o seu estigma (Xiberras, 1993), acabando por surgir um fenómeno de auto-exclusão resultante da exclusão já

existente. Assim, “o processo de exclusão parece, pois, arrastar por difusão diferentes categorias de população para a franja da exclusão” (*Idem*, 1993:16).

Deste modo, a exclusão social, ainda que para Sandra Alves (1996) seja responsabilidade essencialmente do sistema económico e das estruturas sociais vigentes, acaba por se relacionar directamente com as esferas cultural, ética, física, moral e educacional (Esteves, 2000).

Para Dias *et al.* (2006), o próprio conceito de exclusão social incorpora em si manifestações económicas, sociais, psicológicas e simbólicas das exclusões na sociedade.

Os autores consideram que se pode incluir, na esfera económica, não só o trabalho, como também a formação profissional; na esfera social a integração em grupos primários por um lado e a integração na sociedade global por outro; e na esfera simbólica, as normas e valores comuns, assim como as representações colectivas que decretam as posições sociais (*Idem*, 2006).

E, como Sousa (2000) conclui, a exclusão social destrói o plano das interacções sociais, desgastando, progressivamente, o estatuto de cidadão dos excluídos.

“Certas formas de representações colectivas não detêm assim, no próprio seio da sua sociedade, nenhum estatuto, nenhum reconhecimento, tal como se não existissem” (Xiberras, 1993: 20).

Nas palavras de Perrot, citado por Heuré, “sem representação de si na esfera pública, no sentido mais lato, não se existe. Muito simplesmente, não se tem identidade, nem para si nem para os outros. Não se é nada (...)” (*apud* Baptista *et al.*, 1995: 15).

Face ao fenómeno de exclusão, Xiberras (1993) considera que os poderes públicos, o Estado e as colectividades locais, se deparam com a necessidade de abandonar as representações colectivas multiculturais e assumir o policulturalismo, que será então uma integração dos diferentes valores num todo social, estabelecendo um reconhecimento recíproco e global.

Segundo Salim, integrar será, por definição do latim, “tornar ou tornar-se parte de um todo, de um grupo, de um conjunto já existente” (2008: 76), onde se assume uma mistura de um grupo social minoritário com outros (pessoas ou grupos), com participação activa na comunidade, mantendo, contudo, as suas características culturais.

A integração social é entendida então, na visão de Galego e Oliveira, como “uma necessidade do indivíduo enquanto ser social, de estabelecer relações com outros actores (...)” (2005: 57).

Para Dias *et al.* (2006), só com uma partilha de poder, se atinge a integração social, de modo que para que esta exista, é necessária uma estabilidade consolidada a nível das relações de trabalho, familiares e sociais, que surgem com a real interacção dos sistemas político-jurídico, económico, de protecção social e comunitário e familiar.

Posto isto, ao longo dos últimos tempos, os países mais desenvolvidos (onde se inclui Portugal), têm adoptado políticas sociais activas, adequadas às situações e necessidade específicas, que visam favorecer a inserção dos grupos mais desfavorecidos no mercado de trabalho e na sociedade em geral (Sousa, 2007), surgindo em 2006, por proposta da Comissão para as Comunidades Europeias, uma estratégia de inclusão activa, que concede apoios ao rendimento de modo a garantir uma vida condigna e uma ligação ao mercado de trabalho aos mais necessitados. (Comissão Europeia, 2008) Exemplo de uma estratégia de inclusão activa é, então, o Rendimento Social de Inserção. O RSI é “um apoio vocacionado para os indivíduos e as famílias mais pobres e desdobra-se em duas partes: uma prestação pecuniária incluída no Subsistema de Solidariedade, que visa satisfazer as necessidades mais básicas; um Programa de Inserção, que visa conferir aos titulares e aos seus agregados familiares apoios adaptados a sua situação pessoal, de modo a favorecer a sua progressiva inserção social, laboral e comunitária” (Pacheco, 2009).

No que respeita a grupos específicos vítimas de exclusão, os que apresentam maior visibilidade na sociedade portuguesa são, sem dúvida, as minorias étnicas (onde se inserem tanto as comunidade ciganas, como as comunidade de imigrantes - com especial incidência nas de origem PALOP).

Por minorias étnicas entendem-se os grupos de indivíduos que partilham uma tradição cultural ligada à língua, território, religião, tradição, etc., e que diferem do grupo maioritário (Dias *et al.*, 2006).

“No caso das minorias étnicas, a mediação sócio-cultural surge como um instrumento fundamental que aparece ao mesmo tempo como consequência da desagregação de laços sociais e resposta adaptada de reconstrução de uma nova forma de coesão social” (Galego e Oliveira, 2005: 57).

É essencial a procura de uma coesão social, pois, como nos refere Esteves, “O Homem não pode permitir que outro Homem possa ser excluído da sociedade. Ao aceitá-lo, está a excluir-se também”(2000: 87).

2. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

2.1 Objectivos do Estágio

Realizou-se, na Divisão de Gestão Social do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra, sob supervisão da Técnica Superior de Sociologia Dr.^a Isabel Geraldo, o estágio curricular com vista à obtenção do grau de mestre em Cidades e Culturas Urbanas.

Com a orientação do Dr. Carlos Fortuna, Professor da Faculdade de Economia, elaborámos um projecto com vista à análise do processo de integração das famílias inseridas nos programas de realojamento habitacional, partindo de uma perspectiva extrínseca às próprias famílias.

Assim, ainda que o estudo tenha como objecto as famílias realojadas, a nossa amostra será constituída não pelas próprias famílias, mas sim por elementos da(s) comunidade(s) em que são inseridas. Ao utilizarmos uma amostra fora do comum, pretendemos uma nova abordagem ao tema da integração que permita perceber como é entendido o realojamento das famílias por parte dos vizinhos, perceber quais os discursos predominantes em relação a alguns grupos tipo e analisar os possíveis choques culturais e entraves ao enquadramento das famílias.

O nosso objectivo principal é, então, fornecer à Divisão de Gestão Social do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra uma perspectiva da(s) comunidade(s) em que as famílias realojadas se inserem, que lhes possa, futuramente, servir de instrumento para uma melhor compreensão dos contextos sociais envolventes que coadjuve no sucesso dos processos de realojamento.

2.2 Metodologia da pesquisa

A temática que nos propusemos abordar neste estudo, por ser de carácter controverso e algo subjectivo, requereu um certo cuidado na escolha da metodologia da pesquisa.

Como já referido anteriormente, a aproximação ao tema da integração neste projecto foi efectuada “indirectamente”, uma vez que escolhemos não abordar as famílias sobre

as quais incide o estudo, mas sim os seus vizinhos, para uma nova perspectiva das dinâmicas dos processos de integração e inclusão.

Pela complexidade da própria definição de integração e inclusão, é-nos extremamente complicado quantificar a integração em graus ou depreender instantaneamente se dada família está ou não integrada de uma forma objectiva.

Por conseguinte, todo o estudo é pensado tendo em conta as subjectividades da problemática, surgindo, em consequência, dois possíveis métodos a utilizar: A entrevista semi-directiva e/ou as entrevistas focalizadas de grupo.

Idealmente, o estudo deveria ser constituído por entrevistas semi-directivas tanto às famílias como aos vizinhos, seguidas de entrevistas focalizadas de grupo com grupos de dois tipos: um grupo constituído por membros de famílias realojadas pela câmara e um grupo constituído por vizinhos de condomínios e/ou áreas geográficas diferentes.

Seria também interessante analisar a observação não-participante de algumas reuniões de condomínio. Contudo, a duração do estágio e os recursos disponíveis limitam em muito a metodologia a aplicar.

Deste modo, tivemos que fazer algumas escolhas e sacrificar alguns pontos, decidindo, então, recorrer apenas às entrevistas semi-directivas aos vizinhos, por acharmos que a informação passível de ser recolhida com este método e direccionada especificamente a esta população, seria a base de todo o nosso estudo e não se justificaria a aplicação de nenhum outro método ou técnica sem o prévio emprego deste.

2.3 Entrevistas

Tendo como objectivo principal procurar no discurso dos vizinhos indícios das suas percepções sobre as famílias arrendatárias, com possíveis preconceitos e discriminações, que nos possam indicar os tipos de aceitação da comunidade receptora, de modo a que possamos aferir a evolução do processo de integração destas mesmas famílias, as entrevistas semi-directivas são o método mais propício ao estudo.

Como forma de evitar ao máximo a influência do entrevistador nas posições dos entrevistados tivemos em conta a importância de uma abordagem sensível ao tema.

Visto esta ser uma temática bastante controversa, foi necessário um cuidado minucioso com a linguagem e com o conteúdo das perguntas, tendo sido também

necessário deixar as pessoas confortáveis para que não se sentissem constrangidas e se pudessem pronunciar sem reservas.

Tentámos, sempre que possível, que as perguntas fossem abertas para minimizar a influência do entrevistador e captar o máximo de informação relevante, tendo, contudo, que ser direccionadas, para evitar desvios da temática.

A escolha dos entrevistados foi, também, cuidadosamente reflectida, uma vez que, para evitar respostas tendenciosas, se realizou o mesmo tipo de entrevista a mais do que um vizinho para cada família.

Ainda no seguimento da preocupação com a definição da amostra e apesar de se considerar importante para o estudo estes acontecimentos, procurou-se não entrevistar, na medida do possível, autores de queixas/reclamações, pelo forte carácter tendencioso que estas entrevistas possuem.

No seguimento da preparação da amostra, formámos um guião (ver anexo II) não estanque, que fomos adaptando consoante o decorrer de cada entrevista, mantendo, contudo, as mesmas guias. A informação que procurámos recolher baseou-se no tipo de relações que os vizinhos teriam entre si, no registo que haveria, ou não, de danos ou de incumprimento de regras, da participação das famílias em questão em actividades na comunidade, da percepção das companhias e visitas, de ocorrências que os entrevistados considerassem fora do comum, que pudessem revelar algum tipo de choque, e até mesmo da percepção da contribuição das famílias para o ambiente do condomínio.

2.4 Amostra

Para o trabalho em questão definimos duas amostras: uma amostra não probabilística intencional das famílias realojadas, obedecendo a certos critérios de tipificação que esclarecemos posteriormente; e uma amostra não probabilística intencional da população a inquirir, uma vez que a amostra do universo tem de estar directamente relacionada com as famílias realojadas e deve, preferencialmente, ser parte dos vizinhos mais próximos dessas mesmas famílias.

Assim, no sentido de escolher a nossa primeira amostra, fizemos um levantamento dos processos de realojamento realizados pela Câmara Municipal de Coimbra e

procedemos à tipificação das famílias de acordo com os critérios demográficos básicos na tabela (ver anexo I).

Perante a tipificação das famílias realojadas relativa ao agregado familiar (idade e número dos membros), à situação perante o emprego, à monoparentalidade e ao nível de rendimentos económicos, parece importante definir quais os padrões a serem considerados para o estudo.

Como tal, consideramos justificável do ponto de vista do processo de integração, excluir deste estudo as famílias em que o agregado é apenas o(a) próprio(a) e em que a idade deste(a) é superior a 40 anos, estando já na reforma ou não.

A exclusão deste tipo deve-se à assumpção de que estes agregados, normalmente realojados devido a degradação das habitações ou processos de demolição, não terão um choque étnico-cultural, socioeconómico ou educacional relevante com a comunidade receptora.

Assim, passamos a excluir os processos 20, 34, 35, 47, 54, 57, 63, 83, 87, 91, 93, 104, 121, 126 e 127.

Igualmente, apresentam-se-nos como os mais relevantes a estudar, os casos de famílias numerosas, principalmente se os pais forem jovens, e/ou de estrangeiros ou de minorias étnicas, assim como as famílias monoparentais.

Para comparação, será interessante considerar alguns casos de casais idosos/meiidade sem filhos ou de agregados de familiares de gerações diferentes, uma vez que se assume que a aceitação destas famílias será processada muito mais facilmente que a das famílias anteriormente referidas.

Por conseguinte, e observando a caracterização das famílias, podemos definir vários grupos de famílias, propondo assim alguns: – Famílias provenientes dos PALOP ou estrangeiros; – Famílias de etnia cigana; – Famílias numerosas; – Famílias monoparentais; sendo que em vários casos, a família pode inserir-se em mais do que um grupo.

Uma vez que todas as famílias apresentam rendimentos baixos, não se considera necessário a criação de grupos de rendimento.

Por haver bastantes dificuldades em apurar o nível de escolaridade em todas as famílias, decidimos não incluir este critério para selecção ou para a sua caracterização por grupos.

A situação perante o emprego será um critério importante de análise, mas não consideramos ser importante para a selecção.

As famílias 17, 33, 58, 60, 62, 67, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 81, 84, 85, 95, 97, 98, 108, 111, 117, 122 e 124, que pertencem a mais do que um dos grupos definidos, serão casos a ter mais em conta, uma vez que possuem mais do que uma característica que se presume poder ser problemática na integração na comunidade receptora.

Tendo em conta o tempo disponível para a realização do estudo (4 meses), definiu-se como razoável uma selecção de 21 famílias, que, assumindo-se o contacto com dois vizinhos por família, nos dá uma selecção de 42 entrevistas.

Por conveniência, as freguesias mais periféricas da Cidade, Santa Clara e São Martinho do Bispo não foram alvo de análise.

Por observação da tabela criada aquando da tipificação das famílias, verificou-se a existência de cinco casos especiais na freguesia de Eiras, assim como na de Santa Cruz e na de Santo António dos Olivais, e de dois casos especiais, tanto na freguesia da Almedina, como da Sé Nova. Como tal, decidiu-se incluir os dois casos especiais da última freguesia referida, para não se estudar apenas um caso em qualquer uma das freguesias. Decidiu-se, também, seleccionar três casos dos cinco nas freguesias de Eiras e Santa Cruz. Da freguesia de Santo António dos Olivais, por haver várias excepionalidades, acabou por se escolher quatro casos.

Assim sendo, de casos especiais, seleccionaram-se quatorze, dos vinte e três existentes: quatro casos de famílias de etnia cigana e numerosas, quatro casos de famílias de etnia cigana e monoparentais, um caso de famílias de origem PALOP e monoparentais, um caso de famílias de origem PALOP e numerosas, um caso de famílias de origem brasileira e monoparentais, um caso de famílias de origem russa e monoparentais, um caso de família de origem chilena e monoparentais e um caso de famílias numerosas e monoparentais.

São incluídos no estudo, desta forma, os processos 17, 67, 71, 73, 74, 76, 81, 85, 95, 97, 98, 108, 117 e 124 (ver anexo V).

Dos sete casos de famílias que não se inseriam em nenhum grupo especial, seleccionaram-se três, pertencente a cada uma das freguesias em que estes casos se verificam, ficando então com um caso em Eiras, um caso em Santo António dos Olivais e um caso em Santa Cruz. São então os processos resultantes desta selecção os 45, 48 e 69 (ver anexo V).

Dos quatorze casos de famílias constituídas por casais idosos ou de meia-idade, ou por membros pertencentes a várias gerações familiares, seleccionaram-se também quatro, pertencentes às freguesias de Eiras, Santa Cruz, de Santo António dos Olivais e da Sé Nova, sendo que dois são casais idosos ou de meia-idade e dois são famílias de diferença geracional. Ficamos então com processos 24, 31, 70 e 128 (ver anexo V).

Seguidamente, considerámos para o estudo os dois vizinhos mais próximos de cada família, isto é vizinho “de baixo” e/ou vizinho “de cima” e/ou vizinho “do lado” e/ou vizinho “da frente”.

Assim, procedemos ao contacto com a amostra através de visitas pessoais, de contactos telefónicos para marcação de entrevista e de contacto escrito através de um documento (ver anexo III) especificando a tarefa e solicitando a participação no estudo. Das 21 famílias seleccionadas para o estudo, às quais corresponderiam 42 entrevistas, foram analisadas 15 entrevistas correspondentes a 10 famílias realojadas. Deve-se isto à impossibilidade de recolha de informação junto da restante população previamente seleccionada.

3. ANÁLISE E DOS RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

3.1 Análise Qualitativa

Este estudo procura analisar, não só o processo de integração das famílias realojadas e os seus possíveis entraves, como também o tipo de convívio e relação que os realojados estabelecem com a nova vizinhança, divergindo assim de estudos como o de António José Quintas (2008) e de Margarida Rocheteau Gomes (1996) que abordam ambos, ainda que de maneiras diferentes, o conceito de sentimento de comunidade associado ao seu desaparecimento, isto é, no caso de realojamentos de várias famílias de um determinado bairro noutros bairros diferentes, havendo assim uma perda de relações e de sentimentos de pertença.

Procuramos, então, no discurso dos entrevistados, indícios do tipo de relacionamento que mantêm com as famílias realojadas.

Quando inquiridos inicialmente sobre a relação que mantêm com a família realojada, grande parte dos entrevistados tendeu a responder que não tinham relação e não mantinham contacto ou que este era raro:

*“Aqui com os vizinhos? Não, não tenho grande convivência com vizinhos.”
(E. 1)*

“E. – Se me pudesse falar então um pouco da relação que tem com a vizinha, portanto, com a família, se conhece bem ou não, se tem convívio... e. – Não.” (E. 4)

“Não. Bom dia e Boa tarde. Não. São pessoas educadas, não tenho nada a dizer, em questão de me abrirem a porta, de me fecharem a porta... são pessoas educadas... não... mas de resto assim um relacionamento...olhe, sou-lhe sincera, nem sei o nome dos senhores!” (E. 7)

“Eu não tenho relação nenhuma com ninguém aqui do prédio. Porque eu saio de manhã e entro à noite.” (E. 9)

“Até nem costumamos ter assim...nem nos encontramos. Por isso não os conheço mesmo.” (E. 11)

“Não. Não converso nada. Pouco mais de bom dia, boa tarde. Já tivemos algum contacto, mas muito...” (E. 12)

“Não. Não temos convívio nenhum. Às vezes lá o do primeiro direito, primeiro...Rés do chão esquerdo! Às vezes nem bom dia nem boa tarde!” (E. 15)

“Eu não tenho relação absolutamente nenhuma.” (E. 17)

“O convívio é reduzido e a comunicação também é muito reduzida. Limitamo-nos a dizer Bom Dia, Boa Tarde, pouco mais.” (E. 19)

Cinco dos entrevistados referiram manter um maior contacto, embora apenas dois mantivessem uma relação positiva com a família realojada.

No caso da Entrevista 2, a entrevistada indica ter tido já bastantes contactos com a família, ainda que não tenham sido pelos melhores motivos:

“..., no início, talvez, por ser o início, tivessem algum cuidado, de repente, de repente, a coisa começou realmente a escambar [sic] como se costuma dizer ...”;

“... houve entretanto algumas...hmmm, algum, alguns pedidos, algumas solicitações (...)”;

“E então, hmmm, pensei, talvez resulte uma autoridade aqui à porta. E não foi no sentido de fazer mal às pessoas. Mas contactei a PSP (...)” (E. 2)

É também o caso da Entrevista 20:

“... alguma maior proximidade tenho por maus motivos, cada vez que lá vou dizer-lhes alguma coisa que não está certa ...” (E. 20)

Contudo, na Entrevista 3, a entrevistada revelou ter uma relação muito próxima com a família em questão, chegando até a classificar a relação de amizade:

“Depois tentei arranjar-lhe emprego num sítio onde pudesse ter fins-de-semana, para poder ficar com o menino ...”;

*“E arranjei-lhe emprego numa escola que é onde ela está e pronto, **somos amigas**, ela vem aqui, o **menino fica cá muitas vezes connosco** quando ela precisa, pronto, e tenho dado o apoio possível ...”;*

*“... o pequenito vem para aqui, **faz parte já da família**, quase.” (E. 3)*

No caso da Entrevista 5, a relação é também bastante amigável, mas não tão íntima como no caso da Entrevista 3:

“No início não a conhecia, entretanto passei a conhecer, por causa também da convivência aqui (E. – Mhm!) com a minha vizinha.”;

“... depois, passámo-nos mesmo a conhecer e pronto, temos uma relação acho que, saudável.”;

“Sim, ela é boa pessoa! De vez em quando faz alguns doces e coisas assim e já até me ofereceu, falamos, de vez em quando, quando nos encontramos, nas escadas...” (E. 5)

Com estes resultados verificamos haver, de um modo geral, pouco contacto entre as famílias e os seus vizinhos. Contudo, não consideramos ser indicativo de uma má relação entre as famílias e os vizinhos, mas sim, de uma relação natural ao contexto social em que estão inseridos. Isto é, os mesmos vizinhos que referem ter pouco contacto com a família, referem ainda, ter pouco contacto com os restantes vizinhos do prédio, o que revela não haver uma distinção neste aspecto entre as famílias realojadas e os restantes vizinhos. Apenas notamos diferença neste aspecto no caso dos entrevistados que nos indicam conhecer a família por maus motivos, como vimos no caso das Entrevistas 2 e 20.

Quando os entrevistados nos indicam manter uma boa relação com a família realojada, não há dúvidas neste aspecto e concluímos não haver discriminação negativa por parte desses entrevistados.

No que toca aos assuntos das conversas, mais um vez, a maioria refere que se trata apenas de conversas de ocasião:

“E quando os encontro, quando o encontro a ele! Porque ele até acho que se magoou e anda com umas muletas, e Bom dia, Boa tarde, mas cumprimenta sempre muito bem, e de resto mais nada!” (E. 1)

“Bom dia, Boa tarde, Boa noite.” (E. 4)

“Não. Não converso nada. Pouco mais de bom dia, boa tarde. Já tivemos algum contacto, mas muito...” (E. 12)

“Não, conversas não é habitual. Pode acontecer uma vez, mas uma pequena troca de palavras.” (E. 18)

“O convívio é reduzido e a comunicação também é muito reduzida. Limitamo-nos a dizer Bom Dia, Boa Tarde, pouco mais.” (E. 19)

Mais uma vez, os entrevistados referem ser o comportamento normal na vida quotidiana do prédio, o que nos ajuda a concluir não haver, de um modo geral, relacionamentos muito próximos entre os vizinhos, mas apenas relações cordiais.

No caso dos entrevistados que indicaram ter mais contacto com as famílias em questão, exceptuando o caso da Entrevista 3, os assuntos das conversas tendem a cingir-se apenas a chamadas de atenção para algum comportamento entendido como desviante que a família esteja a tomar:

“Os assuntos são sempre, SEMPRE, direccionados a qualquer coisa que eles fizeram errado. Ou lixo, que deixaram em qualquer lado, ou o barulho, que às vezes é imenso, não é?” (E. 20)

*“Se tentei pessoalmente fazer-lhe estender isso a bem, a pedir? Tentei.”;
“... nessa noite em que eu pedi a ajuda da administração, a administração,
que é um senhor e uma senhora, foi lá e foram muito mal tratados. (...) eu
que estava a dois ou três metros ...” (E. 2)*

Os resultados desta pergunta inicial, regra geral, poder-nos-iam levar a crer que a maioria dos vizinhos não teria nada a dizer sobre a vivência da família realojada, por não haver, à partida, nenhum contacto. Contudo, quando inquiridos sobre questões mais específicas, muitos tinham algo a indicar.

Sobre a utilização dos espaços comuns, houve uma família em especial, em que ambos os vizinhos indicaram haver divergências com a família em questão:

*“... a questão da higiene no edifício é um desastre.”;
“... monopolizam o elevador (...) Fazem barulho, sujam, inevitavelmente, a,
o edifício ...”;
“... a higiene do local, e alguns danos que aparecem, houve um ou outro
que ele admitiu, disse que pagava, sim senhor, quando transportou as
coisas pelo vão das escadas e partiu uns vidros que protegem da chuva.”;
“... Fuma dentro do elevador, sujam o elevador, por vezes esquecem lixo
junto à porta, na escadaria. Quando monopolizam o elevador ...”;
“... Há claramente um rebaixamento, (...) um desrespeito (...) pelo
comum.” (E. 19)*

*“É de facto é uma questão de higiene ...”;
“... já me aconteceu às vezes ir lá acima, porque lá está, preciso de lhes
chamar a atenção para qualquer coisa, e o piso deles não está
normalmente....muito bem! Lixo cá fora, tem...pronto.”;
“Pronto, e depois às vezes é lixo no elevador, ele fuma no elevador,
piriscas ...”;
“... se os miúdos, por exemplo, forem no elevador a comer um pão, e cair
metade do pão, eles não apanham.” (E. 20)*

Mas não só estes entrevistados revelaram divergências com as famílias relativamente aos espaços comuns. Na Entrevista 7, a entrevistada também refere a utilização dos espaços comuns como abusiva:

“... são pessoas que gostam de estar sentadas na rua, de falar alto, de virem para aí sete pessoas metidas no elevador, e nós aqui só temos um elevador, e eu preciso do elevador.”;

“Não respeitam muito.”;

“Sujam muito. Entornam coisas, cafés.” (E. 7)

Os restantes entrevistados indicaram não haver qualquer comportamento desviante dos demais habitantes do prédio.

No que refere ao cumprimento das regras do condomínio, verifica-se o mesmo que na utilização dos espaços comuns, com excepção do caso da Entrevista 2, em que a entrevistada apresenta algumas reclamações nesse aspecto.

Assim, enquanto que na maioria das entrevistas não há anomalias a registar no cumprimento das regras do condomínio, ou até não há condomínio ou conhecimento das regras pelos inquiridos, nos casos específicos das Entrevistas 2, 7, 19 e 20 encontramos denúncias de incumprimento das regras:

“... começaram a ser extremamente barulhentos, quer a nível de música, uma coisa, mas, mas um barulho de, de me tremerem os quadros! (...) e assados (...) nomeadamente a carvão, (...) houve (...) alguns pedidos, algumas solicitações ...”;

“... disse que não conhecia as regras quando (...) já toda a gente lhe tinha dado a conhecer as, as regras.”;

“... punham sempre o automóvel ali no sítio de acesso, (...) onde há estacionamento proibido, onde há marcas amarelas no chão.” (E. 2)

“... há queixas do condomínio em geral ...” (E. 7)

“... Por exemplo, no estacionamento cá de fora. É muito intrusivo. Não só trazem um carro, como trazem dois, e o carro é grande e ocupa muito espaço na estrada.”;

“Quando, quando, o que eu tenho visto com o Capitão, lá o administrador, quando o chama à atenção, sim senhor, dizem que sim que sim, sim senhor, mas é quase político. É dizer sim sim sim, mas na verdade é dizer que não. Não querem saber de nada disso.” (E. 19)

“... no caso deles, há mais barulho do que o normal.”;

“... eu não sei o que é que eles lá fazem dentro, nunca lá entrei, mesmo dentro, e às vezes é barulho, não são as crianças, propriamente. Há, às vezes, um ruído maior do que é razoável. Pronto.”;

“Nos períodos de descanso normais, à noite, aos fins-de-semana, às vezes há mesmo bastante barulho! Arrastam coisas, atiram coisas!” (E. 20)

Ainda que não o refiram como incumprimento de regras de condomínio, as entrevistadas das Entrevistas 9 e 17 queixam-se ambas do barulho que as famílias fazem:

“É um bocado barulhenta. É um bocado barulhenta...”;

“Não, é um bocado barulhenta em casa.” (E. 9)

“A partir de que eles vieram para aqui, de vez em quando é, são os barulhos lá cima, gritos, asneiras... Pronto, enfim. O vizinho de lado, de porta com porta, foi embora, fez uma vez queixa a mim que não aguentava aquilo, entrar e sair muita gente até altas horas da noite e que, ouviam mais do que, não é?” (E. 17)

Com as perguntas relativas aos espaços comuns e às regras de condomínio, já conseguimos perceber um pouco das divergências principais entre as famílias realojadas e a sua vizinhança mais próxima. Em termos gerais, onde os entrevistados não identificam comportamentos desviantes nestes dois pontos, não se verifica qualquer tipo de problema relativamente à aceitação da presença das famílias, podendo

assumir que não há problemas de integração nos prédios que as acolhem. Contudo, há situações interessantes de reparar, casos de famílias que suscitam queixas por parte de um vizinho, mas não suscitam qualquer observação por parte do outro vizinho entrevistado. Este é o caso da família referente às Entrevistas 1 e 2 e da família referente às Entrevistas 17 e 18.

Ainda que não o possamos afirmar objectivamente, uma explicação possível para estas situações é a existência de pré-concepções sobre as famílias realojadas que vão colocar entraves à sua aceitação na comunidade.

Ao solicitarmos informações aos entrevistados sobre a participação das famílias em actividades da comunidade, procurámos sinais de integração das famílias num nível mais externo à vida comunitária do prédio.

Nesta questão, grande parte dos entrevistados indicou não ter conhecimento sobre esta questão por falta de contacto com a família, ainda que alguns fossem referindo algumas actividades escolares ou profissionais:

“Não sei. Sei que ele, de vez em quando via-o sair e tinham até carro. Não sei se era deles ou não. Entrava no carro, punha as muletas atrás, no banco de trás e ele é q conduzia.” (E. 1)

“Isso eu não, isso eu não sei. (...) eu sei que a administração do ano passado, (...), eu penso que a filha da doutora Susana era colega, pelo menos da escola de uma das meninas aqui da família, e chegou a dar-lhe boleia para algumas coisas, eu não sei se era para a escola, se era para outra actividade...pronto, não sei, não tenho conhecimento.” (E. 2)

“Não.” (E. 4)

“Ah não sei! Não sei nada, nada, nada de nada. (...) Sei que o senhor que trabalha, porque já o vi (...) Não. Porque não há convívio!” (E. 7)

“Não sei, não sei, não sei, não sei da vida dela, não sei o que é que ela faz. Ela está aí, agora o que ela faz, não sei.” (E. 9)

“Não sei.” (E. 11)

“Sei que andam na escola, sei que, por vezes, nas férias vem uma carrinha buscá-las. Mas sei por ver, só, nada que me tenham contado.” (E. 12)

“Não, isso não tenho. Sei que a vejo muitas vezes ali pela baixa a passear... Ela diz que tenta, quando está bom tempo... (...) sei que ela de vez em quando vejo-a por aí a passear, mas isso não, não tenho conhecimento.” (E. 13)

“Não, não sei de nada.” (E. 15)

“Sei que os miúdos que estudam.” (E. 17)

“Não faço a menor ideia. Dos pormenores das vidas das pessoas, não faço a menor ideia. (...) Tenho ideia que há um rapazinho que andarà na escola, não sei exactamente em que altura, e já ouvi referência que o mocinho até teria bom aproveitamento e tal, mas de concreto não sei.” (E. 18)

Apenas no caso das Entrevistas 3, 5, 19 e 20 os entrevistados indicaram conhecer a situação de envolvimento das famílias na comunidade:

“Ela, assim que eu saiba, tem o menino na catequese, tem o menino nos escuteiros, tem, ela ainda andou um tempo a tentar fazer um bocadinho de (...) hidroginástica, ali pela igreja de S. José, mas não sei se ela ainda continua, porque de Inverno acabou, mas é o que eu sei assim de...” (E. 3)

“Sim, até já me convidou (para a igreja), por causa também da rapariga que morava aqui antes. De resto, não sei mais nada assim.” (E. 5)

“Rigorosamente nada. Aliás, os ciganos são conhecidos por se isolarem na sua comunidade e velarem os contactos com os que não são ciganos. De modo que, não há o menor envolvimento.” (E. 19)

“Eu tenho a sensação que eles andam na escola. (...) Ela anda, e tenho a sensação que é, que é muito frequente sair.”;

“Bom, eles...eles saem com muita frequência. Eles não passam o dia em casa. (E. – Mhm...) (...) Tenho ideia que a minha irmã os terá visto uma vez a venderem balões. Em qualquer lado...a venderem balões! A encherem balões e a venderem balões... (...) A minha irmã viu-os a vender balões, não sei se fazem mais alguma coisa para além de vender balões. Mas não estão em casa o dia todo, normalmente.” (E. 20)

Podemos então ver que, ainda que refiram a existência de pouco contacto com as famílias realojadas, muitos dos vizinhos têm percepção da integração das famílias na sociedade através do seu trabalho e da frequência das crianças na escola, ainda que poucos possam afirmar com certeza a participação deles. Na maioria dos casos trata-se apenas de uma percepção da observação quotidiana. Ainda assim, consideramos ser um possível indicativo da inserção destas famílias na sociedade. Há casos, porém em que a percepção dos vizinhos em relação ao isolamento por parte da família não é consensual. Seria interessante, deste modo, um aprofundamento da análise das razões pelas quais uma família é, ao mesmo tempo, caracterizada como isolada e integrada por diferentes vizinhos.

As duas perguntas que se seguiram nas entrevistas realizadas procuraram explorar melhor alguns aspectos que poderiam ser pontos de algum conflito entre as famílias e os vizinhos.

Questionámos, então, os entrevistados sobre a frequência da recepção de visitas por parte da família. Grande parte dos entrevistados declarou ter conhecimento da recepção relativamente frequente de visitas pelas famílias, contudo, quase todos consideram uma situação normal e sem razão de queixa:

“Sei que muitas vezes vem gente de cor (E. – Sim...), visitas! Ou familiares, ou visitas. Que vêm mesmo aos domingos e que se juntavam aí (...) mas depois, quer dizer, saem!” (E. 1)

“Sim. Mas é natural. Não vou criticar uma coisa dessas. (...) Mas isso passa-se.” (E. 7)

“Sim, sim! Às vezes vêm. Vejo-os entrar.”;

“Não. é muito frequente. Se calhar ao fim-de-semana, ou assim, vêm.” (E. 11)

“Sim, normalmente. Eles são ciganos, não é? Vêm muitas vezes visitá-los parentes e assim.”;

“Um pouco normais.” (E. 12)

“Sim, eu já vi algumas pessoas. Julgo que não são familiares, são amigos dela para quem ela trabalhou, julgo eu.”;

“Eu acho que são esporádicas. Pelos menos, que eu note! Que são esporádicas sim. Vejo, pronto, de vez em quando. Não é frequente, não.” (E.13)

“Ah sim! Aparecem...aparecem lá! Às vezes são três ou quatro carros que estacionam na rua e...uma festa, ou qualquer coisa...(pausa) É normal. Isso aí acho perfeitamente normal. Eu conheço, conheço, isto é, vejo-os de vez em quando lá. Mas acho normal. Uma família vai à, a casa dos familiares visitá-los.” (E. 19)

Ainda assim, há alguns entrevistados a quem a frequência das visitas se torna um ponto de conflito:

“O que eu sei é que, e isto é realmente uma característica da cultura deles, eles juntam-se em dez, vinte, trinta, os que calhar. E depois juntam-se para quê? Para beber e para cantar! E dançar e ouvir música! (...) dia sim, dia sim, é muito complicado.”;

“Não sei se são familiares. São pessoas de cor, como eles. Ahhhhhmm,.. mais velhos, mais novos, crianças, muitos. Sempre muitos sacos de garrafas de bebidas...”;

“Houve alturas que era, era... não havia sexta e sábado que não fosse aqui um, um autêntico arraial. Uma coisa pavorosa.”;

“E durante a semana também! (...) com mais incidência quando... os fins-de-semana eu só não saía daqui se não pudesse, porque não queria estar em casa, mas durante a semana às vezes também, também, havia jantares e tal e depois meia-noite, uma da manhã, durante a semana.”;

“Chegou a ser três, quatro da manhã!” (E. 2)

“Porque isto foi alugado por uma família (E. – Mhm), mas depois aí meteu-se mais... Digo sinceramente, que até nem sei quem é que lá vive. Vejo, de vez em quando, entrar para lá muita gente, já nasceram lá mais dois bebês, (E. – Mhm) que não pertencem à própria que alugou a casa.” (E. 17)

Vemos, por conseguinte, que são poucas as famílias que não mantêm contacto com familiares/amigos. Apenas alguns entrevistados afirmaram não ter conhecimento de qualquer visita.

Olhando a questão das visitas de outro modo, se a frequência regular das visitas é um aspecto comum a várias famílias e não aparenta ser um ponto de desvio para a maioria dos entrevistados, a aparência das visitas já é um ponto onde se verificam algumas críticas:

“O pior é as pessoas que estavam ao lado deles, que eu não sei quem são! Continuo a dizer que não sei quem são. Encontram-se aí, estão aí em baixo a beber café até altas horas...no verão então, é um espectáculo!” (E. 7)

“Nem sei quem é, nem quem são eles que estão a fazer esses distúrbios, eu sei lá.”;

“Gente decente. Esta gente, não, não é, pronto.” (E. 17)

“Não são, normalmente, pessoas com muito bom aspecto! Ou seja, eles distinguem-se das pessoas que frequentam a casa pela positiva! Mesmo em termos de comportamento! São pessoas que abrem as portas do prédio e deixam as portas abertas, fumam dentro do prédio, fazem muito mais

barulho do que eles, muito mais barulho do que eles, se cruzarem com alguém, não cumprimentam, portanto, só, e mesmo a nível de aspecto, não têm sequer a aparência que eles têm, apesar de que eles não são muito cuidados.”;

“... quando têm visitas, hmmm, baralham-se um bocadinho, esquecem-se do contexto em que estão, é preciso chamá-los à atenção mais vezes... portanto, os problemas maiores são nessas alturas, quando eles cá têm alguém, quando cá vem alguém. Pronto. E não são pessoas com muito bom aspecto... com muito bom aspecto.” (E. 20)

Esta questão das visitas cria uma ligação com os conceitos de identidade e comunidade abordados atrás na medida em que se verifica uma ligação das famílias a uma comunidade através das relações que mantém, havendo, contudo, uma separação clara entre “nós” e “eles”, o que nos revela processos de identidade bem distintos dos vizinhos e das famílias realojadas, não sendo estas consideradas, em vários aspectos, como sendo parte da comunidade.

Após termos direccionado as entrevistas para questões mais específicas, quisemos dar liberdade aos entrevistados para que pudessem dar-nos mais algum pormenor que não estivessemos a considerar.

Deste modo, foi-lhes pedido para que falassem de situações caricatas que tivessem envolvido a família em questão.

Procurávamos, portanto, que os entrevistados revelassem os pontos onde sentiam maior choque com a cultura e os hábitos das famílias, sem que tivéssemos que lhes colocar a questão frontalmente.

Como seria de esperar, surgiram muitas mais histórias nas entrevistas em que, desde o início, o entrevistado já apresentava algumas discordâncias com a família realojada.

Temos, conseqüentemente, um conteúdo mais rico nesta questão nas Entrevistas 2, 7, 19 e 20:

“... contactei a PSP (...) Mas sem nenhuma intenção de prejudicar ninguém!”;

“... disseram, estavam a dizer que éramos todos uns racistas e que a senhora de cima também era uma racista (...) ele mandou-me para um sítio que eu não vou ter coragem de lhe dizer aqui.(...) passado mais ou menos, de uma forma muito violenta que eu subi imediatamente a escada porque pensei que se calhar a minha integridade física podia estar em causa (...); “o senhor (...), falou que o tecto de um dos quartos, lhe tinha caído (...) por causa das minhas obras ...”;

“Quando eu fiz essa mudança de canos (...) e um belo dia (...) a esposa do senhor Silvino veio bater-me à porta: Vizinha, Vizinha, Vizinha! (...) Ai, que está caindo água na minha casa, caindo água na minha casa... (...) Escorria água pela ombreira da porta da casa de banho, pelo fio eléctrico da lâmpada que ilumina a casa de banho, água já a correr pelo chão. (...) Que o problema estava resolvido (...) com certeza nós arranjaríamos! (...) naquele dia decidi vir cá acima, mas a água escorria há quinze dias! (...) E aí (...) apercebi-me de que, (...), os modos de vivência são tipo... não são bem camas, são assim uns cobertores pelo chão, umas coisas assim um bocado (...) e curiosamente não me parece que seja por carência económica, porque há muito dinheiro para bebidas, e isso está aos olhos de quem tiver o mínimo de paciência para ver os sacos a entrar para o apartamento. Muita garrafa de vinho...muita garrafa de vinho...” (E. 2)

No caso da Entrevista 2, os conflitos entre a entrevistada e a família começaram devido ao alegado ruído excessivo produzido pela família, que originou confrontos. Todos os seguintes episódios relatados revelam um mau estar entre a família e a entrevistada.

“Há esse abuso, isso há! Em questões de elevador... tanto que eu uma vez chamei a atenção e disse “Por amor de Deus, sete pessoas dentro do elevador é muito!” (...) há essas faltas de respeito, isso há. Tipo brincadeira. São jovens, talvez não pensem... (...) inicialmente sentavam-se lá em baixo, na porta da rua, eu para subir, como tenho dificuldades, tinha, mas levantavam-se imediatamente! (...) O pior é as pessoas que estavam ao lado deles, que eu não sei quem são! Continuo (...) Encontram-se aí,

estão aí em baixo a beber café até altas horas (...) É sentarem-se lá em baixo, e depois estão a beber café, coca-cola, entornam tudo. E fica ali tudo sujo.” (E. 7)

“... um hábito engraçado que eles têm: andam sempre a transportar material para dentro e para fora de casa (...) todo esse equipamento está impregnado de um cheiro, porque mantêm umas regras de higiene diferentes. (...) Deixam as paredes sujas, o chão sujo. E depois, quando fazem esses transportes, para além de arrastarem as coisas, portanto, arrastarem botijas de gás, que é frequente, tanto do gás de cozinha, como o gás para encher os balões, arrastam pelo chão, fazem imenso barulho, desgastam os mosaicos, depois, tudo o que se parte fica de lixo pelo edifício. Depois, cá fora, varrem a carrinha, deixam o lixo em frente ao edifício (...) As festas....e a barulheira...felizmente, acontece raras vezes, mas, ainda recentemente pelo Natal aconteceu. (...) A questão da higiene, (...) Mais incomodados nos sentimos quando nos vão visitar e temos o edifício naquelas condições. As pessoas dizem “Eh pá, mas cheira aqui tão mal no vosso edifício. O que é q se passa?” e então “Ah...Família cigana...” está tudo explicado, não é preciso dizer mais nada.”;

“... os miúdos tiram macacos do nariz e prendem na porta do elevador, (...) Uma pessoa a entrar no edifício, vai a por a mão na maçaneta da porta e vê que ela está toda suja, o vidro da entrada da porta está partido. (...) As escadas apareceram esmurradas e vários pontos do hall de entrada apareceram esmurrados ...” (E. 19)

“... por exemplo, os meninos às vezes, à noite, vão com eles ao café, a horas já....(...) A questão da higiene, é o que me preocupa mais. (...) Cheiram todos muito mal! O que até é uma coisa estranha, porque eles são tão direitinhos no resto (...) Pronto, tenho a questão de que ele estaciona muitas vezes a carrinha aqui à porta (...) esta questão do lixo que fica, as piriscas dos cigarros (...)E acho que eles têm um cão porque já aconteceu aqui no meu andar, estarem, estarem dejectos de animal ...” (E. 20)

No caso das Entrevistas 7, 19 e 20, as situações relatadas não se referem tanto a encontros pessoais, mas sim a pequenos episódios relativos aos espaços comuns. Isto leva-nos a crer que os espaços comuns dos prédios são os locais privilegiados de encontro entre os vizinhos e que comportamentos tidos como desrespeitadores deste espaço criam desconfiâncias nos restantes habitantes do prédio.

Para além destes testemunhos, alguns entrevistados referem algumas discussões que ouvem, mas ressaltam sempre que não é nada que e outros referem ainda que não têm qualquer tipo de situação caricata a relatar.

A um nível mais específico, verificamos algumas vezes relações de solidariedade e partilha entre os vizinhos e as famílias realojadas, o que revela, como apuraremos mais tarde uma boa integração das famílias. Consideramos ser possível aqui fazer uma relação entre os valores que os vizinhos assumem perante a família com a forma como aceitarão a presença das famílias.

“ ... mesmo coisas que eu tenho assim às vezes em casa, uns cortinados a mais e não sei quê, e vamos construindo, eu consegui também na igreja uma mobília para o menino, para o quarto, que ela também não tinha...hummm...Uma mesa ou assim, também conseguimos. Huh, pronto, a pouco e pouco vamos apetrechando a casa ...” (E. 3)

“E às vezes algumas coisas que acontecem, uma vez uma falta de gás, a senhora pediu-nos auxílio...” (E. 13)

“ ... já houve uma ocasião ou outra, que a minha mulher até ofereceu algumas coisitas, não sei se, para os mais ou novos, ou assim.” (E. 18)

No seguimento deste raciocínio, pedimos aos entrevistados, como questão final, que nos indicassem pontos positivos e/ou pontos negativos da presença da família realojada, numa tentativa de esforço de sintetização por parte dos entrevistados, e de análise do seu próprio discurso. Assumimos esta questão como um balanço conclusivo da restante entrevista.

As conclusões foram as já esperadas. Os entrevistados que demonstraram divergências com a família em outras questões, fazem um balanço negativo da vizinhança com a família:

*“Eu já tive vizinhos em muitos lados, nunca tive problemas com ninguém.”
(depois de explicitar que com a família tem bastantes problemas) (E. 2)*

“É uma pergunta muito difícil. Para já, já vivo aqui há quarenta e um anos. Este prédio está totalmente diferente daquilo que era. Quando falo em prédio, é em questões humanas. Há uma diferença, porque há diferença, acredite que há. O mais problemático nem é com esta família, ao fim ao cabo. É, e não é. Mas é uma diferença. (...) Olhe, é diferente. Não sei. Não sei quem é q tem que ser criticado, se são eles, se somos nós, mas há um...há certas coisas que nos levam talvez a fechar um bocadinho na nossa concha. Não sei. Talvez também necessitemos de formação, não sei. Não faço ideia. Apesar que eu sou receptiva a essas coisas, mas nota-se que há certas coisas que não dá para dar confiança. Porque senão abusam. Está a perceber?” (E. 7)

“Ah, era família minha (os vizinhos anteriores). É outra coisa... (risos) Não tem nada a ver. Não, mas aqui no prédio era tudo muito, tudo com muito bom comportamento, até estudantes e tudo. Nunca houve aqui barulho nenhum no prédio, num, nada. Tudo gente decente. Gente decente. Esta gente, não, não é, pronto.” (E. 17)

“Mas tirando esse aspecto positivo (deitarem-se cedo), os outros...não vejo mais nada de positivo. Também não estou à espera de nada positivos da...hmmm...da presença dos meus vizinhos. Só espero é que não seja negativo! (pausa) No caso deles é negativo...hmmm... É uma...uma presença que se nota e bem!” (E. 19)

“Pontos positivos não lhe posso dizer nenhum, que esta família não é uma família integrada no prédio, não é?” (E. 20)

Os entrevistados que afirmaram uma relação amigável com a família, fazem um balanço positivo da estadia desta.

“Ah, não! Negativos, não. Positivos, é que é mais companhia. Não, não, negativos não.” (E. 3)

“O único ponto positivo que eu posso dizer é que, dantes aqui em cima, acho que moravam aqui algumas pessoas, mas não me recordo assim das caras, e não sei quê, mas depois, quando eles vierem, a família veio para cá, pronto, ficou mais...digamos, mais habitado, não é? Porque não morava ninguém, coisas assim, e são boas pessoas, simpáticas e passei a conhecê-los...Pontos negativos também, não tenho nada a assinalar.” (E. 5)

“Positivos? Eu só tenho positivos. Porque, em relação a...hmmm...como é que eu hei-de dizer? De educação...em termos de educação, esta senhora não tem nada a ver com a outra senhora. (risos) Acho que é uma senhora muito educada, inclusive uma pessoa...hmmm, que tem um maior respeito pelas regras sociais que a outra senhora. Está a perceber? É, hmmm, portanto, é uma senhora que respeita para ser respeitada, portanto eu acho que...eu...pronto, com a outra senhora também nunca tive nada pessoal, mas sinto muito mais empatia com esta senhora.” (E. 13)

Os entrevistados que se mostraram indiferentes às restantes questões, fazem um balanço neutro.

“De maneira que não sei. Também não tenho problemas com ninguém, graças a Deus, absolutamente nada. Não dou problemas a ninguém, nem me têm dado problemas a mim. De maneira que não sei.” (E. 1)

“Não temos nada mesmo a indicar.” (E. 4)

“Quer dizer, ela propriamente não me incomoda.” (E. 9)

“Eu não tenho nada a referir. Como já disse, eu não mantenho assim grandes conversas com eles, por isso nem nada negativo, nem nada positivo.” (E. 11)

“É exactamente igual. Nós com os vizinhos anteriores dávamo-nos mais, conhecíamos melhor, estes não conhecemos tão bem, mas não tem assim aspectos negativos.” (E. 12)

“Não, isto é mais um bom dia, boa tarde. Aqui não há muitas confianças. A sério. É... e eu acho que é o melhor. É um bom dia, como está, tudo bem? Pronto. É só as nossas palavras uns para os outros aqui neste prédio.” (E. 15)

“Sinceramente não vejo que tenha havido alteração. Hmmm, quer dizer, o único pormenor, diria, é o pormenor quase estatístico, digamos, é que realmente é uma casa com bastante gente, eu não sei quantas pessoas lá vivem exactamente, mas é uma casa onde há bastantes pessoas, e onde vêm outras pessoas (E. – Mhm..) E isso às vezes nota-se um pouco mais movimento, na saída e na entrada do prédio, mas isso é uma coisa que está dentro da normalidade, a meu ver.”;

“Tudo isto que eu referi são coisas que considero perfeitamente banais, normais e aceitáveis. Não ultrapassam, nada daquilo que eu disse ultrapassa os limites do que possa ser aceitável num prédio onde vive bastante gente.” (E. 18)

Consideramos haver indícios de uma boa integração das famílias quando os seus vizinhos fazem balanços positivos ou neutros, e achamos importante, contudo, não assumir automaticamente a má integração das famílias quando os entrevistados fazem um balanço negativo, uma vez que, como procuramos perceber neste projecto, a integração das famílias realojadas passará, também, pela própria (pre)disposição da comunidade que as recebe.

Para além destas entrevistas, é importante reparar que em algumas famílias conseguimos obter, apenas, uma entrevista de um vizinho. Na maioria dos casos, isto deveu-se a impossibilidade de contactar os restantes vizinhos após várias tentativas. Contudo, houve casos em que os vizinhos se recusaram voluntariamente a participar no estudo, mesmo após várias tentativas, e houve ainda situações de recusa por medo de represálias das próprias famílias, o que, por si só, se revela ser um indicador de algum problema na integração das famílias em questão.

A escala de atitudes que fomos analisando ao longo das entrevistas encontra-se sintetizada na tabela seguinte (Tabela I)

ATITUDES POSITIVAS	ATITUDES NEUTRAS	ATITUDES NEGATIVAS
Convívio assíduo (E.3, E.5)	Sem convivência (E.1, E.4, E.7, E.9, E.11, E.12, E.15, E.17, E.19)	Convívio não amigável (E.2, E.20)
Conversas pessoais (E.3, E.5)	Conversas de ocasião (E.1, E.4, E.12, E.18, E.19)	Conversas sobre comportamentos desviantes da família (E.2, E.20)
Relação íntima de amizade (E.3) Relação amigável, não próxima (E.5, E.13)	Sem relação (E.1, E.4, E.7, E.9, E.11, E.12, E.15, E.17, E.18)	Relação de inimizade (E.2, E.19, E.20)
Participação activa em actividades da comunidade (E.3, E.5, E.7)	Sem conhecimento da participação (E.1, E.2, E.4, E.9, E.11, E.12, E.13, E.15, E.17, E.18, E.20)	Isolamento da restante comunidade (E.19)
Solidariedade e Partilha entre os vizinhos e a família (E.3, E.5, E.13, E.18)		
		Queixas por parte dos vizinhos (E.2, E.7, E.9, E.17, E.19, E.20)

Confiança na família (E.1, E.3, E.5, E.13)		Insegurança relativamente à família (E.2, E.7, E.19)
	Desinteresse relativamente à família (E.4, E.9, E.11, E.12, E.15)	
Presença da família classificada como positiva (E.3, E.5, E.13)	Presença da família classificada como neutra (E.1, E.4, E.9, E.11, E.12, E.15, E.18)	Presença da família classificada como negativa (E.2, E.7, E.17, E.19, E.20)

Tabela I – Escala de atitudes perante as famílias realojadas.

3.2 Análise Quantitativa

A informação recolhida através das entrevistas, juntamente com os dados demográficos da amostra, resultou em 31 variáveis, essencialmente nominais e ordinais, havendo apenas 3 variáveis escalares. Como já referido anteriormente, foram utilizadas 15 entrevistas nesta análise.

Tendo por base as respostas nas entrevistas, definimos a resposta sobre a qualificação da “Presença da família no prédio” como sendo a variável independente que melhor nos indica a percepção da integração das famílias realojadas por parte dos vizinhos, que nos parece ser um indicativo da integração real das famílias.

Constituímos então dois grupos de vizinhos e correspondentes famílias realojadas: os que percepcionavam como positiva ou neutra a presença da família e os que percepcionavam essa presença como negativa. Comparámos, então estes dois grupos entre si em todas as variáveis definidas.

Para as variáveis escalares “Número de anos a residir na habitação cedida”, “Número de constituintes do agregado familiar da família realojada” e “Idade média dos membros responsáveis da família” aplicámos o teste T- Student para amostras independentes, onde identificámos uma diferença estatisticamente significativa para a variável “Idade média dos membros responsáveis da família” ($p < 0,05$). Verificou-se que a avaliação que os vizinhos fazem da presença da família realojada é mais negativa quando a média de idades dos membros responsáveis da família é mais baixa. (Gráfico 1) Este é um ponto interessante de se analisar e julgamos ser passível de ser explicado pela atribuição de comportamentos mais ou menos responsáveis consoante a idade dos membros.

Esta foi também a única variável demográfica das famílias realojadas significativamente diferente nos dois grupos de vizinhos.

Este facto leva-nos a sugerir que a idade das pessoas realojadas poderá influenciar a integração das famílias nas comunidades onde são inseridas.

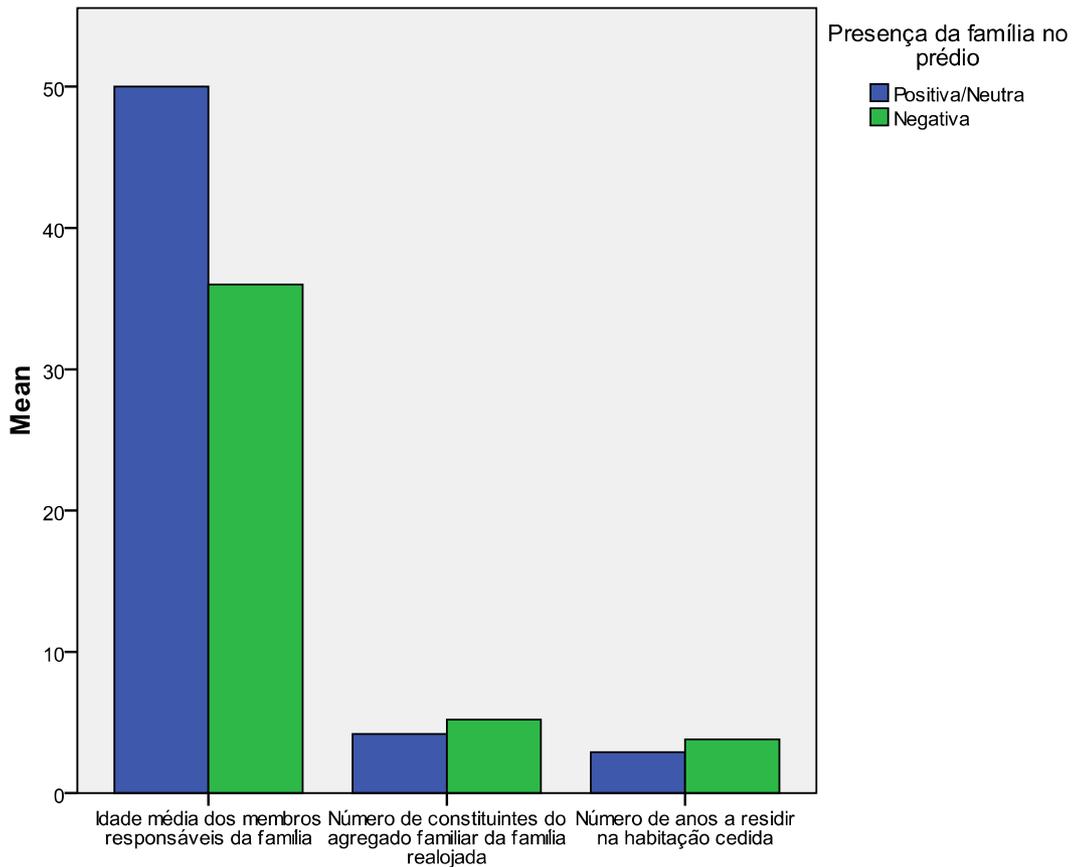


Gráfico I – Comparação entre os dois grupos de entrevistados que percebem a presença da família realojada como positiva/neutra e negativa para as variáveis demográficas da família realojada

Para as variáveis nominais e ordinais referentes quer as características demográficas dos entrevistados, quer às respostas dos questionários, aplicaram-se os testes χ^2 - quadrado, Eta e Phi and Cramer's V.

Obtivemos diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) para as respostas respeitantes à “Identificação de comportamentos abusivos dos espaços comuns”, “Registo de danos na propriedade comum”; “Registo do incumprimento das regras de condomínio”, “Tipo de Participação” na comunidade envolvente; “Choque com a comunidade dominante” e “Existência de Queixas”. (Gráficos 2, 3, 4 e 5)

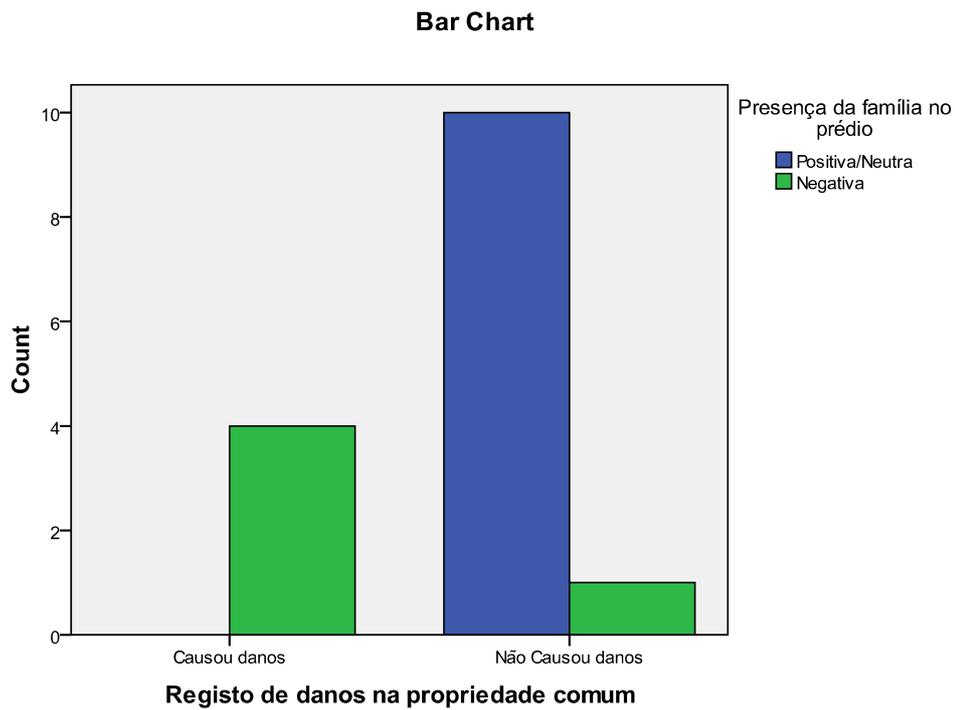


Gráfico 2 – Diferenças no registo de danos na propriedade comum entre os dois grupos de entrevistados que percebem a presença da família realojada como positiva/neutra e negativa.

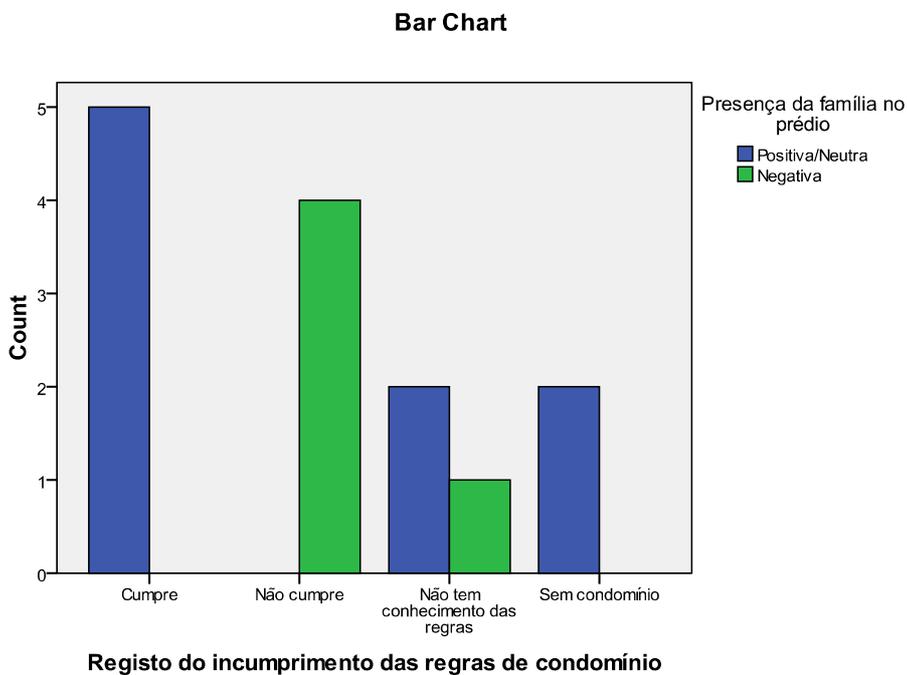


Gráfico 3 – Diferenças no registo de incumprimento de regras de condomínio entre os dois grupos de entrevistados que percebem a presença da família realojada como positiva/neutra e negativa.

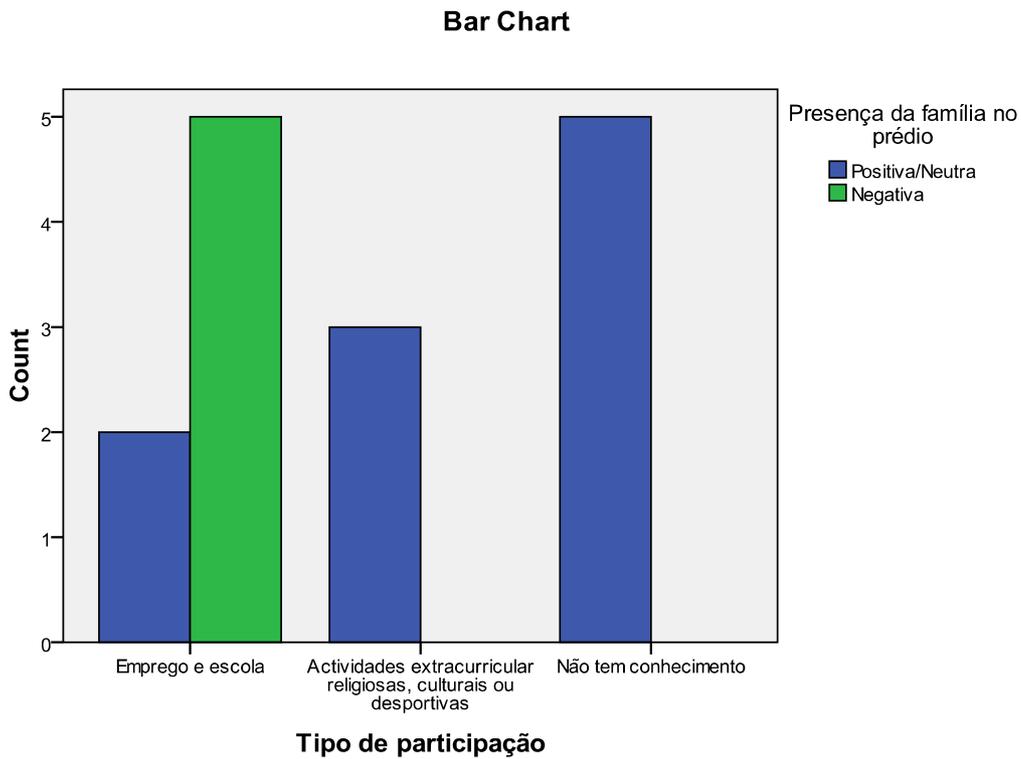


Gráfico 4 – Diferenças no tipo de participação na comunidade envolvente entre os dois grupos de entrevistados que percebem a presença da família realojada como positiva/neutra e negativa.

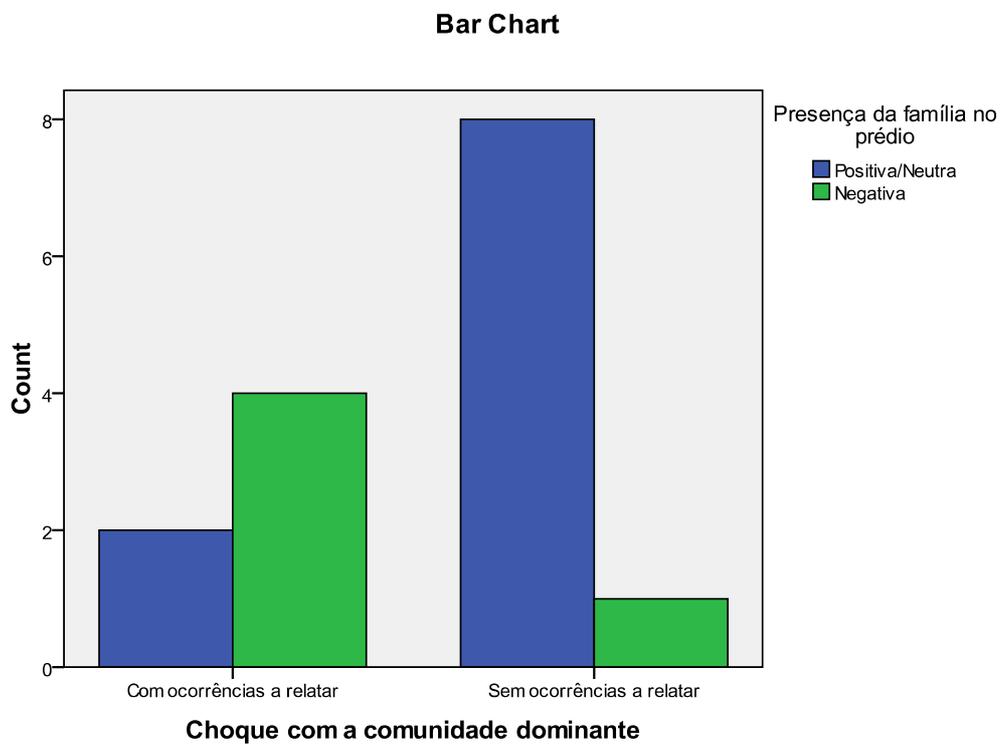


Gráfico 5 – Diferenças no choque com a comunidade envolvente entre os dois grupos de entrevistados que percebem a presença da família realojada como positiva/neutra e negativa.

As respostas seguintes sobre a tipificação das queixas, “Barulho fora de horário legal”, “Falta de higiene que deixe marcas”, “Companhias de aspecto não convencional” e “Queixas menos usuais de origem diversa”, eram também significativamente diferentes entre o grupo de vizinhos que identificavam a presença da família realojada como positiva/neutra e o grupo que identificava a presença da família como negativa. De notar que todos os vizinhos com percepção negativa da presença da família referiam pelo menos um tipo de queixa.

Ao analisarmos os resultados concluímos que os “Registo de danos na propriedade comum” e, dentro das queixas, a “Falta de higiene que deixe marcas” e as “Companhias de aspecto não convencional” são os pontos que mais influenciam a aceitação das famílias. Em relação a este último, verificou-se que todos os vizinhos que percepcionavam como negativa a presença da família no prédio, referiam a recepção de visitas de aspecto não convencional por parte da família. Por outro lado, nenhum dos vizinhos que revelou uma aceitação positiva/neutra referiu a presença de visitas de aspecto não convencional.

Estes são, pois, os aspectos que deverão ser mais cuidados da parte das famílias, e onde se verifica uma discrepância maior entre os hábitos da comunidade dominante com os hábitos das famílias realojadas.

Seguidamente, aplicando o coeficiente de correlação de Spearman, correlacionámos as variáveis ordinais “Presença da família no prédio”, “Escala de rendimentos”, “Faixa etária do entrevistado”, “Nível de educação do entrevistado”, “Classe social do entrevistado”, “Tipo de relação”, “Assiduidade do convívio” e “Participação activa na comunidade” e obtivemos correlações estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre a variável “Presença da família no prédio” e as variáveis “Classe social do entrevistado” e “Tipo de relação”; entre a variável “Escala de rendimentos” e a variável “Participação activa na comunidade”; entre a variável “Tipo de relação” e a variável “Participação activa na comunidade”; e entre a variável “Assiduidade do convívio” e a variável “Participação activa na comunidade”. (Tabela 2)

Interacção de Culturas: Desvio e Integração Habitacional

	Presença da família no prédio	Escala de rendimentos	Faixa etária do entrevistado	Nível de educação do entrevistado	Classe social do entrevistado	Tipo de relação	Assiduidade do convívio	Participação activa na comunidade
Presença da família no prédio								
Escala de rendimentos								
Faixa etária do entrevistado								
Nível de educação do entrevistado								
Classe social do entrevistado								
Tipo de relação								
Assiduidade do convívio								
Participação activa na comunidade								

Tabela 2 – Correlações entre variáveis demográficas das famílias realojadas e dos respectivos vizinhos entrevistados e variáveis correspondentes a respostas nas entrevistas. Nas áreas a roxo verifica-se a existência de correlação entre as variáveis. Nas áreas a cinzento não se verifica correlação entre as variáveis. (Ver Anexo VIII)

As correlações significativas entre as variáveis “Presença da família no prédio” e as variáveis “Classe social do entrevistado” e “Tipo de relação” sugerem-nos que a aceitação da presença das famílias no prédio está relacionada com a classe social dos entrevistados e também com o tipo de relação que as famílias mantêm com os vizinhos entrevistados. Pela análise posterior mais aprofundada das entrevistas, verificámos que a aceitação é maior quando se revela existir uma relação positiva com a família realojada.

Verificámos também existir uma relação entre a escala de rendimentos das famílias e a sua participação activa na comunidade.

A mesma variável “Participação activa na comunidade” relaciona-se significativamente, também, com as variáveis “Tipo de relação” e “Assiduidade do convívio”. Isto poderá ser explicado por haver uma maior probabilidade de contacto entre as famílias e os vizinhos quando estes participam mais activamente na comunidade por haver uma partilha de horários e hábitos quotidianos semelhantes, promovendo, também uma relação mais próxima entre as famílias e os vizinhos.

CONCLUSÃO

O objectivo deste trabalho prendeu-se com a análise do processo de integração nos locais de realojamento das famílias realojadas pela Câmara Municipal de Coimbra ao abrigo dos programas PROHABITA e “Situações de Emergência”.

Ainda que tenhamos dados que nos levem na direcção da hipótese de partida de que a integração das famílias realojadas não parte apenas de um esforço destas, mas é também resultado de uma pré-disposição da comunidade para integrar estas famílias no seu seio, achamos ser de crucial importância um aprofundamento deste estudo, no sentido de apurar se a hipótese se verifica a um nível mais generalizado.

É de valorizar os resultados que nos indicam haver uma boa integração para grande parte das famílias estudadas, que nos leva a acreditar que o modelo de realojamento aplicado é um modelo adequado e com muitos sucessos. Contudo, não podemos esquecer que nenhum modelo é perfeito e que tudo devemos fazer no sentido de melhorar a vida destas famílias, fomentando boas relações de vizinhança, para uma integração cada vez mais bem sucedida.

Segundo os dados recolhidos neste estudo, a idade média dos membros responsáveis da família realojada, o uso abusivo e os danos causados nos espaços comuns do prédio, o incumprimento das regras de condomínio, o tipo de participação que a família realojada tem na comunidade e as queixas relacionadas com o barulho provocado pelas famílias, a falta de higiene dos membros do agregado realojado e o aspecto não convencional das visitas recebidas pela família realojada, são aspectos que revelaram ter importância na aceitação que os vizinhos fazem das famílias realojadas.

Visto que o incumprimento das regras de condomínio por parte das famílias realojadas é frequentemente referido como factor negativo da sua integração, parece-nos importante que seja incluído no processo de realojamento da família uma vertente de informação acerca das regras de habitação do local de destino.

No que concerne aos hábitos relacionados com a higiene, verificámos que as famílias de etnia cigana realojadas eram as que suscitavam mais queixas por parte dos vizinhos entrevistados. Tal facto leva-nos a crer que um acompanhamento mais aprofundado das famílias desta etnia minoritária poderia minorar o impacto negativo destas diferenças comportamentais.

O tipo de participação que a família realojada mantém na sociedade parece-nos ser um factor promotor de contacto entre a família realojada e a comunidade envolvente. Por sua vez, a integração das famílias realojadas passa, também, pela partilha de espaços e hábitos quotidianos com a comunidade envolvente. Neste sentido, consideramos que poderá ser benéfico um maior acompanhamento das famílias a nível, por exemplo, da sua situação perante o emprego, com a cooperação de técnicos do Centro de Emprego e Formação Profissional, para uma mais eficaz integração destas famílias no mercado de trabalho.

Muitas vezes as famílias realojadas sofrem carências socioeconómicas e/ou são pertencentes a grupos minoritários com hábitos culturais e condutas contrastantes com os da cultura dominante. Frequentemente, este choque traduz-se numa predisposição negativa da comunidade dominante em acolher e integrar no seu seio estas famílias. Um esforço proactivo no processo de integração com vista a promover uma participação efectiva da comunidade receptora na integração das famílias realojadas, bem como a disponibilização de informação, quer por meio de esclarecimento de dúvidas, quer pela promoção da comunicação entre as famílias e a comunidade, poderão ajudar a combater esta tendência.

Este estudo é o culminar de um trabalho desenvolvido na Divisão de Gestão Social do Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra. É de ressaltar o carácter inovador do estudo, que nos traz uma abordagem nova à perspectiva da integração.

Resta apenas dizer que a oportunidade de levar a cabo este estudo, para além do enriquecimento profissional, proporcionou uma experiência ímpar, a qual permitiu também um crescimento pessoal. Os obstáculos que foram sendo encontrados e superados ao longo do processo aumentaram a minha capacidade de autonomia e engenho para levar a bom porto futuros projectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

i) Fontes Impressas:

Alves, Sandra (1996a), “Os Sem-Abrigo: (Sobre)vivências de Rua – Estudo e Diagnóstico – A exclusão social: fenómeno estrutural” in Hermano Carmo (org.), *Exclusão Social – Rotas de Intervenção*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

Baptista, Isabel *et al.* (1995), *A Pobreza no Porto: Representações Sociais e Práticas Institucionais*. Porto: Rede Europeia Anti-Pobreza.

Becker, Howard S. (1963), *Outsiders: estudos da sociologia do desvio*, Rio de Janeiro: Zahar.

Capucha, Luís (2000), “Nós e eles cá dentro: sobre o mito de um Robinson Crusoe ao contrário”, in José Madureira Pinto e António Dornelas (orgs.), *Pobreza, Exclusão: Horizontes de Intervenção*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Coelho, Mário Baptista e Medeiros, Carlos Laranjo (1991), “Do desvio à instituição total”, in Medeiros, Carlos Laranjo (org.), *Do desvio à instituição total: sub-cultura – estigma – trajectos*, Lisboa: Centro de Estudos Judiciários.

Comissão Europeia (2008), *Manual para a Integração da Dimensão da Igualdade de Género nas Políticas de Inclusão Social e Protecção Social*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Dias, Eduardo Costa *et al.* (2006), *Comunidades ciganas: representações e dinâmicas de exclusão-integração*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Elias, Norbert (1994), *The Established and the Outsiders: a Sociological Enquiry into Community Problems*, London: SAGE Publications.

Esteves, Marianela (2000), “Exclusão social à entrada do século XXI”, in José Madureira Pinto e António Dornelas (orgs.), *Pobreza, Exclusão: Horizontes de Intervenção*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Ferreira, António Fonseca (1987), *Por uma Nova Política de Habitação*, Porto: Afrontamento.

Fortuna, Carlos (1995), *Por Entre as Ruínas da Cidade: O Património e a Memória na Construção das Identidades Sociais*, Coimbra: Oficina do CES – Centro de Estudos Sociais.

Fortuna, Carlos (1999), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*, Oeiras: Celta.

Fortuna, Carlos (2001), “Introdução”, in Magda Pinheiro, Luís V. Baptista e Maria João Vaz (orgs.), *Cidade e Metrópole: Centralidades e Marginalidades*. Oeiras: Celta, 133 – 135.

Galego, Carla e Oliveira, Ana (2005), *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Goffman, Erving (1963), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: Zahar.

Pacheco, Vanda Raquel Alves (2009), “Entre a fobia da cigarra e a apologia da formiga: a Inclusão Activa e os Esquemas de Rendimento Mínimo na Europa.”, *Dissertação de Mestrado em Sociologia, especialidade de Políticas Locais e Descentralização: As Novas Áreas do Social*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Queirós, Eça de (1985), “A Cidade e As Serras”, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Quintas, António José (2008), “Onde está o bairro social? O caso de um realojamento social em lotes dispersos na Freguesia da Brandoa: percepção dos residentes sobre o novo espaço residencial”, Tese de Mestrado em Cidade, Território e Requalificação. Lisboa: ISCTE.

Roxo, Mariana Sofia Pereira Marques (2010), “Realojamento: Práticas e Políticas de Habitação no Município de Coimbra”, *Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Salim, Isabela Câmara (2008), *Os meios de comunicação étnicos em Portugal: dinâmica organizacional dos media das comunidades de imigrantes*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Serra, Nuno (2002), *Estado, Território e Estratégias de Habitação*, Coimbra: Quarteto Editora.

Silva, Maria Alexandra Batista Ferraz da (2001), “Políticas de habitação: seu desenvolvimento em Portugal”, *Dissertação de Mestrado em Economia , especialidade de Economia Financeira*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Sousa, António (2000), “A pobreza urbana em Coimbra”, *in* José Madureira Pinto e António Dornelas (orgs.), *Pobreza, Exclusão: Horizontes de Intervenção*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Sousa, Alexandra Filipa Silvestre e (2007), “As Políticas Sociais Activas e o Processo de Negociação para a Inserção Social”, *Dissertação de Mestrado em Sociologia, especialidade de Políticas Locais e Descentralização: As Novas Áreas do Social*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Velho, Gilberto (1978), “Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea”, in Sérvulo, A. Figueira (org.), *Sociedade e Doença Mental*, Rio de Janeiro: Edições Campos.

Xiberras, Martine (1993), *As Teorias da Exclusão: Para uma Construção do Imaginário do Desvio*, Lisboa: Instituto Piaget.

ii) Internet:

Classificação Nacional de Profissões CNP (s.d.), “Classificação Nacional de Profissões”. Página consultada a 5 de Agosto de 2010. Disponível em <<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>>

Gomes, Margarida Rocheteau (1996), “O Caso do Bairro de Celas”. *III Congresso Português de Sociologia*. Consultado a 10 de Agosto de 2010. Disponível em <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR492ac8ceea652_1.pdf>

POEFDS (2010), “Exclusão Social e Pobreza”. Página consultada em 15 de Junho de 2010. Disponível em <http://www.poefds.pt/portal/page?_pageid=33,30902&_dad=gov_portal_poefds&_schema=GOV_PORTAL_POEFDS&p_cod=MENU_150&p_cod_pai=MENU_145>

Sítio Web da Câmara Municipal de Coimbra – Downloads | Actas | Reuniões do Executivo (2010), “Área de Ficheiros”. Página consultada a 10 Junho de 2010. Disponível em <http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=132&Itemid=320>

Imagem da capa disponível em: <<http://www.ruadireita.com/imoveis-venda/info/leiloes-de-casas/>>

ANEXOS

ANEXO I – Tabela Excel de Tipificação das Famílias Realojadas

(disponível em formato digital)

ANEXO II – Guião das Entrevistas

Tópicos para guião de entrevistas:

- Relações com os arrendatários: se conhece bem ou não, se mantém convívio assíduo, conversas e assuntos das conversas;
- Opinião sobre a utilização dos espaços comuns;
- (se for o caso) relativamente aos outros condóminos, cumprimento das regras do condomínio;
- Participação com os arrendatários em alguma actividade da comunidade (associações ou assim);
- Conhecimento de alguns amigos/familiares dos arrendatários;
- Situações caricatas que envolvam os arrendatários;
- Pontos positivos e pontos negativos da chegada dos novos arrendatários;

ANEXO III – Documento utilizado no contacto dos entrevistados



Ao abrigo do Projecto de Estágio, promovido pelo Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, venho por este meio solicitar a sua participação no estudo sobre o processo de Integração das famílias realojadas com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra.

Peço, então, a sua disponibilidade por uma hora (tempo não exacto) para, na qualidade de vizinho/a de uma família realojada, me falar um pouco, respondendo a algumas questões, da sua experiência.

Como tal, deixo os meus contactos, e passarei mais tarde, novamente, para conversarmos.

Desde já agradecida pela sua colaboração

A Mestranda:

(Joana Rita Pina Rodrigues)

Contactos: 914823002

joana.r.p.rodrigues@gmail.com

ANEXO IV – Distribuição por freguesias

Eiras

- 17 - Estrada de Eiras, – etnia cigana, numerosa
- 69 - Rua Cidade Santa Clara da Califórnia – casal com um filho
- 95 - Urbanização do Loreto - etnia cigana
- 97 - Rua Dr. Manuel Almeida e Sousa – etnia cigana, monoparental
- 128 - Urbanização do Vale de S. Miguel – várias gerações

Santa Cruz

- 24 - Rua do Carmo – várias gerações
- 48 - Rua Padre Estevão Cabral – casal com dois filhos
- 67 - Avenida Fernão de Magalhães – família russa, monoparental
- 71 - Rua Figueira da Foz – família numerosa, monoparental
- 117 - Rua António José de Almeida – etnia cigana, numerosa

Santo António dos Olivais

- 31 - Rua do Brasil – casal idoso
- 45 - Urbanização Quinta da Fonte – casal com dois filhos
- 73 - Avenida Elísio de Moura – família PALOP, numerosa
- 74 - Quinta da Cruz Pedra – etnia cigana, monoparental
- 81 - Av. Fernando Namora – nacionalidade brasileira
- 124 - Urbanização Quinta da Boavista – nacionalidade chilena, monoparental

Almedina

- 76 - Rua da Alegria – família PALOP, monoparental
- 98 - Rua da Alegria – etnia cigana, monoparental

Sé Nova

- 70 - Rua António Vasconcelos – casal
- 85 - Rua dos Combatentes da Grande Guerra – etnia cigana
- 108 - Ladeira do Seminário – etnia cigana

ANEXO V – Processos das famílias realojadas seleccionadas para o estudo

PROCESSO 17

Estrada de Eiras – Eiras

Agregado Familiar:

J. B. M., 27 anos, etnia cigana, solteiro (união de facto), desempregado;

M. R. M., 25 anos, etnia cigana, companheira, solteira (união de facto), desempregada

I. R. M., filha, 5 anos, etnia cigana, solteira, estudante;

A. R. M., filho, 7 anos, etnia cigana, solteiro;

M. T. R. M., filha, 10 meses, etnia cigana;

Renda: 21,00 €

Residente desde Outubro de 2009

PROCESSO 24

Rua do Carmo – Santa Cruz

Agregado Familiar:

M. G. F. T., 69 anos, viúva, Reformada;

J. A. R. S., neto, 17 anos, solteiro, estudante.

Renda: 6,00 €

Residente desde Janeiro de 2007

PROCESSO 31

Rua do Brasil – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

E. C., 83 anos, casado, Reformado;

E. C., cônjuge, 94 anos, casada, Reformada.

Renda: 3,60 €

Residente desde Abril de 2004

PROCESSO 45

Urbanização Quinta da Fonte – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

M. F. N. P., 54 anos, casada, empregada na lavandaria dos Bombeiros Sapadores de Coimbra;

J. M. P., cônjuge, 54 anos, casado, impossibilidade de trabalhar por doença, ex-toxicodependente;

B. M. N. P., filho, 29 anos, solteiro, desempregado, ex-toxicodependente;

M. R. N. P., filha, 17 anos, solteira, estudante.

Renda: 88,55 €

Residente desde Julho de 2005

PROCESSO 48

Rua Padre Estevão Cabral – Santa Cruz

Agregado Familiar:

P. M. S. R., 29 anos, solteiro (união de facto), desempregado;

L. S. G. C., companheira, 32 anos, solteira (união de facto), desempregada;

A. P. C. R., filha, 9 anos, solteira;

L. S. C. R., filha, 5 anos, solteira;

Renda: 27,00 €

Residente desde Setembro de 2005

PROCESSO 67

Avenida Fernão de Magalhães – Santa Cruz

Agregado Familiar:

M. T., 50 anos, nacionalidade russa, viúva, fisioterapeuta;

V. T., filha, 27 anos, nacionalidade russa, solteira, estudante;

B. T., neta, 7 anos, nacionalidade portuguesa, solteira, estudante;

Renda: 17,00 €

Residente desde Abril de 2006

PROCESSO 69

Rua Cidade Santa Clara da Califórnia – Eiras

Agregado Familiar:

F. B. P., 42 anos, casado, pedreiro;

F. M. C. O., cônjuge, 42 anos, casada, empregada fabril;

A. F. O. P., 7 anos, solteira, estudante.

Renda: 214,00 €

Residente desde Junho de 2006

PROCESSO 70

Rua António Vasconcelos – Sé Nova

Agregado Familiar:

M. A., 66 anos, divorciada, reformada;

B. O. R., companheiro, 63 anos, viúvo, trabalhador auxiliar;

Renda: 75,00 €

Residente desde Maio de 2008

PROCESSO 71

Rua Figueira da Foz – Santa Cruz

Agregado Familiar:

I. M. F. P. C., 43 anos, casada, desempregada;
L. P. F. B., filha, 24 anos, solteira, desempregada;
T. A. F., filho, 22 anos, solteiro, desempregado;
J. P. P. C., filho, 18 anos, solteiro, estudante;
D. A. P. C., filho, 16 anos, solteiro, estudante;
T. S. P. C., filha, 13 anos, solteira, estudante.

Renda: 59,00 €

Residente desde Junho de 2006

PROCESSO 73

Avenida Elísio de Moura – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

S. C., 40 anos, nacionalidade guineense, casado, empregado fabril;
M. C. G. C. e C., cônjuge, 39 anos, nacionalidade guineense, casada, desempregada;
N. S. C., filha, 18 anos, nacionalidade guineense, solteira, estudante;
L. S. C., filha, 15 anos, nacionalidade guineense, solteira, estudante;
J. C. C., filha, 8 anos, nacionalidade portuguesa, solteira, estudante;
S. S. C., filha, 3 anos, nacionalidade portuguesa, solteira.

Renda: 69,00 €

Residente desde Julho de 2006

PROCESSO 74

Quinta da Cruz Pedra – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

J. M., 36 anos, etnia cigana, solteira, desempregada;
E. S. M., filho, 17 anos, etnia cigana, solteiro;
M. R. S. M., filha, 10 anos, etnia cigana, solteira;
E. M. S. M. encontra-se detido.

Renda: 5,58 €

Residente desde Junho de 2006

PROCESSO 76

Rua da Alegria – Almedina

Agregado Familiar:

A. G. C. O., 35 anos, país de origem São Tomé e Príncipe, solteira, desempregada, doente insuficiente renal crónica;

A. O. C. S., filha, 14 anos, solteira, estudante, paralisia cerebral;

Renda: 5,00 €

Residente desde Setembro de 2006

PROCESSO 81

Rua Fernando Namora – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

C. R. B. A. B., 40 anos, nacionalidade brasileira, separada, empregada de refeitório;

F. R. A. B., filho, 10 anos, nacionalidade portuguesa, solteiro;

Renda: 22,00 €

Residente desde Novembro de 2006

PROCESSO 85

Rua dos Combatentes da Grande Guerra – Sé Nova

Agregado Familiar:

M. L. A. M., 30 anos, etnia cigana, solteira (união de facto), desempregada;

A. T. S. A., 35 anos, etnia cigana, companheiro, solteiro, desempregado;

A. L. S. A., enteada, 13 anos, etnia cigana, solteira, estudante;

A. T. A. M., filho, 8 anos, etnia cigana, solteiro, estudante;

J. A. M., filho, 5 anos, etnia cigana, solteiro;

Renda: 17,00 €

Residente desde Janeiro de 2007

PROCESSO 95

Urbanização do Loreto – Eiras

Agregado Familiar:

C. M. D. M., 39 anos, etnia cigana, solteira, desempregada;

M. B., companheiro, 46 anos, etnia cigana, solteiro, desempregada;

D. M. B., filha, 18 anos, etnia cigana, casada, desempregada;

Esposo de D. (nome?), (idade ?), etnia cigana, casado;

T. M. B., filha, 15 anos, etnia cigana, solteira, estudante;

Filho de D., 1 ano, etnia cigana.

Renda: 18,60 €

Residente desde Maio de 2007

PROCESSO 97

Rua Dr. Manuel Almeida e Sousa – Eiras

Agregado Familiar:

M. F. R. M., 52 anos, etnia cigana, solteira, empregada doméstica;

A. P. R. M., filho, 22 anos, etnia cigana, solteiro;

A. R. M., filha, 15 anos, etnia cigana, solteira, estudante;

A. M., filha, 12 anos, etnia cigana, solteira, estudante.

Renda: 29,00 €

Residente desde Agosto de 2007

PROCESSO 98

Rua da Alegria – Almedina

Agregado Familiar:

F. M., 32 anos, etnia cigana, solteira, desempregada;

R. M., filha, 11 anos, etnia cigana, solteira, estudante;

Companheiro de F. M., J. M., encontra-se detido.

Renda: 5,00 €

Residente desde Julho de 2007

PROCESSO 108

Ladeira do Seminário – Sé Nova

Agregado Familiar:

I. I. F. M., 52 anos, etnia cigana, divorciada, vendedora ambulante;

D. S. F. G. G., filho, 15 anos, etnia cigana, solteiro, estudante;

DIVORCIADA!!! (não é permitido na etnia cigana)

Renda: 5,00 €

Residente desde Janeiro de 2008

PROCESSO 117

Rua António José de Almeida – Santa Cruz

Agregado Familiar:

P. A. D. D., 39 anos, etnia cigana, solteira, desempregada;

J. A. A. V., companheiro, 26 anos, etnia cigana, solteiro, desempregado;

M. F. D. A., filha, 16 anos, etnia cigana, solteira;

M. S. D. A., filha, 14, etnia cigana, solteira;

F. F. D. A., filho, 12 anos, etnia cigana, solteiro;

C. D. A., filho, 8 anos, etnia cigana, solteiro;

J. C. D. V., filha, 6 anos, etnia cigana, solteira;

J. A. D. V., filho, 3 anos, etnia cigana, solteiro.

Renda: 82,00 €

Residente desde Outubro de 2008

PROCESSO 124

Urbanização Quinta da Boavista – Santo António dos Olivais

Agregado Familiar:

G. C. H. Salgado, 48 anos, nacionalidade chilena, separada, cozinheira;

A. C. H., filho, 15 anos, nacionalidade chilena, solteiro, estudante;

L. M. H. S., filho, 6 anos, nacionalidade portuguesa, solteiro, estudante.

Renda: 42,00 €

Residente desde Setembro de 2009

PROCESSO 128

Urbanização do Vale de S. Miguel – Eiras

Agregado Familiar:

C. M. B. P. C. S., 21 anos, solteira, estudante, deficiente motora e portadora de paralisia cerebral;

A. A. P. C. S., pai, 50 anos, divorciado, desempregado;

M. C. P. C. S., avó, 80 anos, viúva, reformada.

Renda: 54,00 €

Residente desde Janeiro de 2010

ANEXO VI – Entrevistas

**(nota: Entrevistas 6, 8, 10, 14 e 16 sem
informação)**

ENTREVISTA I

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – >=60 anos

Educação – ensino básico

Emprego – reformada

Profissão – Grandes Grupos III e IV do CNP

Classe – média.

E. – Eu gostaria então que me falasse um bocadinho da relação que tem com a família de lá de baixo, portanto, se conhece bem, se mantém assim contacto, se conversa, o que costuma conversar...

e. – Aqui com os vizinhos? Não, não tenho grande convivência com vizinhos. Só... Dou-me mais é com a vizinha aqui do segundo andar, mas até já lá nem vou há dias. E ela tem estado doente... mas não convivo assim muito. Eh, se os vir, converso, cumprimento-os e tudo, mas não... e a antiga administradora, que mora no décimo andar, também... Mas às vezes estou muito tempo sem a ver, porque está tudo empregado, não é? De maneira que saem de manhã, vêm à noite, têm a sua vida ocupada, não é? De maneira que não tenho assim grandes intimidades. Aqui a senhora do lado, também me dou com ela, mas também já não a vejo há dias, desde o último dia da reunião, nunca mais a vi... E ...

E. – E com os vizinhos ali do 2º B, aquela família...?

e. – A dona Laura...A dona Laura é que me dou mais com ela...

E. – Ali os do 2º B, portanto, o senhor Sabino. Costuma-se dar com ele, ali com aquela família...

e. – Havia pessoas aí com que me dava muito bem, que é aqui do 2º C, que era o doutor Gávio, o doutor... o marido da Dra. Luísa! Mas já morreram também... Agora a casa está alugada também a outra gente, que nem os conheço, que já estão aí há dois meses ou quê, mas nem os conheço, nunca os vi. Fazemos assim uma vida um bocado isolada, porque é tudo empregado, não é? Chegam à noite têm a sua vida para organizar, também não podem receber visitas... Dava-me muito bem também com uma família aqui por cima, que era o Dr. Castelo Branco, mas foi lá morar para baixo, para o pé da estação! Que tem lá um prédio dele e foi para lá, mas morava aqui há muitos anos. De maneira que eu acho que há aí muita gente nova, aí não... Se passo, Bom dia, Boa Tarde, Boa noite, mas não tenho assim grande intimidade...

E. – Mesmo com os do 2º B, que é o senhor Sabino, a senhora Maurícia, mais os filhos, que acho que são quatro, não os conhece assim muito bem, não tem muito contacto com eles?

e. – Eu conheço a dona Laura e o senhor Ferreira, que é o marido. É com quem eu me dou mais. Visitamo-nos, ela vem cá, de longe em longe, e eu vou lá também de longe em longe. Todos têm a sua vida, não é?

E. – Claro. Falando mais especificamente então daquela família que eu lhe tinha falado, dos do...

e. – O doutor Castelo Branco?

E. – Não, não! Da família que foi realojada pela câmara! Sabe, os do 2º B?

e. – Ah, aqueles de cor?

E. – Sim, sim senhora! Falando mais desses...

e. – Ela nem a conheço, porque a senhora é raro vê-la. Agora, ele é q o vejo de vez em quando. Agora já não o vejo há muito tempo! Desde o último dia da reunião, e... porque ele também... ele foi lá por causa de uma questão qualquer que tem aqui com a minha vizinha do lado, porque era barulhos e mais não sei quê, e estiveram lá a expor as suas razões. Porque ele não tinha direito a ir à reunião, porque é uma pessoa que está pago pela câmara, salvo erro (E. – Sim, a câmara apoia a renda...) pois, a câmara é que tem subsidiado. Mas já estão aí há muito tempo. Mas eu não os oiço! Ela queixou-se que eles que fazem muito barulho, as crianças e mais não sei quê, não sei quê. Eu aqui não os oiço. Também é um lado diferente! Mas não os oiço nem tenho a mais pequenina razão de queixa deles. E quando os encontro, quando o encontro a ele! Porque ele até acho que se magoou e anda com umas muletas, e Bom dia, Boa tarde, mas cumprimenta sempre muito bem, e de resto mais nada! (E. – Sim senhora...) A senhora, nem a conheço. As crianças, acho que também não...hum... vi uma vez uma pequenita, era uma pequenita, salvo erro. E de resto... nós estamos cada um nas suas casas e não há assim grande convivência. (E. – Claro...) até a dona Laura diz muito bem deles, eu também não digo mal, porque não tenho nada a dizer, absolutamente nada, e então disse “olha, ainda dizem que os, os, as pessoas de cor são assim, são assado...” apareceu uma carteira e a pequenita acho que foi lá bater à porta a perguntar se era dela, afinal era uma carteira que acho que tinha muitos documentos e tinha dinheiro. E digo assim “afinal são pessoas muito sérias, porque até a criança foi entregar aquilo!” Mas eu, se a vir na rua, não a conheço!

E. – Sim senhora... E assim a opinião que tem sobre a utilização que eles fazem dos espaços comuns do prédio?

e. – Quem? Os tais?

E. – Sim, sim, sim...

e. – Hmm... Não tenho nada a dizer, nem de bem, nem de mal. Porque não tenho convivência com eles. Eu não os sinto! Aqui a minha vizinha é que se queixou na reunião! Que eles que faziam muito barulho, e mais não sei quê. As crianças, e que tinham o computador, o, o, que tinham música ou não sei quê muito alta e mais não sei quê. Esteve lá, a queixar-se! Mas eu não os sinto.

E. – Então relativamente aos outros restantes habitantes do prédio....

e. – Não sei se aquilo realmente é verídico, se é por má vontade...isso não sei! Sei que estiveram lá os dois a discutir na reunião. Ele depois expôs as suas razões e depois foi-

se embora. Ele até anda de muletas ainda. Andava... Agora já não, desde aí desse dia, nunca mais o vi! (E. – Sim senhora...) Até pensava que eles já estivessem cá! De resto... e é a tal senhora, que foi administradora já umas poucas de vezes, que mora no décimo andar, é o doutor...o engenheiro, o engenheiro também já não o vejo há muito tempo. Ele também já está reformado e de vez em quando acho que vai para o pé da filha que mora na figueira. O meu marido uma vez teve, desmaiou, ali ao começo, à entrada, a entrada depois de, de, daquelas escadas (E. – sim, sim, sim...) desmaiou. Ele, por acaso, vinha do, desceu do elevador e foi ele que telefonou para a ambulância para o meu marido ir para o hospital. E são pessoas muito atenciosas. Mas cada um tem as suas casas, as suas vidas...

E. – Mas está-me a falar de...de quem é que?

e. – Do engenheiro...

E. – Ah! Sim...

e. – De maneira que não... Cada um tem as suas vidas... as suas casas... de maneira que não... não dá tempo para fazer visitas e para estar a conviver. Porque são empregados, parte deles... parte... A maioria! E não há assim grande convívio... Agora está aí muita gente nova! Que por acaso já os tenho encontrado quando venho a sair e a entrar e nem abrem a boca. Eu dou sempre os bons dias ou as boas tardes, mas às vezes nem respondem. Não sei se são inquilinos, porque podem ter quartos alugados, que também não sei, sim não sei, não sei o que são. Sei que têm pouca educação e não respondem. Que não falam, que...

E. – Mas aquela família que estávamos a falar, normalmente nisso, costumam cumprimentá-la sempre?

e. – Esses cumprimentam sempre.

E. – Focando mais assim nessa família, sabe se costuma participar em alguma actividade, aqui assim à volta, na comunidade, ou se...

e. – Os tais de cor? (E. – Sim, sim, sim...) Não sei. Sei que ele, de vez em quando via-o sair e tinham até carro. Não sei se era deles ou não. Entrava no carro, punha as muletas atrás, no banco de trás e ele é q conduzia. Mas já não o vejo desde a reunião, nunca mais o vi.

E. – Sim senhora. E tem conhecimento de algum amigo ou familiar dessa família que tenha visto alguma vez entrar?

e.- Não...não me têm incomodado em nada, absolutamente em nada. Se lhe dissesse o contrário mentia! Mas absolutamente nada! E como lhe digo, não conheço a senhora. Sei que muitas vezes vem gente de cor (E. – Sim...), visitas! Ou familiares, ou visitas. Que vêm mesmo aos domingos e que se juntavam aí, mas barulhos também não ouvia e vinham conviver, não é? Porque são pessoas naturalmente ou vieram da mesma terra, ou são familiares, ou coisa assim. Que eu também não gosto de me meter na vida dos outros, não é? (E. – Claro, claro, claro!) nem gosto de andar a saber novidades e... mas depois, quer dizer, saem! Vêm só passar o...por exemplo, ou de tarde, ou vêm almoçar

ou assim, que eu também não sei, que não vou lá! De maneira que, não lhe posso dizer o contrário. Aquilo que lhe estou a dizer é a verdade. Agora se for aqui à vizinha do lado, ela é que estava muito furiosa na reunião. Era uma fúria! Porque o barulho, e mais não sei quantos, e mais não sei quê. Foi, tiveram para lá uma discussão horrível. Ele, por acaso, até foi uma pessoa delicada. Falou, falou, falou, expôs as suas razões, falou, mas não, depois acabou lá, acabaram os dois de discutir o assunto, que era dos barulhos, e ele foi embora depois, porque ele não pertencia à reunião, porque não é dono do andar, do apartamento.

E. – E sabe assim de alguma situação caricata que os tenha envolvido, para além dessa discussão com a vizinha?

e. – Não sei, nem nunca mais falei com a vizinha desde esse dia da reunião. Porque também é empregada, sai de manhã. Eu, às vezes eu levanto-me um bocadinho mais tarde e quando me levanto, às vezes já tenho tocado lá à campainha e ela já não está. E se vem à hora do almoço não sei também, porque não vou lá à hora do almoço, e quando vêm à noite, vêm sempre aflitos, não é, porque têm a sua vida para organizar e também não é alturas para fazer visitas. De maneira que estamos assim isolados, não é? Saímos e...

E. – Sim senhora. Portanto, assim pontos positivos e pontos negativos desta família ter vindo morar para cá?

e. – Não tenho nada, absolutamente nada.

E. – Acha que acabam por ser vizinhos...

e. – Como digo, para nós, para mim e para o meu marido, eles são o máximo, ele! É o máximo da educação, porque dá sempre os bons dias, as boas tardes, as boas noites, e mais nada. Não passa disto. Conviver, não convivemos. Eles não vêm cá e a gente não vai lá. Eu nem conheço os miúdos, uma pequenita às vezes é que vinha com ele, não sei se está no infantário, se está na escola, se quê, é que vinha com ele, mas já há muito tempo que não, há meses, que não a vejo! E nem sei quantos filhos tem... (riso), é curioso! Eu sou pouco curiosa nessas coisas, cada um tem as suas vidas. De maneira que não sei. Também não tenho problemas com ninguém, graças a Deus, absolutamente nada. Não dou problemas a ninguém, nem me têm dado problemas a mim. De maneira que não sei.

E. – Acho, portanto, que o realojamento desta família está a correr bem?

e. – Conosco não tem havido nada. De maneira que é assim, já temos idade... Comprámos esta casa, foi a segunda, o segundo prédio a fazer-se na avenida.

E. – Então já aqui estão a morar há muito tempo...

e. – Ah, muito! Fomos as primeiras pessoas a comprar... comprámos aqui o andar ainda só estava o terreno!

E. – Então até são das primeiras pessoas do prédio, não é?

e. – Fomos a primeira pessoa a comprar aqui um andar. Ainda não estava construído!

E. – Então e posto isto, notou alguma diferença desta família realojada para os que estavam antes?

e. – Nada! Absolutamente nada!

E. – Então acha que esta família está-se a dar bem, na sua opinião?

e. – Como lhe digo, se a senhora fora aqui ao lado, a senhora é capaz de lhe dizer absolutamente o contrário! Mas tem de se dar também um certo desconto, porque, bem, os barulhos e tudo, porque têm crianças, não é? Têm lá crianças. As crianças têm de fazer barulho. E naturalmente põem a música muito alta ou qualquer. Eu aqui não oiço nada. Nem música nem nada! Porque o prédio realmente tem um isolamento ou não sei quê, não oiço nada.

E. – E mesmo alguma vez a passar no segundo andar, notou alguma coisa?

e. – Absolutamente nada. Eu geralmente vou de elevador também, a não ser quando falta a luz, ou alguma coisa, mas das poucas vezes que desço e que vou a casa da dona Laura, nunca ouço nada.

E. – Pronto, agradeço então ter-me respondido a estas questões.

ENTREVISTA 2

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [35; 45[anos

Educação – ensino superior

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos I e II do CNP

Classe – média alta.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho da relação que tem com aqui com os arrendatários, portanto, com o 2º B, se conhece bem, se costuma conversar...

e. – Neste momento, hmmm, a minha relação é uma relação que, hmmm, digamos que não é propriamente uma relação, porque, porque não há nem, nem dar bem, nem dar mal. Pronto. Haaammm... No início quando esta família veio para cá, hmmm, recordo-me que, hmmm, nos encontros ali nos elevadores, ou assim, havia um cumprimento cordial e eu fazia questão que da minha parte, portanto, esse cumprimento fosse realmente efectuado para, hmmm, porque, enfim, conheço um pouco também da cultura destes países, porque a minha formação académica é estudos portugueses, (E. – Mhm) portanto também dei alguma literatura africana e... (E. – Sim, sim...)...e de forma que conheço um pouco da história destas, destas, destas pessoas e sei que... à partida pode haver um pouco um certo complexo de inferioridade e na tentativa, portanto, de colmatar, e que isso não acontecesse, eu sempre fiz questão de cumprimentar, de dizer qualquer coisa às crianças “Então vais para a escola?” tipo isso, para, pronto, enfim. E curiosamente, não sei precisar, mas curiosamente, durante largos meses, eu não tive razão de queixa, mas entretanto parece que houve uma...uma...não sei, no início, talvez, por ser o início, tivessem algum cuidado, de repente, de repente, a coisa começou realmente a escambar, como se costuma dizer, hmmm, e portanto, hmmm, vou só contar mais um pormenor de um, porque foi um primeiro contacto, mais ou menos, e que, hmmm, houve aqui uns arranjos, e, e ao pintar a varanda, o gradeamento da varanda, acho que caíram uns pingos de tinta lá em baixo, e a senhora queixou-se, e com razão, não é? (E. – Sim, sim...) hmm, e eu, eu pessoalmente, fui lá logo com um produto pedir para me deixar tirar os pingos que lá tinham caído. Hmmm...e aí apercebi-me realmente do tipo de...de ambiente que ali se vivia a nível de pouca higiene, tudo muito sujo, muito desarrumado, tudo muito fora do sítio, mmmm, pronto, mas eu também não tenho nada a ver com isso, com o que vai na casa dos outros, e portanto lá fiz o que tinha a fazer, pedi desculpa, e isso passou-se. Eu não sei se esse, se esse contacto (E. – Mhm...) hmmm, lhes deu algum, algum à vontade a mais, não sei explicar. Sei que entretanto, hmm, começou, começaram a ser extremamente barulhentos, quer a nível de música, uma coisa, mas, mas um barulho de, de me tremerem os quadros! (E. – Mhm...) hmmm, e, e, e assados. Assados nomeadamente a carvão, na varanda. (E. – Sim.) hmmm...houve entretanto algumas...hmmm, algum, alguns pedidos, algumas solicitações, hmmm, a mais recente, lembro-me, foi através do ex administrador, (E. – Mhm...) hmmm. Houve, houve também uma vez que, eu nunca cheguei a ter a certeza se estava a agir bem se estava a agir mal. Mas houve realmente uma vez em que o meu filho mais velho estava a acabar o curso de engenharia informática e estava sob aquele stress, queria estudar e não era possível por causa do barulho. (E. – Sim, sim...) E eu fui para falar com o administrador e não o encontrei. E

estava realmente já muito desapacentada porque a questão da música já vinha vindo... (E. – Sim, compreendo...) e eu estava já muito desapacentada. E então, hmmm, pensei, talvez resulte uma autoridade aqui à porta. E não foi no sentido de fazer mal às pessoas. Mas contactei a PSP e disse: olhe! Passa-se isto assim, assim e eu estou na esperança de que se os senhores viessem aqui dar uma palavrinha que a coisa se resolvia, porque realmente são hábitos, que, aqui, hmm, em apartamentos não pode ser. Se fosse uma casa no meio da, enfim, aí das árvores, tudo bem. Ahhh... e a PSP na altura perguntou-me: já pediu, já falou com as pessoas? e eu disse: olhe, não falei. Não falei porque não sabia se devia falar. Portanto, ainda não tinha havido contacto nenhum deste tipo de coisas. Enfim, eu não sei se as pessoas vão aceitar bem, não sei se vou ser bem tratada, se vou ser mal tratada, se bem recebida, se mal recebida. Ahhh, pronto, quer dizer, e os senhores também existem para estas coisas e uma autoridade é sempre uma autoridade. (E. – Claro.) pronto, e isso aconteceu realmente, eu chamei a PSP. Mas sem nenhuma intenção de prejudicar ninguém! Apenas para...mas a verdade é que eu acho q isso foi muito mal interpretado por parte deles. E então a histórias que se seguiram eram de por música muito muito alto, ahhh, e por, hmmm, veio, hmmm, pelo menos mais duas vezes. A PSP. Quando a PSP vinha eles desligavam a música totalmente, portanto, começou a haver assim este jogo de haam...vou prejudicar-te ou vou destabilizar-te, pronto. E destabilizaram realmente muito mesmo. A última questão que houve foi, portanto, também por causa dos assados, porque eles grelham, continuam, mas menos, ahhh, grelham carne, mesmo, grelham sardinha, grelham o que lhes apetece, na varanda! Olhe, eu, hmmm, o meu estendal da roupa é exactamente na varanda, que é a marquise, onde estão as máquinas e onde eu tenho o estendal. Onde tenho o estendal interior porque o estendal que tinha nos quartos, na parte dos quartos, era exterior e nós, todos em conformidade em reunião, decidimos tirar os estendais exteriores para dar alguma beleza ao prédio. Portanto, eu tirei o meu estendal, e por isso fiquei com este problema de não ter onde estender a roupa! Agora, para lhe dizer quantas vezes é que eu apanhei a roupa do estendal e a meti novamente na máquina, não lhe consigo dizer! Foram muitas! Se tentei pessoalmente fazer-lhe estender isso a bem, a pedir? Tentei. Ahhh, uma vez até me foi dito que sim senhor, que iam ter mais cuidado, que não sabiam que eu secava ali a roupa. Mas logo passado duas semanas, ahhhh, aconteceu novamente e eu fui ter com o administrador e disse: olhe, há duas semanas atrás prometeram, afinal já estão outra vez, pode vir ver, já estão outra vez a assar, dessa vez não era com carvão, era com grelhador eléctrico. (E. – Mhm...) ahhhhhh...a administração, a administração, hmmm, tomou, hmmm, portanto, tentou fazer alguma coisa e nessa, nessa bela noite, que eu agora não sei dizer, talvez mais ou menos há um ano, ahhhhhh, estava, ah! Porque é assim, eu não sei quantos elementos é que compõem aquele universo familiar. O que eu sei é que, e isto é realmente uma característica da cultura deles, eles juntam-se em dez, vinte, trinta, os que calhar. E depois juntam-se para quê? Para beber e para cantar! E dançar e ouvir música! Ora isto num apartamento destes é muito complicado. E depois, uma vez por outra, todas nós fazemos, todos nós fazemos essas coisas, agora, claro que dia sim, dia sim, é muito complicado. Portanto, eu passei um mau bocado. E digo passei porque está um pouco melhor. (E. – Mhm..) Pronto. Mmmmmh... nessa noite em que eu pedi a ajuda da administração, a administração, que é um senhor e uma senhora, foi lá e foram muito mal tratados. Mmmmh...entretanto disseram, estavam a dizer que éramos todos uns racistas e que a senhora de cima também era uma racista, ahhhhhh, e eu que estava a dois ou três metros disse: olhe, eu peço desculpa, mas eu tenho, eu tenho que o contradizer porque eu nunca tive uma atitude de racismo perante vós. Mas eu pouco mais disse, porque entretanto ele mandou-me para um sítio que eu não vou ter coragem de lhe dizer aqui.

Disse em reunião de condomínio, ahmmmm, mas enfim, apercebe-se o que se terá passado mais ou menos, de uma forma muito violenta que eu subi imediatamente a escada porque pensei que se calhar a minha integridade física podia estar em causa, e portanto, ao contrário daquilo que eu pensei no início, sim, são pessoas em quem não se pode confiar, porque se dessa vez em que eu inclusivamente lhe pedi para entrar para ele ver onde é q eu estendia a roupa, se dessa vez ele foi pacífico, (E. – Mhm...) ahhhmmm, da outra vez foi extremamente violenta. Agora, não sei se me compete a mim dizer se estava embriagado, se foi por isso, se não foi...agora, se há pessoas, resumindo e concluindo, que ahhhmmm, causam, ahmmmm, muito mau estar, ahmmmm, aqui, que já causaram, muito mau estar, e reitero, agora menos, ainda bem, mas por exemplo, ainda há umas três semanas, pronto, lá foi muito barulho, e eles dizem, e ele foi, errrrmmmm...o último procedimento da actual administração foi pedir a presença do senhor, creio que ele se chama Silvino (E. – Sim, sim.) na, na reunião. E portanto... administração pôs-lhe algumas questões às quais ele respondeu, outras coisas que quis dizer sem ninguém lhe ter perguntado, muitas falsas, sem dúvida nenhuma, ahmmmm... inclusivamente coisas contra mim, hmmm, e que depois eu com datas precisas sobre as minhas obras lhe provei para todos quantos estavam na reunião que aquilo que ele estava a dizer era falso e que as coisas que lhe tinham aparecido não, não, não advinham das minhas obras porque as datas não coincidiam e isso foi o que ficou tudo provado na reunião. Obviamente que no fim as pessoas me disseram que ele tinha perdido toda a crede...credibilidade, mesmo relativamente a algumas pessoas que podiam também pensar assim: mas será que a senhora tem razão, ou será que ela tem, ou que ela é, algo, algo racista? Mesmo essas pessoas, as pessoas na, na reunião foram unânimes em me, em me confortar, tanto que inclusivamente até chorei, não é? Porque isto vai andando, vai andando, que vai desgastando...

E. – Esta reunião foi quando?

e. – Essa reunião foi no início deste ano. (E. – Sim, sim...) No início deste ano... Ora...Pronto. Ele ainda tentou... Ele ainda tentou... hmmm... contrariar algumas afirmações minhas, mas eu pronto, provei, provei que realmente, hmmmm, não tinha, não tinha qualquer... não estava minimamente de consciência pesada relativamente a nada. Pronto, ele falou logo no início, depois saiu que não é proprietário, não é? Hmm...saiu. Educadamente. Agradeceu, o facto de ter sido chamado à reunião, portanto, teve realmente um comportamento, haaaaaaaan, oooo, ooo, ou por iniciativa dele, ou então aconselhado por alguém, não sei, teve o comportamento correcto na reunião e pronto, e a partir daí as coisas acalmaram um pouco. (E. – Mhm...) Ahhhn, Agora, por exemplo eu tenho, aqui pela casa, pode ver, tenho coisinhas, tenho coisinhas a dar cheiros, tenho...ahhhn, sempre, sempre, sempre estas duas janelas fechadas. Eu nunca posso abrir. A não ser que eu esteja em casa e que na altura, pronto, agora não estão a vir cheiros, ahhhn...mas se, se estou em casa, de repente começam a vir eu logo...aaahnnn...portanto, eu vivo nestas condições. Aaaahnnn... Paguei bom, bom dinheiro por este apartamento há nove anos, vim para a Elísio de Moura julgando que era uma zona em que realmente nunca teria este tipo de problemas, ahhn, e entretanto, fico admirada como é que a Câmara Municipal de Coimbra integra pessoas, ahhhnnn, enfim, que dão este tipo de problemas, em zonas que nós...não sou mais na...humanos, em termos humanos, não sou nem, nem mais um, um grauzinho acima dessas pessoas, mas a verdade é que, hmmmm, se, hmmmm, essas pessoas têm direitos, nós, por sermos...não somos do país deles, mas temos os mesmos direitos...aaahhnm, no nosso país. E se formos para o deles, também deveremos ter. agora, não podemos é ser

inferiorizados, e ser, deixarmos que eles nos tratem mal para não sermos alcunhados de racistas. Isso é que eu acho mal. (E. – Sim, sim...) Está bem?

E. – Sim, com certeza. Relativamente então, falou-me dos barulhos e dos cheiros, e relativamente à utilização que eles fazem dos espaços comuns? Portanto, elevador, entrada, e assim?

e. – Isso aí eu não dou conta! Isso eu não dou conta... Portanto, sei que, morando no segundo, utilizam sempre o elevador, mas isso estão no seu pleno direito, não é?

E. – Mas não há nenhuma utilização abusiva do elevador, nem...?

e. – Isso é assim, as crianças às vezes fazem essas coisas, mas tanto eles, como outros aqui no prédio, portanto, não vou por aí. Não tenho nada de especial relativamente a essa questão dos elevadores.

E. – Na reunião do condomínio em que este senhor participou foram-lhe informadas as regras do condomínio?

e. – Ehhmm, exactamente! Já tinham sido. Já tinham sido... e isso foi um dos pontos em que realmente o senhor ficou um pouco mal visto na reunião porque, aahm, disse que não conhecia as regras quando, aaahhhm, quer a administração do ano passado, quer a administração de há dois anos, já toda a gente lhe tinha dado a conhecer as, as regras. Mas ele ia sempre ia argumentado que, as, as regras não lhe tinham sido dadas a conhecer, porque, pelos vistos, não tinha, não tinha sido feito por escrito, e portanto, se ele não tinha por escrito podia, podia negar. E foi o que fez, e foi o que fez... ahhhm, agora, ele foi confrontado com a falsidade dessas, dessas declarações, porque na verdade, aaaaahhhhhmmmm, já foi, já... já muitas pessoas lhe tinham... a administração, e inclusivamente eu, quando o senhor veio aí um dia, e eu lhe... e ele veio aí... um dia... porque... ah! Já sei! Porque ele veio aí um dia, tocar-me à porta, a dizer que estava a cair água na varanda dele. E eu disse: mas como está a cair água se eu não tenho plantas? Deve ser do andar de cima! Hmmm, mas só um bocadinho que eu vou ver. O que é que aconteceu? Eu tenho ar condicionado aqui na sala (E. – Sim, sim...) e tinha ligado o ar condicionado, e o ar condicionado produz água do lado exterior, não é? E eu tenho lá um boiãozinho para apanhar essa, essa água. Ora, o que se passa é que o boi, nem sequer era estar cheio, o boiãozinho estava fora do... não estava direccionado para o tubo e a água estava a cair lá em baixo. Foi um problema, ahn, foi uma questão que me durou cinco segundos a resolver. Pronto, e foi na sequência disso que eu depois então lhe comecei a dizer também, a bem, as coisas que realmente me estavam a perturbar... pronto e foi dessa vez que, penso que me perdi que ia dizer, ia para dizer outra coisa qualquer, ahhhm, mas portanto, na sequência da pergunta que me fez... ahhhmm... (E. – Estava a falar das regras de condomínio...), Exactamente! Exactamente! E portanto, e nesse, nesse, nesse mesmo dia, eu disse imensas coisas, que nós, pronto, aqui era assim. Uma das questões que não me afectava a mim particularmente era o automóvel, hhhmmmm, que punham sempre o automóvel ali no sítio de acesso, se precisava de vir uma ambulância, ou assim, eles punham sempre ali, sempre que chegavam punham ali o carro, onde há estacionamento proibido, onde há marcas amarelas no chão. E portanto essa foi a grande luta que eles travaram com a administração, porque a administração pediu-lhes várias vezes que não o fizessem, e eles diziam sempre que não eram só eles que faziam e que era uma questão de racismo.

Lembro-me de ele ter argumentado isso nesse dia, que não eram só eles que punham ali o carro, não fui eu que fui chamar esse pormenor, foi ele: até implicam comigo porque o carro tal tal tal! Ahhhn, e não sou só eu que ponho ali o carro! E eu lembro-me nessa altura de lhe ter dito assim: pronto...e eu sei que o senhor está a dizer é verdade, não é só o senhor que põe ali o carro indevidamente. Só que é assim, nós temos é que tentar seguir os bons exemplos de quem faz bem e chamar a atenção de quem faz mal! Porque, se o vizinho do lado faz uma coisa mal e passamos todos a fazer essa coisa mal, então deixamos todos de viver no condomínio Belo Horizonte, para passar a viver no inferno, não é? (E. – Sim, sim) pronto. E pronto. E dessa vez falei-lhe. Tentei chamá-lo à razão de, de, de que realmente tem que haver regras e temos de fazer todos por, por cumprir e estas outras pessoas que transgrediam pondo ali o carro, hmmm, eu não fui ainda administradora, mas sei perfeitamente que essas pessoas também receberam comunicações a pedir para deixar de o fazer, e portanto essa questão do racismo está completamente fora de causa, houve sim, no início, muita compreensão para que eles se sentissem bem. E eu penso que, hmmm, isso não terá sido positivo porque eles ficaram, ahhhh, bem à vontade demais!

E. – Compreendo... Portanto, relativamente às regras de condomínio, eles acabam por revelar algum incumprimento, comparativamente com os restantes condóminos...?

e. – Sim, sim! Sim. É evidente que não são só eles aqui no prédio a transgredir, (E. – Claro, claro!) também é um facto. Eu no outro dia quis por o carro na garagem e não pude! No outro dia quis ir para o serviço e em vez de chegar às nove, cheguei às onze menos um quarto, porque tinha a minha saída trancada, e não foi essa família, foi... aaahmm, agora, é evidente, nós somos trinta condóminos, há sempre pessoas que têm cuidado e outras que não têm, mas o objectivo é que saiam todos, posso dizer. Agora, esta família em concreto é uma das que...ahhhmmm...não cumprem. Sempre com o argumento do racismo. Sempre!

E. – Mhm... Tem conhecimento da participação desta família em alguma actividade aqui na comunidade, portanto, se as crianças andam na escola...?

e. – Isso eu não, isso eu não sei. Isso eu não sei...aaahmmm...eu sei que a administração do ano passado, a doutora Susana Parker, inclusivamente também para, enfim, também para causa bom ambiente, eu penso que a filha da doutora Susana era colega, pelo menos da escola de uma das meninas aqui da família, e chegou a dar-lhe boleia para algumas coisas, eu não sei se era para a escola, se era para outra actividade...pronto, não sei, não tenho conhecimento.

E. – Com certeza... Falou-me há bocado que eles têm por hábito reunir-se com amigos... (e. – Sim, sim, sim! Muito frequentemente...) Portanto, tem conhecimento então, já viu alguns familiares, amigos, desta...

e. – Não sei se são familiares. São pessoas de cor, como eles. Ahhhhhmmm,.. mais velhos, mais novos, crianças, muitos. Sempre muitos sacos de garrafas de bebidas...

E. – E essas visitas são regulares...?

e. – Hmmm, eu não quero faltar à verdade. Portanto, está a ser com menos, com menor frequência. Até a ideia que me dá, não sei, não posso garantir, mas a ideia que

me dá, que às vezes noto que não estão, que não estão em casa mais vezes, e talvez eles estejam então a reunir-se em casa de outros amigos, suponho eu, não é? O problema persiste, mas não é com tanta frequência.

E. – Mhm. Portanto, costumava ser com bastante frequência, agora tem melhorado?

e. – Sim, sim! Houve alturas que era, era... não havia sexta e sábado que não fosse aqui um, um autêntico arraial. Uma coisa pavorosa.

E. – Portanto, era normalmente sempre no final da semana?

e. – E durante a semana também! (E. – Mhm...) durante a semana também... com mais incidência quando... os fins-de-semana eu só não saía daqui se não pudesse, porque não queria estar em casa, mas durante a semana às vezes também, também, havia jantares e tal e depois meia-noite, uma da manhã, durante a semana.

E. – Portanto, durante a semana essas pessoas acabavam por sair por volta da meia-noite, uma da manhã (e. – Sim, por vezes sim...) e ao fim-de-semana ficavam até mais tarde ou...?

e. – Chegou a ser três, quatro da manhã! Sim, sim, sim! E a administração tem conhecimento disso! (E. – Com certeza...) e ao longo do tempo, obviamente, se eles estão no segundo, e eu estou no terceiro, eu sou quem sofre, correcto? Porque à minha frente, é um casal idoso que até noto, noto até pela, pelo volume que eles põem a televisão e converso com eles, e até quando posso vou com eles às, às compras, para eles, porque eles, o senhor já não conduz e vêm com os sacos por aí acima e eu venho com eles e eles de facto ouvem mal, ouvem bastante mal, como têm já bastante idade, vivem sozinhos, e portanto acredito que se lhes forem perguntar se o barulho lhes incomoda, eles lhe dizem que não, porque eles ouvem mesmo muito mal. Nós se estivermos a falar para eles temos que falar muito alto. Ahhhmmm, portanto acredito que não...que não...que não sejam incomodados como eu. Ahhhmm. Depois, as outras famílias são para aquele lado. Em termos de, de cheiros, de grelhados e assim, também já não sofrem tanto, não é? É só pelo que se nota nos corredores. Aaaaahmmm, portanto, eu sou realmente quem está aqui a...a levar com isto tudo.

E. – Exacto... Creio que tem dito algumas situações que considera caricatas. Eu pedia-lhe, então, se sabia de mais alguma situação caricata que tenha envolvido esta família...

e. – Situações caricatas?... Ahhhmmm... eu não sei muito bem o que é que entende por situações caricatas...

E. – Por exemplo, o ter-me falado de por exemplo, de terem tido aqueles contactos quando caiu a água, a conversa que teve, algum dia que tenha havido barulho exagerado e tenha havido algum confronto... Alguma situação que seja assim fora do comum...

e. – Assim, por exemplo, que me estava a lembrar, se calhar é a situação mais caricata que, que eu posso referir. Portanto, é evidente que esta situação tem anos, eu também já não tenho tudo tão presente assim de repente, não é? (E. – Exacto...) Ahhhmmm... as coisas foram acontecendo e eu não fui anotando num papel, mas por exemplo, lembro-me que o senhor, ahhhmmm, na reunião, falou que o tecto de um dos quartos, lhe tinha

caído, o estuque, uma dimensão grande, lhe tinha caído por causa das minhas obras, que eu mudei os canos, não é? Quem não mudou, tem que mudar, que isto tem trinta anos ou mais, e eu para evitar as coisas que estão a acontecer, como por exemplo, a varanda do sétimo, por cima, no sétimo D, que já há uma ruptura. As pessoas quando há uma ruptura, vão a correr, não é? Eu entendo que antes que haja, o melhor é tratar disso. E portanto, foi o que fiz, a mudança da canalização, aproveitando para uns, alguns melhoramentozitos nas casas de banho, mas, aaaahhhmmm, ele falou novamente isso na reunião, isso já tinha sido falado comigo pessoalmente, mas não sei porquê, ele voltou a falar na reunião e eu então, na reunião, foi bom para mim, porque à frente de todos, eu pedi-lhe que me dissesse quando é que aquilo tinha acontecido, e depois provei, inclusivamente documentalmente, o, portanto, o prazo das minhas obras, e não havia coincidência nas datas, foi azar. Portanto, isto é realmente caricato, não é?

Aaaahhhmmm, porque também aconteceu o seguinte: quando eu fiz, e isto eu ainda não contei, portanto vou contar. Quando eu fiz essa mudança de canos, aaah, houve, houve realmente du, du, duas situações que correram menos mal, mas que tiveram solução imediata. A primeira foi, ainda o senhor que me fez o trabalho, ainda, ainda estava, ainda fui a tempo, que ele ainda não, ainda estava a por o carro a trabalhar, por cima dos armários da cozinha, quando eu abri a torneira da cozinha, começou-me a chover. (E. – Mhm...) Portanto, houve aí uma, uma união dos, dos tubos, houve aí qualquer coisa que correu, que correu menos bem, e portanto começou-me a...a...água essa, que não chegou lá abaixo, porque, como lhe disse, ainda fui a tempo, o senhor veio imediatamente, fez logo lá a substituição não sei de quê, e esse problema não teve qualquer manifestação no andar de baixo. No entanto, ahhhmmm, portanto, a ligação de todos os tubos é feita num quadro que existe na casa de banho principal, ahhhm, e um belo dia, creio que o senhor que fez as obras até ainda cá andava a acabar umas coisas, aaahmmm, portanto, a esposa do senhor Silvino veio bater-me à porta: Vizinha, Vizinha, Vizinha! E eu lá abri a porta, porque em minha casa, supostamente, estava tudo bem. Não tinha qualquer vestígio de qualquer anomalia. Ahhhm, e eu: mas o que é que se passa? E ela: Ai, que está caindo água na minha casa, caindo água na minha casa... e eu assim: Caindo água na sua casa?! Posso ir lá ver? Lá fui...e fiquei, realmente, acho que sim, que podemos apelidar esta situação de caricata. Porque? Escorria água pela ombreira da porta da casa de banho, pelo fio eléctrico da lâmpada que ilumina a casa de banho, água já a correr pelo chão. Pronto, e portanto, ahhhm, telefonei ao senhor, ao senhor Frederico, ele veio imediatamente. E eu disse: eu não tenho nada na minha casa, mas isto só pode ter a ver com, realmente com as obras que o senhor fez.

Ahhhhmmm...ele deverá ter demorado para aí umas duas horas a resolver a questão. É evidente que resolveu. Ahhhm, e nessa altura, o que eu disse à senhora, foi o que me disse o senhor Frederico, que... o que me disse a mim, não! O que disse, disse-me a mim, inclusivamente em frente à senhora. Que o problema estava resolvido, ou pelo menos que, que, que esperávamos que sim (E. – Mhm...) que se continuasse a água então, que falava novamente, e que devíamos deixar mais ou menos um mês, para ver, relativamente àquelas unidades, que estragos ficavam e que os estragos seriam da responsabilidade do senhor, ou da minha, ou dos dois, como nós entendêssemos, deles não seria, com certeza nós arranjaríamos! Agora, onde é que, onde é que está a parte caricata desta situação? Está no facto de a senhora me dizer, ela naquele dia decidiu vir cá acima, mas a água escorria há quinze dias! (E. – Mhm...) e eu perguntei...se não era há quinze dias, era há uma semana e meia, pronto. E eu disse-lhe: há quinze dias, há uma semana ou duas que isto, que vocês estão com este problema, e não me diziam nada? Este problema podia ter sido, em vez de ter sido deste tamanho, ter sido deste tamanho assim! Aaaahhhmmm... Ah e tal, falei com o meu marido, mas o que o meu

marido o que disse é que não tínhamos que falar com a senhora, mas sim com a dona da casa! E eu disse: não! Mas isso, obviamente que não! Então, pois se era previsível que fosse uma questão relacionada com as minhas obras, era logo comigo que vinham ter para que esta situação fosse resolvida. Portanto, passou esse tempo, nunca mais me disseram nada, ahhhm, e depois entretanto o facto de o relacionamento ser aquilo que já compreendemos, eu também me senti no direito de não perguntar. Se eu disse, se alguma coisa ficar estragada, nós fazemos, nós pagamos, nós concertamos, até hoje não foi dito nada, portanto, suponho que água secou, também os estragos realmente era pela ombreira da porta, e no, no fio da, e no fio da lâmpada. Entretanto aquela água se acumulou ali no chão, provavelmente secou e nada ficou estragado, mas o caricato é que numa questão destas, estarem uma semana ou duas sem dizer nada! Aaaahhhmmm. Pronto. E aí, nesse dia em que eu entrei, percebi...aaaahmmm...apercebi-me de que, realmente, pronto, os modos de vivência são tipo... não são bem camas, são assim uns cobertores pelo chão, umas coisas assim um bocado... um bocado... e curiosamente não me parece que seja por carência económica, porque há muito dinheiro para bebidas, e isso está aos olhos de quem tiver o mínimo de paciência para ver os sacos a entrar para o apartamento. Muita garrafa de vinho...muita garrafa de vinho...

E. – Compreendo... Portanto, indicou-me que comprou este apartamento há nove anos, não é? (e. – Sim...) Portanto, já vive aqui há cerca de dez anos, e esta casa já teve outros moradores, e relativamente a esses moradores, pode-me indicar pontos positivos, pontos negativos...comparativamente esta família agora, com...

e. – Não estava, a família não estava! A família mudou para cá estava eu cá há uns cinco, não sei, seis anos...

E. – Exacto. E relativamente aos que lá estavam antes, há pontos positivos, pontos negativos?

e. – Estava desabitada! Eu não tinha vizinhos por baixo! Depois houve aí uma história que eu também não sei explicar muito bem de um, de uns senhores, ahhhmmm, senhores de idade, que eu ouvi falar que seria um lar, mas depois deixou de ser. Portanto não sei. Portanto, a ideia que tenho é que estava desabitada. Creio que os proprietários estão fora de Portugal, e que, portanto, há não sei quantos anos decidiram realmente o protocolo com a câmara, não é?

E. – Exacto... Portanto, acabou por os únicos vizinhos que teve...

e. – De baixo, foram estes. Eu já tive vizinhos em muitos lados, nunca tive problemas com ninguém.

E. – Muito obrigada então pela sua participação.

ENTREVISTA 3

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – ensino superior

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos III e IV do CNP

Classe – média alta.

E. – Então se me pudesse falar um bocadinho da relação que tem aqui com a sua vizinha, se a conhece bem, se mantém assim convívio assíduo, quais as conversas e os assuntos que costumam conversar, assim mais ou menos...

e. – Pronto, eu conheço-a porque, portanto, ela, comecei a ver que ela estava sozinha, antes de ela ter cá o menino, e depois pronto, como vizinha, troca de palavras e tal. Entretanto comecei a saber a situação dela, a saber que ela estava a trabalhar num sítio, estava na penitenciária que não podia, e ainda ia ter o menino com ela e não tinha hipóteses de ficar ao fim-de-semana. Depois tentei arranjar-lhe emprego num sítio onde pudesse ter fins-de-semana, para poder ficar com o menino enquanto, hum, pronto, durante a semana ia para a escola, não é? E no fim-de-semana ficar com o menino. E arranjei-lhe emprego numa escola que é onde ela está e pronto, somos amigas, ela vem aqui, o menino fica cá muitas vezes connosco quando ela precisa, pronto, e tenho dado o apoio possível, porque são pessoas com muita necessidade, não é?

E. – Então e assim relativamente aos espaços comuns do prédio, qual é a opinião que tem sobre a utilização que ela faz?

e. – É só a casita dela, não é? Mesmo o menino não anda a brincar lá fora, nem nada, é só mesmo a casa dela...

E. – Portanto, em termos de cumprimento das regras do condomínio...relativamente aos outros condóminos...

e. – Não...não me parece que haja qualquer...porque ela entra, ela utili... vem do serviço, vem para casa e pronto, é o espaço dela, lá dentro...

E. – Exacto...Tem então assim conhecimento da participação da senhora em algum tipo de associações, alguma coisa assim aqui à volta?... Participa com ela em alguma coisa?...

e. – Eu, com ela, não participo. A minha vida não tem, não permite isso. Ela, assim que eu saiba, tem o menino na catequese, tem o menino nos escuteiros, tem, ela ainda andou um tempo a tentar fazer um bocadinho de hi..hi..hi...como é que era, Inês, na água? (Inês – hidroginástica) hidroginástica, ali pela igreja de S. José, mas não sei se ela ainda continua, porque de Inverno acabou, mas é o que eu sei assim de...

E. – Sim senhora. E tem assim conhecimento de alguns amigos ou familiares?

e. – Ela não tem cá ninguém. Eu penso que ela tem só o marido, o marido, por sua vez, tem duas tilhas já, duas tias já muito velhinhas ali para os lados de Viseu, que eu saiba, e o resto, não tem cá mais ninguém. Família, não tem mais ninguém.

E. – Portanto, não costuma ter visitas?

e. – Não.

E. – Sim senhora, e assim, tem assim conhecimento de alguma situação caricata que a tenha envolvido, desde a chegada deles, que tenha envolvido os arrendatários...?

e. – Não...Eu penso que o panorama que me foi contado, parecia assim, mas, assim um bocado, hummm, pronto, problemático, mas dá-me ideia que eles agora... E nunca assisti a nada, conto pelo que me contaram, não é? Agora... Casal super normal...ele é muito amigo dela. Vê-se mesmo que é muito amigo dela. Tem tido problemas, por causa do desemprego e, o resto tem sido um casal, pronto, não há qualquer, não se ouve ralar, não se ouve gritar, não se ouve...Isto, muito sinceramente, para o que eu sabia deles, pensei que pudesse, mas não, não tenho qualquer..pelo contrário.

E. – Hum hum...E assim, então, os pontos positivos e os pontos negativos da chegada deles? Considera que há algum ponto negativo em virem morar para aqui, relativamente ao que estava antes?

e. – Ah, não! Negativos, não. Positivos, é que é mais companhia. Não, não, negativos não.

E. – Acabou, então, por criar até uma relação de proximidade...

e. – Sim, porque eu costumo ficar muitas ve...muito tempo em casa, pronto, e o pequenito vem para aqui, faz parte já da família, quase.

E. – Exacto...

e. – Como eles não têm mais família, aliás, à minha mãe, chamava-a Micas. “A minha avó Micas” para um lado e para o outro...Como eles não têm, como eles não têm a figura de tios, não é? Nem de avós... Os amigos da escola têm todos avós, tios, e quê, padrinhos e mais não sei quantos. Ele não tem ninguém. Acho que mesmo a madrinha dele, acho que também já é uma pessoa de idade e não está cá, por isso, acabou por... À irmã é, à minha filha é irmã, pronto, é assim.

E. – Exacto. Tem então até uma relação próxima com eles...

e. – Porque como eu sei que eles que estão muito carenciados, com muitas dificuldades, mas isso estamos todos. Todos, quer dizer, pronto. Felizmente, nós aqui, pronto, vamos tendo, mas agora ela que está com estes ordenados e chega-se a Junho, Julho, quem está numa escola, chega a Julho e já não tem emprego, não é? Só depois em Setembro. Fica aquele período ali assim a viver do desemprego, não é? Pronto, e passam um bocado...necessidades. Mas olhe, mesmo coisas que eu tenho assim às vezes em casa, uns cortinados a mais e não sei quê, e vamos construindo, eu consegui também na igreja uma mobília para o menino, para o quarto, que ela também não tinha...hummm...Uma

mesa ou assim, também conseguimos. Huh, pronto, a pouco e pouco vamos apetrechando a casa, porque...porque....

E. – Portanto, acha que em termos de realojamento desta família, foi bem sucedido?

e. – Ah, sim, sim, sim.

E. – Estão bem adaptados...

e. – Sim, sim, eu penso que sim.

E. – Pronto, muito obrigada então pela sua disponibilidade.

ENTREVISTA 4

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [35; 45[anos

Educação – sem informação

Emprego – empregada

Profissão – Grande Grupo V do CNP

Classe – média.

E. – Se me pudesse falar então um pouco da relação que tem com a vizinha, portanto, com a família, se conhece bem ou não, se tem convívio...

e. – Não.

E. – e as conversas...

e. – Bom dia, Boa tarde, Boa noite.

E. – É tudo o que vai sabendo...

e. – Sei que ela trabalha fora, que ele trabalha fora, têm um menino. Não sei nada, não sei nem sequer o nome. Porque a gente corre muito, não é? E não tem tempo mesmo.

E. – Exacto... E relativamente à opinião que tem da utilização dos espaços comuns do prédio. Como é que considera que é a utilização, assim, por parte dessa família?

e. – Normal. Nada a declarar mesmo.

E. – Ótimo. E portanto, no cumprimento de regras de condomínio, relativamente aos outros habitantes, aos outros condóminos...

e. – Também nada que não seja normal. Portanto, nada de, de... Tudo o que a gente vê não tem nada, mesmo, a dizer.

E. – Tem algum conhecimento de participação em alguma actividade aqui na comunidade?

e. – Não.

E. – Também não participa com ela em nada?

e. – Não, que eu saiba, não.

E. – Sim senhora. E tem conhecimento de alguns amigos ou familiares dessa família...?

e. – Não, não temos mesmo contacto. Não temos porque eu, simplesmente, de vez em quando, a única coisa é que cai uma roupa e alguém traz, e pronto. Temos uma relação amigável, mas de instante.

E. – E lembra-se assim de alguma situação caricata que tenha envolvido os vizinhos. Alguma situação assim engraçada?

e. – Também não...

E. – Tem sido então tudo calmo?

e. – Hmmm. Acredito que sim.

E. – Sim senhora. Tem assim ideia de pontos positivos e pontos negativos que me possa indicar da chegada destes, desde que estes vizinhos cá estão...

e. – Olha, nós chegámos depois deles, portanto...

E. – Portanto, em termos de vizinhança, então pode-se considerar uma boa vizinhança?

e. – Não temos nada mesmo a indicar.

E. – Sim senhora. Agradeço então a sua colaboração.

ENTREVISTA 5

Características do entrevistado:

Sexo – masculino;

Faixa etária – [20; 35[anos

Educação – ensino superior

Emprego – estudante

Profissão – estudante

Classe – média baixa.

E. – Eu peço-lhe então que me fale um bocadinho da relação que tem com os arrendatários, portanto, com os vizinhos de cima, se os conhece bem ou não, se mantém assim convívio assíduo, conversas, o que é que conversam...

e. – Bem... Como é que eu tenho de tratar a senhora?

E. – Como quiser, é igual...

e. – A dona Irene é uma senhora que veio cá morar, há um certo tempo. No início não a conhecia, entretanto passei a conhecer, por causa também da convivência aqui (E. – Mhm!) com a minha vizinha. Entretanto, também, já me convidou diversas vezes para a igreja dela, que ela frequenta, e isso tudo, por acaso já fui lá uma ou duas vezes, porque havia uma também que morava cá, que frequentava, e depois, como insistiram e isso tudo, fui lá e depois, passámo-nos mesmo a conhecer e pronto, temos uma relação acho que, saudável.

E. – Portanto, acaba até por ter alguma proximidade com a vizinha...

e. – Sim, ela é boa pessoa! De vez em quando faz alguns doces e coisas assim e já até me ofereceu, falamos, de vez em quando, quando nos encontramos, nas escadas...

E. – Quando falam, falam normalmente de quê?

e. – Hum, falamos se tudo está bem, e não sei quê, quando é que apareço lá na igreja e não sei quantas, que têm uma coisa para mim, coisas assim normais, do dia-a-dia, ou alguma coisa que acontece, que me comunica.

E. – São conversas mais banais, então...

e. – Sim, sim!

E. – Sim senhor. E a opinião que tem da utilização que ela faz dos espaços comuns, portanto, das escadas, da entrada... Como é que é a utilização da parte dela e do filho?

e. – Das escadas?

E. – Das escadas, da entrada, assim essas partes comuns do prédio..

e. – Ah sim, sim! Só a vejo assim de passagem, de manhã, quando estou a sair para ir para as aulas, coisas assim, em coisas assim, não sei, de trabalho, então bom dia, está tudo bem. O filho também, já, porque uma vez fui para a igreja deles e disseram assim “ah, não queres ir jogar futebol com um grupo de jovens?” não sei quê...Pá, eu fui lá jogar, também conheço um pouco o filho dela, sei lá!

E. – Em termos de utilização é como os restantes vizinhos?

e. – Sim, é normal!

E. – É normal, certo. Portanto, este prédio tem condomínio?

e. – Hummm, acho que há uma entidade qualquer que gere isso...

E. – Que gere o condomínio... mas não tem conhecimento das regras, nem...

e. – As regras, se calhar, quem lhe pode dizer melhor é aquele senhor.

E. – Pronto...

e. – Mas assim, fechar a porta de entrada...

E. – Relativamente a essas pequenas regras, eles cumprem também?

e. – Fechamos porque de vez em quando passam aqui alguns jovens já assim mais exaltados (risos).

E. – E a senhora, relativamente a isso, cumpre também?

e. – Cumpre. Nós todos cumprimos. De vez em quando é que esquecemos.

E. – Mas o normal...

e. – O normal é cumprimos.

E. – É cumprirem... Como me estava a falar, eles participam numa igreja, aqui perto, não é? Tem assim conhecimento de mais alguma actividade que ela ou o filho participem, nalguma associação, tempos livres, ATL, alguma coisa assim?

e. – Hum... que eu saiba não. Não lhe sei dizer.

E. – Frequenta lá a igreja e é tudo o que sabe...

e. – Sim, até já me convidou, por causa também da rapariga que morava aqui antes. De resto, não sei mais nada assim.

E. – E relativamente a amigos e familiares? Tem conhecimento de alguns amigos ou familiares desta senhora, que venham visitar, talvez.

e. – Sim, ela já me contou de uma sobrinha, mostrou fotos, e não sei quê... Foi uma conversa assim que surgiu, já me mostrou algumas coisas, mas também, como não estou assim muito... A nossa relação também não é assim de estar a visitar um ao outro e não sei quê! Agora assim, esporadicamente, conversamos, não é? Às vezes encontramos-nos na rua, assim uma conversa assim e tudo, mas não sei assim nada de concreto.

E. – Mas ela recebe visitas assim, normalmente, que veja, ou nem por isso?

e. – Por acaso, não sou muito atento a isso, por isso, não lhe posso dizer...

E. – Sim senhor, não há problema. E assim alguma situação caricata que tenha envolvido esta família, sabe-me dizer alguma coisa? Qualquer coisa fora do normal...

e. – Não... Que eu tenha conhecimento...

E. – Tem sido uma vida normal, tal e qual aos outros vizinhos?

e. – Sim... cada um está na sua vida, não sei assim nada caricato.

E. – Com certeza. Portanto, disse-me que já cá estava quando ela veio morar para cá, não é?

e. – Eu já cá estava, sim.

E. – Relativamente, então, à vinda dela, e do filho, sabe-me dizer então assim pontos positivos e pontos negativos da chegada, relativamente aos antigos vizinhos.

e. – O único ponto positivo que eu posso dizer é que, dantes aqui em cima, acho que moravam aqui algumas pessoas, mas não me recordo assim das caras, e não sei quê, mas depois, quando eles vierem, a família veio para cá, pronto, ficou mais... digamos, mais habitado, não é? Porque não morava ninguém, coisas assim, e são boas pessoas, simpáticas e passei a conhecê-los... Pontos negativos também, não tenho nada a assinalar.

E. – Pronto, com certeza. Então considera que um alojamento com sucesso?

e. – Acho que foi.

E. – Então, como vizinho próximo, não tem nada a dizer.

e. – Sim, não! O relacionamento com a vizinhança acho que é positivo.

E. – Pronto, então muito obrigada pela sua colaboração!

ENTREVISTA 7

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – ensino básico

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos III e IV do CNP

Classe – média.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho da relação que tem com a família aqui do 5ºB, se os conhece bem, se mantém convívio...

e. – Não. Bom dia e Boa tarde. Não. São pessoas educadas, não tenho nada a dizer, em questão de me abrirem a porta, de me fecharem a porta... são pessoas educadas... não... mas de resto assim um relacionamento...olhe, sou-lhe sincera, nem sei o nome dos senhores! Eles são capazes de saber o meu, passam mais tempo na rua, falam com este e com aquele, do q eu. Sinceramente, nem sei o nome dos senhores. Mas de resto não tenho...eu não tenho razão de queixa destes senhores daqui do lado, mas nenhuma, nenhuma nenhuma! Em relação a mim. Em relação a... agora, são pessoas que gostam, agora já se modificou o comportamento um bocadinho, são pessoas que gostam de estar sentadas na rua, de falar alto, de virem para aí sete pessoas metidas no elevador, e nós aqui só temos um elevador, e eu preciso do elevador. Pronto, é isso. Mas de resto não tenho problemas nenhuns, nem tenho razão nenhuma de queixa dos senhores, não.

E. – Sim senhora. E então assim a opinião que tem sobre a utilização que eles fazem dos espaços comuns...

e. – É aquilo que quase que acabei de dizer. Não respeitam muito. Não respeitam... repare que eu às vezes quando estou a falar, não me estou a cingir só a esta família, também me estou a referir às outras duas famílias...há mais duas! Mas a mais uma família que mora aqui. Não. Sujam muito. Entornam coisas, cafés. São capazes de vir a beber café e trazem. Tomam café e pronto, essas coisas. São os espaços comuns, isto, em relação aos espaços comuns. Mas estes senhores aqui do lado estão melhor. Na minha opinião pessoal, estão melhor. Dantes era pior, agora estão melhor. Vão aprendendo, talvez, não sei! Também devem-lhe chamar a atenção.

E. – Portanto, relativamente aos outros condóminos, o cumprimento das regras do condomínio, assim, como é que funciona?

e. – Por isso é que eu digo, eu não devo ser a única pessoa a falar aqui. Apesar de morar ao lado dos senhores, eu não tenho razão de queixa. Mas, era, acho que era interessante, para o trabalho que está a executar, ouvir mais gente. Não cingir só a mim. Só os de cima e os de baixo. Porque todo o comportamento se gera mais na troca dos bons dias, nas escadas, no elevador, na rua. Portanto, de resto, não! Eles não são pessoas que perturbem, mas nas partes comuns, há queixas do condomínio em geral, mas eu não me estou a referir só a esta família. É às outras! Às outras...à outra!

E. – Sim, sim, sim. E conhece assim que eles tenham participação em alguma actividade aqui na comunidade... escuteiros ou assim?

e. – Ah não sei! Não sei nada, nada, nada de nada. Palavra de honra. Sei que o senhor que trabalha, porque já o vi, num sítio ali para cima, ou trabalhava, onde lavam carros. Não sei nada, nada, nada. Não. Porque não há convívio! Acredite que não há convívio. Bom dia, boa tarde, bom natal, bom ano, mas as coisas cingem-se a isso, mais nada.

E. – Sim... E portanto, disse-me há pouco que costumavam trazer para aqui pessoas, costumam ser amigos, familiares...?

e. – Ah não, não tenho conhecimento. Não, não sei. Palavra de honra que não sei.

E. – Mas é uma situação frequente?

e. – Sim. Mas é natural. Não vou criticar uma coisa dessas. Também recebo a minha família, também recebo os meus amigos, por amor de Deus. Mas isso passa-se. Às vezes eu acho que, não é pelo facto de ser uma família que está a ser reintegrada, que as críticas também se dirigem às outras famílias! Mas isso passa-se. Eu acho que havia de haver, isto é a minha opinião!, um acompanhamento maior da câmara, ou dos elementos que estão ligados a isto da câmara, até para a maneira de ser das pessoas. (E. – Mhm...) Porque...hmm...agora estas pessoas, este casal aqui do lado, eu não tenho razão nenhuma de queixa deles! Mas ao princípio parece que havia assim uma certa desconfiança, para nós! E não sei quê, e isto foi-se passando. São pessoas educadas. Há esse abuso, isso há! Em questões de elevador... tanto que eu uma vez chamei a atenção e disse “Por amor de Deus, sete pessoas dentro do elevador é muito!”, “Ah ele está a precisar de amortecedores novos!”. Eu disse assim “olhe, se vos faz falta a vocês, a mim faz-me muito mais falta!” (E. –Mhm...) Portanto, há essas faltas de respeito, isso há. Tipo brincadeira. São jovens, talvez não pensem... é isso. E devia haver um apoio da vossa parte! Não só a essa família, como a outras famílias lá para baixo, que existam. Eu não sou contra isto, só que o abandono a que são postas as pessoas depois, no aspecto, isto é a visão que eu tenho, de regras, de funciona... não é que nós sejamos superiores a eles, não, nada disso! Mas repare, inicialmente sentavam-se lá em baixo, na porta da rua, eu para subir, como tenho dificuldades, tinha, mas levantavam-se imediatamente! O meu pai também...levantavam-se imediatamente! O pior é as pessoas que estavam ao lado deles, que eu não sei quem são! Continuo a dizer que não sei quem são. Encontram-se aí, estão aí em baixo a beber café até altas horas...no verão então, é um espectáculo! Mas não é só eles! Também é os outros de etnia cigana, também lá em baixo, está a ver? É só isso. Eu acho que essas coisas, não sei até que ponto podem intervir, podem ajudar. Mais nada. Porque, sermos nós, é lógico que o condomínio fala, chama a atenção, mas nós a falar gera conflitos desnecessários. De resto, estes senhores aqui ao lado, são pessoas educadas. Eu não tenho nada assim...há estes comportamentos! Não é aquilo a senhora vai a sair do prédio e depara ali com um grupo de amigos a falar, não é isso que se passa! É sentarem-se lá em baixo, e depois estão a beber café, coca-cola, entornam tudo. E fica ali tudo sujo. Eu nem sei como é que está a entrada, que hoje nem saí. Mas isso acontece. Muitas vezes!

E. – Estou a compreender...

e. – É só isso.

E. – Sim senhora...Então para além dessa questão do elevador e assim, lembra-se de mais alguma situação caricata?

e. – Fazerem barulho, não fazem, eu não noto. Se acontecer um dia algum barulho, pode ser de festa, sei lá, por amor de Deus, mas em qualquer casa isso se passa! Isso não...nota-se é esse agir! Que eu acho que as pessoas não têm, como a senhora disse, as partes comuns são para, huummmm, usufruto, pronto, nosso, não é? E essa parte aí eu acho que falha um bocado o agir das pessoas, mas não é nada que não se possa emendar se houver uma conversa com as pessoas. Falem com elas e digam. Que eu julgo que também já falaram, porque houve muitos comportamentos que foram alterados. Como por exemplo estarem sentados lá em baixo na rua à noite e, huummmm, nos degraus. Tanto nesse ano, como neste. E depois é o barulho de resto. Não noto mais nada.

E. – Sim senhora. Então e assim, relativamente às pessoas que estavam na casa antes, pontos positivos e pontos negativos que me saiba referir desde que esta família foi realojada.

e. – É uma pergunta muito difícil. Para já, já vivo aqui há quarenta e um anos. Este prédio está totalmente diferente daquilo que era. Quando falo em prédio, é em questões humanas. Há uma diferença, porque há diferença, acredite que há. O mais problemático nem é com esta família, ao fim ao cabo. É, e não é. Mas é uma diferença. As pessoas que viviam aqui, que eu me recordo, vivia um casal, que nós nos dávamos muito bem. Depois venderam o apartamento, estiveram estudantes aí a viver. Dávamo-nos bem com eles, falávamos. Olhe, é diferente. Não sei. Não sei quem é q tem que ser criticado, se são eles, se somos nós, mas há um...há certas coisas que nos levam talvez a fechar um bocadinho na nossa concha. Não sei. Talvez também necessitemos de formação, não sei. Não faço ideia. Apesar que eu sou receptiva a essas coisas, mas nota-se que há certas coisas que não dá para dar confiança. Porque senão abusam. Está a perceber?

E. – Refere-se assim mais ou menos a quê?

e. – Não gosto de entrar em coisas concretas. Acho que cabe a vocês descobrirem, porque vocês são técnicos, são pessoas que estão dentro de...Eu não sou contra estas coisas, por amor de Deus! Simplesmente acho que as pessoas depois são lançadas um bocadinho assim ao abandono. É a visão que me fica. É a visão que me fica...e há coisas que podem originar conflitos, não é? Que tenho ouvido aqui...que eu me tenha apercebido! Huummm...que podem ser evitadas! Desde educação, transmitirem certas normas às pessoas, não sei! Não sei o que é que vocês fazem, sinceramente. Em relação ao, quando colocam uma família assim, hmmm, quando, que regras é que transmitem à pessoa. Sinceramente não sei.

E. – Estou a compreender... Portanto, disse-me há bocado que esta família tinha melhorado, portanto que...

e. – Em questões disso, de estarem na rua e de barulho desgraçado, de baterem com as portas, todas estas coisas. Eu já vivo aqui há quarenta e um, há quarenta e um anos. Eu cresci aqui. Há uma diferença muito grande. Porque há diferenças no prédio. Nota-se. Eu não estou a dizer que estas pessoas devem ser afastadas. Por amor de Deus, são pessoas, são seres humanos! Simplesmente, há diferenças. Porque há diferenças. Não sei.

E. – Pelo que me referiu há bocado, houve uma evolução agora positiva...

e. – Houve, evolução. Que o condomínio chamasse a atenção, de não estarem lá em baixo sentados a fazer barulho e essas coisas todas.

E. – Portanto, considera que efectivamente pode haver uma me...

e. – Não param tanto tempo na rua lá em baixo sentados. Isso não. Às vezes até me impressionava, porque há crianças. Com o frio e tudo e estavam lá em baixo sentados. Com o calor ainda se compreende, porque estas casas são quentes. Mas agora com o frio, não entendia. Mas agora...aí, em relação a esta família, noto, que esse comportamento foi alterado. E por aquilo que oiço dos meus vizinhos, também, foi alterado.

E. – Portanto, relativamente a esta família, está a haver uma evolução para uma melhor integração até na vida do prédio?

e. – Penso que sim.

E. – Sim senhora. Muito obrigada então pela sua disponibilidade e colaboração.

ENTREVISTA 9

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – ensino básico

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos III e IV do CNP

Classe – média.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho da relação que tem aqui com a vizinha do primeiro centro, se a conhece bem...

e. – Eu não tenho relação nenhuma com ninguém aqui do prédio. Porque eu saio de manhã e entro à noite.

E. – Portanto, não mantém muito convívio com...

e. – Não, não mantenho, porque eu trabalho, saio de manhã, entro à noite, não tenho muito contacto com os moradores aqui do prédio.

E. – Com certeza... Assim especificamente sobre esta família aqui do primeiro centro, portanto, que é a senhora de nacionalidade chilena...

e. – Não sei qual é a nacionalidade da senhora. Eu conheço-a só de vista.

E. – Portanto, relativamente à utilização que ela faz dos espaços comuns, tem alguma....

e. – É um bocado barulhenta. É um bocado barulhenta...

E. – Assim, de elevador e de entrada...

e. – Não, é um bocado barulhenta em casa.

E. – Sim senhora, portanto, relativamente às regras do condomínio, sabe do cumprimento desta senhora, destas regras....

e. – Não sei, porque lá está, eu vivo aqui, ela não, ela está aí como...como arrendatária... não sei dizer, não sei informar acerca desse assunto... porque eu nem sei quem é que lhe arrendou o apartamento. Porque estes apartamentos são caríssimos. Eu sei, porque a última senhora que esteve aí pagava oitenta contos, ainda na altura dos contos. A partir daí estiveram aí “n” pessoas, agora quanto é que elas pagam, não sei, porque eu não me meto na vida das pessoas. Também não admito que se metam na minha vida, portanto eu também não me meto na vida de ninguém. Portanto, eu não sei... (E. – Exacto) ...não sei...

E. – Ela está cá pela câmara. Ela é arrendatária da câmara. E precisamente por isso é que eu estou a fazer este estudo. Hmmm... Portanto, o único conhecimento que tem

desta senhora é mesmo só quando está em casa e a ouve senhora. Não se costuma encontrar com ela?

e. – NÃO! Encontro-me com ela, aí nas escadas! Na rua, por exemplo, a dar o bom dia, e mais nada! Não converso com a senhora, porque também não a conheço de lado nenhum. Não tenho grande contacto com ela. Também vivem aí pessoas que eu não conheço. Vive aí pessoal estudante que eu conheço só de vista. Agora se eles vivem no terceiro frente, se eles vivem no quarto frente, não sei onde é que eles vivem. Sei que eles vivem no prédio, agora o sítio exacto eu não sei. Porque lá está, saio de manhã, entro à noite. Meto-me em casa e não sei o que é que se passa. (E. – Exactamente...) A única coisa que eu sei é o que dizem nas reuniões do condomínio no final de ano, quando há reunião do condomínio, algo que acontece, algo que surge, então é falado na reunião do condomínio. Porque depois não sei mais nada.

E. – Exactamente. Portanto, relativamente a esta senhora aqui, não faz sequer ideia da participação dela em alguma actividade aqui da comunidade...

e. – Não sei, não sei, não sei, não sei da vida dela, não sei o que é que ela faz. Ela está aí, agora o que ela faz, não sei.

E. – Relativamente a visitas, ela costuma receber muitas visitas? Familiares, amigos...

e. – Quer dizer, não sei quem é que ela recebe cá em casa. Recebe aí pessoas. Agora se ela são vizinhas, se amigas, se são parentas dela, não sei.

E. – E essa situação de receber visitas, é recorrente, ou é esporádica?

e. – Não, é esporádica. Nem sempre ela recebe aí pessoas.

E. – Sim senhora, assim situação caricatas, como sendo vizinha próxima, que a tenha envolvido... Falou-me há bocado do barulho... Lembra-se assim de mais alguma situação?

e. – Não. Só do barulho. Ela faz muito barulho. Ela fala muito alto em casa. Ela faz muito barulho.

E. – E é normalmente a horas tardias ou...

e. – Não! Dez horas, nove horas. É assim que ela chega a casa, ela fala muito alto.

E. – Portanto, é quando está em casa...

e. – Não é depois das onze horas! Também se fosse depois das onze horas e ela me perturbasse, eu chamava a polícia. Nem sequer me incomodava, chamava logo a polícia! Porque é assim, a partir de uma certa hora, a partir das dez horas da noite, temos de ter um bocadinho de respeito pelos outros, não é? O barulho que ela faz, é aí até às dez horas da noite.

E. – E é assim só essa situação de falar mais alto....?

e. – Fala muito alto, faz muito barulho com os filhos, é muito barulhenta com os filhos!

E. – De resto não vê assim mais nada de caricato?

e. – Não, não! Não sei de mais nada. Como lá está, não sei da vida da senhora! A única coisa que eu oiço é a voz dela dentro de casa.

E. – Claro. E relativamente aos anteriores arrendatários que lá estavam, considera que há assim alguma mudança positiva ou negativa, desde que está cá esta senhora?

e. – É assim, não sei porque também eles saíam de manhã e entravam à noite, também não sabia a vida deles. Conhecia as pessoas porque eles tinham uns familiares em baixo, aqui nesta casa, aqui em baixo mesmo, aqui ao fundo, já junto à estrada, o casal vinha aí várias vezes, quem eles eram, não sei, porque eu era boa tarde e bom dia, não sabia quem eles eram, nem sei o que é que eles faziam na vida.

E. – Portanto não há assim uma diferença significativa da mudança desta senhora para aqui, para os que costumavam estar cá antes, é mais ou menos a mesma situação?

e. – A mesma situação como?!

E. – Se considera que há alguma diferença significativa, por exemplo, se incomoda mais esta senhora do que incomodavam...

e. – Quer dizer, ela propriamente não me incomoda. Só o barulho que ela fala, fala muito alto.

E. – Exacto, acaba então por ser a única situação...

e. – Sim, sim...O casal que aí esteve nem sabia se eles vinham cedo, se vinham tarde, que eu nem os ouvia.

E. – Portanto, a única diferença da anterior é isso.

e. – Sim, sim.

E. – De resto, acha que não há mais situações caricatas...

e. – Não, não! Não há mais nada, porque lá está, como eu lhe disse, entro de manhã e saio à noite. Se acontecesse alguma coisa, também não lhe posso dizer, porque lá está, eu não estou em casa e ao fim-de-semana, quando estou em casa, estou para estar só com a minha vida.

E. – Portanto, nas reuniões de condomínio também nunca foi referido nada sobre esta família.

e. – Bom, ela veio para aqui, e esta reunião do condomínio eu não fui, mas ela veio para aqui mais ou menos em Agosto, em Julho, Agosto. Não sei agora quando é que foi, sei que foi mais ou menos nessa altura. Eu este ano não fui à reunião de condomínio porque não estive cá, e nesse dia que houve a reunião, eu estava fora de Coimbra. Portanto não

fui à reunião. Agora o que é que foi lá debatido na reunião, eu não sei. Tenho ali na acta, mas o que foi debatido na reunião foi o orçamento do que se gastou e o que adquiriam...

E. – Não tem conhecimento de qualquer registo relativamente...

e. – Não, não! Na acta não diz mais nada. Se quiser eu vou-lhe buscar a acta para a ler, porque não há mais nada.

E. – Não é necessário. Eu agradeço então pela sua colaboração.

ENTREVISTA II

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [20;35[anos

Educação – ensino superior

Emprego – estudante

Profissão – estudante

Classe – média.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho sobre a relação que tem com os vizinhos de cima, se conhece bem, se mantém conversas...

e. – Até nem costumamos ter assim...nem nos encontramos. Por isso não os conheço mesmo.

E. – Em termos de conversas, acabam por não conversar, nem se encontrar muito...

e. – Não, nada...

E. – Sim senhora. E a opinião que tem sobre a utilização que eles fazem dos espaços comuns, portanto, as escadas, a entrada.

e. – Quer dizer, não tenho nada assim a dizer. Aquele espaço, nós não o usamos. É deles. Por isso não tenho assim nada a referir.

E. – Com certeza. Diga-me uma coisa, este prédio tem condomínio?

e. – Não. Não tem.

E. – Sim senhora. E sabe da participação deles em alguma actividade aqui à volta, da comunidade?

e. – Não sei.

E. – Não tem conhecimento...

e. – Não.

E. – Com certeza. Já tem visto entrar alguns amigos ou familiares que os vejam visitar?

e. – Sim, sim! Às vezes vêm. Vejo-os entrar.

E. – E é uma situação frequente, ou o normal?

e. – Não é muito frequente. Se calhar ao fim-de-semana, ou assim, vêm.

E. – Sim senhora. E assim situação caricatas que tenham envolvido esta família...

e. – Não sei. Só às vezes, eles penso que têm filhos pequeninos, às vezes mandam coisas da janela e nós temos que ir lá devolver, oh assim de resto, não há nada caricato.

E. – Em termos de barulho e assim, é o normal?

e. – Não, é o normal! Eles têm pequenitos, e então nós ouvimos às vezes a brincar, mas nada de mais!

E. – Nada de fora de comum...

e. – Não.

E. – Com certeza. Quando veio para cá morar eles já cá estavam a morar?

e. – Não, não, não. Eles vieram depois,

E. – E relativamente então aos outros vizinhos, tem pontos positivos, pontos negativos, que me saiba referir?

e. – Eu não tenho nada a referir. Como já disse, eu não mantenho assim grandes conversas com eles, por isso nem nada negativo, nem nada positivo.

E. – Então considera que em termos de vizinhança, é igual às outras e portanto é...

e. – Sim, sim!

E. – Acha então que foi um realojamento com sucesso?

e. – Sim, sim!

E. – Eu agradeço então a sua colaboração.

e. – É só?

E. – Sim, é só.

ENTREVISTA 12

Características do entrevistado:

Sexo – masculino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – sem informação

Emprego – sem informação

Profissão – sem informação

Classe – baixa.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho sobre a relação que tem com os vizinhos de cima, se conhece bem, se mantém conversas...

e. – Até nem costumamos ter assim...nem nos encontramos. Por isso não os conheço mesmo.

E. – Em termos de conversas, acabam por não conversar, nem se encontrar muito...

e. – Não, nada...

E. – Sim senhora. E a opinião que tem sobre a utilização que eles fazem dos espaços comuns, portanto, as escadas, a entrada.

e. – Quer dizer, não tenho nada assim a dizer. Aquele espaço, nós não o usamos. É deles. Por isso não tenho assim nada a referir.

E. – Com certeza. Diga-me uma coisa, este prédio tem condomínio?

e. – Não. Não tem.

E. – Sim senhora. E sabe da participação deles em alguma actividade aqui à volta, da comunidade?

e. – Não sei.

E. – Não tem conhecimento...

e. – Não.

E. – Com certeza. Já tem visto entrar alguns amigos ou familiares que os vejam visitar?

e. – Sim, sim! Às vezes vêm. Vejo-os entrar.

E. – E é uma situação frequente, ou o normal?

e. – Não é muito frequente. Se calhar ao fim-de-semana, ou assim, vêm.

E. – Sim senhora. E assim situação caricatas que tenham envolvido esta família...

e. – Não sei. Só às vezes, eles penso que têm filhos pequeninos, às vezes mandam coisas da janela e nós temos que ir lá devolver, oh assim de resto, não há nada caricato.

E. – Em termos de barulho e assim, é o normal?

e. – Não, é o normal! Eles têm pequenitos, e então nós ouvimos às vezes a brincar, mas nada de mais!

E. – Nada de fora de comum...

e. – Não.

E. – Com certeza. Quando veio para cá morar eles já cá estavam a morar?

e. – Não, não, não. Eles vieram depois,

E. – E relativamente então aos outros vizinhos, tem pontos positivos, pontos negativos, que me saiba referir?

e. – Eu não tenho nada a referir. Como já disse, eu não mantenho assim grandes conversas com eles, por isso nem nada negativo, nem nada positivo.

E. – Então considera que em termos de vizinhança, é igual às outras e portanto é...

e. – Sim, sim!

E. – Acha então que foi um realojamento com sucesso?

e. – Sim, sim!

E. – Eu agradeço então a sua colaboração.

e. – É só?

E. – Sim, é só.

ENTREVISTA 13

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [20;35[anos

Educação – ensino superior

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos I e II do CNP

Classe – média.

E. – Ia-lhe pedir, então, que me falasse um bocadinho da relação que tem com os arrendatários, com esta família, se os conhece bem...

e. – É assim, não conheço muito bem, porque eu também estou muito pouco tempo em casa, mas conheço a senhora, sim. A senhora conheço, já a vi várias vezes, inclusive às vezes temos alguns contactos, porque a senhora também é de, é já de alguma idade, e até nos pediu o número de telefone, para se houvesse alguma coisa, se ela precisasse de alguma coisa, pronto, aquela insegurança da senhora já ter certa idade, e às vezes aqui na rua à noite há muito barulho, e ela sente-se um bocadinho insegura à noite, mas, pronto é isso. E às vezes algumas coisas que acontecem, uma vez uma falta de gás, a senhora pediu-nos auxílio... Esse tipo de coisas. E ela é uma senhora muito simpática, a senhora que está lá actualmente.

E. – Portanto, não mantém um convívio assíduo, mas de vez em quando...

e. – Sim, exactamente, é isso, é isso mesmo, é!

E. – E normalmente quando se encontram, qual é o tema das conversas?

e. – Haaaa.... Sei lá, hummm, errr... a movimentação da rua...uma vez estive lá em casa, quando foi esse problema, a senhora conversou muito, portanto, é uma pessoa de idade, normalmente é, tem aquelas necessidades de conversar muito, não é? E contou muitas coisas da vida dela. Tinha vindo, acho que de Moçambique, pronto, essas coisas assim. Falou muito da vida dela, da relação dela com o senhor que vive com ela...Isso...

E. – Portanto, ela tentou criar até assim uma relação de proximidade?

e. – Sim, sim, tenta. Sim, sim. Ela é uma senhora muito simpática. E tenta, realmente, essa relação de proximidade, não é? Porque, se calhar, também foi...deslocou-se de...de...do local, não sei onde é que ela vivia antes, mas se calhar perdeu alguns laços com isso, portanto é normal que agora ali se sinta, pelo menos no início, se sentisse mais sozinha, não é? Não tinha tanta gente com quem conviver.

E. – E relativamente à utilização dos espaços comuns, como é que é por parte desta família?

e. – Hmmm... É, hmmm, eu acho que... A senhora é muito educada e muito, portanto, estive lá outra senhora, sim, mas isto não tem muito a ver com o facto de

serem ou não realojados, tem a ver com as pessoas. Esteve lá uma senhora, por exemplo, que despejava água pela janela, nesse mesmo apartamento, julgo que também realojada, não faço ideia. Mas desta senhora, por acaso tenho uma impressão muito boa dela. Mesmo a nível das partes comuns ela é uma pessoa muito educada, muito asseada. Ela até, a própria rua, até ela própria limpa. Portanto, tenho muito boa impressão dela.

E. – E portanto, então assim, relativamente aos outros condóminos, o cumprimento das regras do condomínio...

e. – De todos? De todos? Não, nunca tive problemas.

E. – Portanto, comparando entre esta família e os outros...

e. – Não, não. Aliás, relativamente a algumas que já lá estiveram, julgo que até é melhorada!

E. – Com certeza. Portanto, tem conhecimento da participação desta família, deste casal em alguma actividade na comunidade. Se vão assim a alguma igreja, ou algo assim.

e. – Não, isso não tenho. Sei que a vejo muitas vezes ali pela baixa a passear... Ela diz que tenta, quando está bom tempo... Por exemplo, no inverno via-a muito menos vezes, na rua. Quando está bom tempo vejo-a, já comecei a vê-la muito mais. Portanto, sei que ela de vez em quando vejo-a por aí a passear, mas isso não, não tenho conhecimento.

E. – Com certeza... Portanto, em termos de visitas, tem conhecimento de alguns amigos ou familiares?

e. – Sim, eu já vi algumas pessoas. Julgo que não são familiares, são amigos dela para quem ela trabalhou, julgo eu. Que ela contou, contou-nos que tem uma relação muito próxima com esses senhores para quem trabalhou e que a visitam. Já a vi várias vezes lá com os senhores a visitá-la, inclusive a deixá-la, lá em casa. Sei, pelo menos, esses senhores que foi ela que nos disse no outro dia, em conversa, que tinha muito contacto com eles, que tinha estabelecido uma relação de muito anos, e que portanto, que mantinha uma relação com eles.

E. – E regra geral, essas visitas são frequentes, ou são mais esporádicas?

e. – Eu acho que são esporádicas. Pelos menos, que eu note! Que são esporádicas sim. Vejo, pronto, de vez em quando. Não é frequente, não.

E. – Com certeza... E assim alguma situação caricata que tenha envolvido esta família, desde a sua chegada.

e. – Não, caricata não. Só, só essa do, do gás, porque achei, caricata no sentido de que achei a senhora uma senhora caricata, porque é muito aberta, fala abertamente dela, mesmo questões que, muito, que eu acho, e eu também sou reservada, mas eu acharia íntimas, e ela falou muito connosco e isso significa que ela sentiu uma empatia connosco, porque eu vivo com a minha irmã, somos as duas, ela é um ano mais velha do que eu, e eu senti que a senhora sentiu muita empatia connosco, e por isso mesmo nos pediu o número, porque achou que nós seríamos de confiança, não sei se me estou a

fazer entender. Aquela, pronto, aquela relação de que não temos uma relação de facto que nos demos muito, muito íntima, mas acho que ela confia até nas pessoas. Portanto, é isso...

E. – Portanto, acabou até por tentar criar assim uns laços...

e. – Sim, é isso. E tentar...ela tenta.... Ela disse inclusive, mesmo que...”pois, que eu não conheço aqui ninguém no prédio, só conheço as meninas...” e portanto, acho que ela tentou criar um laço mais próximo com alguém, acho que foi esse o intuito dela.

E. – Com certeza. Há bocado referiu-me que tinha morado lá já até uma senhora anteriormente...

e. – Já.

E. – Eu pedia-lhe então que me referisse alguns pontos positivos e pontos negativos desde que, desde a chegada desta nova família para lá.

e. – Positivos? Eu só tenho positivos. Porque, em relação a...hmmm...como é que eu hei-de dizer? De educação...em termos de educação, esta senhora não tem nada a ver com a outra senhora. (risos) Acho que é uma senhora muito educada, inclusive uma pessoa...hmmm, que tem um maior respeito pelas regras sociais que a outra senhora. Está a perceber? É, hmmm, portanto, é uma senhora que respeita para ser respeitada, portanto eu acho que...eu...pronto, com a outra senhora também nunca tive nada pessoal, mas sinto muito mais empatia com esta senhora.

E. – Portanto, considera que em termos de realojamento, este foi um realojamento bem sucedido.

e. – Eu acho que sim. Se a senhora se sente bem, não é?

E. – E acha que está integrada na vida do prédio?

e. – ...Pois...não sei se ela tem muito contacto com o resto das pessoas... Também é difícil, porque eu acho que o resto das pessoas também deve ser mais ou menos como eu, que não estão muito em casa, não é? É gente muito mais nova (E. – Mhm.), mas eu acho que sim, porque eu acho que ela é uma pessoa que tem facilidade em contactar e em captar a simpatia dos outros, por isso acho que ela não terá problemas de maior em termos de integração.

E. – Sim senhora. Eu agradeço então a sua colaboração.

ENTREVISTAS 15

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – ensino básico

Emprego – empregada

Profissão – Grande Grupo V do CNP

Classe – média baixa.

E. – Pedia-lhe, então, que me falasse um bocadinho da relação que tem com os vizinhos de baixo, se os conhece bem, se mantém convívio, se conversa com eles e o tipo de conversas que tem.

e. – Não. Não temos convívio nenhum. Às vezes lá o do primeiro direito, primeiro... Rés do chão esquerdo! Às vezes nem bom dia nem boa tarde! A senhora não liga, não diz nada, e eu também não, não é? E o do rés do chão direito, esquerdo! Não, direito! Aí sim, o senhor vem de vez em quando a casa, porque tem lá dois animais, que pode confirmar aqui pela minha janela, no qual eu penso como é que os animais às vezes durante um verão inteiro estão ali enfiados em casa, ele vem, mas é raro, vem, vai com eles à rua, diz sempre boa tarde, ou bom dia ou boa noite, conforme, mas é mais à noite. O resto, convívio assim, não. Não há.

E. – Portanto, não mantém muito contacto, é mais...

e. – Não. É assim, se for a sair à porta, a entrar à porta, o vizinho, sim, mas estes aqui debaixo não, não dizem nada.

E. – Com certeza. E relativamente assim à utilização que esta família do R/C esquerdo faz dos espaços comuns, portanto, das escadas, da entrada, como é que é a utilização?

e. – Utilização? Eu tenho a varanda de cima, utilizo, que é aqui em cima. E a senhora de baixo utiliza o terraço, para estender roupa, pronto, só isso. Não há mais uti...eu não vou lá abaixo. Limito-te aquilo que tenho aqui em cima e pronto.

E. – Portanto considera que a utilização dos espaços comuns é a normal.

e. – É a normal, é. Eu penso que se pusesse lá, se eu lá fosse por alguma coisa, que ela também não diria nada, porque quando eu aluguei este apartamento disseram-me que lá de baixo o espaço também era meu. Mas não, não tenho necessidade disso.

E. – Com certeza. E portanto, então relativamente aos outros condóminos, o cumprimento das regras de condomínio, como é que é por parte desta família.

e. – Olhe, eu não lhe posso dizer se falam bem, se falam mal, porque a senhora é muito reservada, está sempre enfiada em casa. Quando sai é só mesmo para ir directamente para o carro e do carro para casa. Não a vejo a falar com ninguém, ninguém! Pronto, não posso dizer mais nada.

E. – Mas, portanto, este prédio tem condomínio, e relativamente às regras do condomínio, o cumprimento por parte desta família.

e. – Eu como não posso falar porque eu nunca fui a nenhuma reunião do condomínio, quem vai é o meu senhorio, está a perceber?

E. – Ah sim, sim...

e. – Pois, isso eu não lhe posso dizer nada.

E. – Com casa arrendada não....Sim senhora, não sabe então da participação desta família em nenhuma actividade aqui da comunidade?

e. – Não, não sei de nada. Só sei que quando é preciso lavarem a escada, ou, no início, quando eu vim para cá a viver, não é? E depois o prédio teve água. E agora parece que nos vão voltar a por os nossos garrafões de água à porta, cada uma, por mês, cada...pronto, cada semana. Penso que a senhora também o faz, sempre o fez, à parte das outras senhoras. Também faz. É só isso que eu sei.

E. – Portanto, em termos de utilização é mais ou menos como os outros

e. – É igual, sim.

E. – Portanto, não costuma ver nem amigos, nem familiares que esta família recebe.

e. – Nunca vi. Quando vêm é em horas, que eu...que eu oiça as pessoas, não é? Mas em horas que eu não vejo. E também não estou lá sempre a ver, a espreitar se vêm...

E. – Claro, claro.

e. – Não, nunca vi... É só mesmo o casal e a garota.

E. – Exacto... E lembra-se assim então de alguma situação caricata que tenha envolvido assim esta família, alguma situação assim mais fora do comum...

e. – Há! Há muitas discussões, isso há! Muitas discussões mesmo. Mas... que a garota depois começa a gritar, a gritar aqui. Não digo, não é todos os dias, isso não. Mas de vez em quando, semanas, há uma vez ou duas discussões. Isso há muitas discussões. Ele grita com ela, ela berra para o outro. Mas depois, passado um bocado, acho que é como tudo, passado um bocado passa... (E. – Acaba...) Acaba, é! Nunca houve conflitos, nem que chamassem a atenção aos vizinhos para lá irem abaixo, não. Isso não. E aliás, eu acho que neste prédio, como é reservado, e é tão pouca gente aqui a viver, que haja conflitos, ninguém vai ver. É claro que eu oiço, não é. Aqui mesmo por baixo de mim, isto é um horror. A gente ouve os vizinhos todos uns aos outros, por isso é só o que eu sei...

E. – Então assim em termos de situações caricatas é só mesmo mais as...

e. – É só as discussões. É como tudo... também as tenho!

E. – Claro... portanto, sabe-me assim dizer algum ponto positivo, ponto negativo da chegada desta família, desde que eles vieram para cá...

e. – Olhe, é assim, eu não sei, porque quando vim para cá eles já cá estavam. Por isso eu não lhe posso dizer nesse aspecto. Eu estou cá vai fazer dois anos, eles estão cá há bem mais.

E. – Comparativamente então assim aos restantes vizinhos, alguns pontos negativos ou pontos positivos...

e. – Não, isto é mais um bom dia, boa tarde. Aqui não há muitas confianças. A sério. É... e eu acho que é o melhor. É um bom dia, como está, tudo bem? Pronto. É só as nossas palavras uns para os outros aqui neste prédio.

E. – Mas tinha-me referido então inicialmente, que apesar de tudo, esta família aqui de baixo, mesmo em termos de bom dia e boa tarde, não costumavam dar tanto.

e. – Não, não, não dá!

E. – São mais reservados...

e. – São muito reservados. Mesmo. A senhora é muito reservada, e o marido também. São muito reservados. Pronto.

E. – Pronto, assim, resumindo, é mais essa questão e as discussões que têm e de resto é...

e. – Está tudo bem, é tudo normal.

E. – É o cumprimento normal

e. – É.

E. – Sim senhora. Eu agradeço então a sua ajuda.

ENTREVISTA 17

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – >=60 anos

Educação – ensino superior

Emprego – reformada

Profissão – Grandes Grupos III e IV do CNP

Classe – média alta.

E. – Eu pedia-lhe então que me falasse um bocadinho da relação que tem com os arrendatários.

e. – Com os de lá de cima?

E. – Sim...

e. – Eu não tenho relação absolutamente nenhuma.

E. – Não os conhece bem...?

e. – Não, não, não os conheço. E à senhora, até raramente os vejo. A única pessoa que eu costumo ver é o miúdo, que às vezes deixam cair peças de roupa e vem-me pedir. Não tenho relação nenhuma com eles. Humm... Eu raramente me encontro com eles. Eu também estou muito metida em casa... Não tenho relação absolutamente nenhuma. Ehhh, até o prédio em si é Bom dia e Boa tarde, a não ser aqui duas famílias com quem eu me dou razoavelmente, oh mais de resto, não.

E. – E quando encontra então alguém dessa família, que tipo de conversas é que costuma ter?

e. – Nada. Absolutamente nenhuma conversa. Nada, nada.

E. – Sim senhora...

e. – O meu marido acho que cumprimenta lá o, o, o rapaz. Eu nem sequer os encontro, tão pouco. E se os encontro, eles não me dizem nada a mim e eu também não lhes digo nada a eles, a não ser os garotos, (E. – Mhm) que cumprimentam.

E. – Com certeza... E qual é a opinião que tem assim sobre a utilização que essa família faz dos espaços comuns?

e. – Quer dizer... A utilização... Vamos a ver, este prédio era um prédio calmo. (E. – Mhm) Sossegado, era, hmmm, andares de famílias, hmmm, estudantes, nunca se ouvia absolutamente nada, cada um vivia no seu, na sua casa. A partir de que eles vieram para aqui, de vez em quando é, são os barulhos lá cima, gritos, asneiras... Pronto, enfim. O vizinho de lado, de porta com porta, foi embora, fez uma vez queixa a mim que não aguentava aquilo, entrar e sair muita gente até altas horas da noite e que, ouviam mais

do que, não é? (E. – Mhm...) Lá está, parede com parede. E esses saíram em Agosto. Foram-se embora. E diz que saíram por causa disso. Oh mais de resto...

E. – Portanto, então, em termos de utilização do elevador, de...

e. – Isso paga o condomínio, não tenho nada a ver com isso, não é? Não faço parte do condomínio tão pouco, por isso a mim isso passa-me ao lado, não... Não me afecta.

E. – A senhora também não tem conhecimento, então, das regras do condomínio?

e. – Não tenho. Não tenho porque eu não faço parte do condomínio. Há outras pessoas que lhe poderão dar melhores informações do que eu. Eu não, nesse aspecto eu não tenho.

E. – Com certeza. Tem conhecimento, então, da participação desta família em alguma actividade aqui, se as crianças andam na creche, nalguma coisa assim...?

e. – Sei que os miúdos que estudam. Agora tem lá os bebés. Porque isto foi alugado por uma família (E. – Mhm), mas depois aí meteu-se mais... Digo sinceramente, que até nem sei quem é que lá vive. Vejo, de vez em quando, entrar para lá muita gente, já nasceram lá mais dois bebés, (E. – Mhm) que não pertencem à própria que alugou a casa. A mais, nem sei se filho, se quê... não sei... Sei que tem lá um garoto que é um bocado insubordinado. Eu própria não tenho razão de queixa dele, não posso dizer...

E. – E tem conhecimento de alguns amigos ou familiares dos arrendatários?

e. – Não...

E. – Portanto, só daquelas pessoas que vão entrando...

e. – Sim, porque as vejo, mas nem sequer as conheço. Ah não, isso passa-me totalmente ao lado, não sei.

E. – Mhm. E sabe-me dizer assim de alguma situação caricata que tenha envolvido esta família?

e. – Não, não sei situação nenhuma, só os vejo a discutir (risos). Só oiço gritar e asneiras por o meio, mas nem sei quem, nem sei com quem quem, porque estou na minha casa, não me meto na vida de ninguém, deixo-os lá... Não me meto nisso. Nem sei quem é, nem quem são eles que estão a fazer esses distúrbios, eu sei lá. Mas estes prédios que estão, isto são prédios horizontais, não é? (E. – Mhm) Mas há prédios aqui do lado e doutro que, principalmente no Verão, já me têm perguntado que, quem são aquelas pessoas que estão no seu prédio que fazem tanto barulho e dizem tantas asneiras. Já me têm, já me disseram isso...

E. – Pois, compreendo. Portanto, em termos de pontos positivos e pontos negativos da chegada desta nova família, que é que me pode dizer?

e. – A mim não me incomoda nada.

E. – Relativamente aos que cá estavam antes?

e. – Ah, era família minha. É outra coisa... (risos) Não tem nada a ver. Não, mas aqui no prédio era tudo muito, tudo com muito bom comportamento, até estudantes e tudo. Nunca houve aqui barulho nenhum no prédio, num, nada. Tudo gente decente. Gente decente. Esta gente, não, não é, pronto.

E. – Sim senhora... Agradeço então a sua colaboração.

ENTREVISTA 18

Características do entrevistado:

Sexo – masculino;

Faixa etária – >=60 anos

Educação – ensino superior

Emprego – reformado

Profissão – Grandes Grupos I e II do CNP

Classe – média alta.

E. – Eu pedia-lhe que falasse, então, um bocadinho da relação que tem com os arrendatários, portanto, com os vizinhos aqui de baixo. Se os conhece bem ou não, se mantém assim...

e. – Segundo direito? Não, segundo esquerdo!

E. – Exacto, exacto.

e. – Conheço as pessoas apenas de vista. Dá-me ideia que é uma casa onde há bastantes pessoas, não sei exactamente quantas. São pessoas com quem habituei a cruzar-me, na entrada do prédio, no elevador, às vezes nos cumprimentamos. Se estou bem recordado, mas é uma coisa que não estou bem seguro, a minha mulher talvez lhe pudesse dizer melhor, já houve uma ocasião ou outra, que a minha mulher até ofereceu algumas coisitas, não sei se, para os mais ou novos, ou assim. Mas não passa disso, quer dizer, não há uma relação de intimidade, isso não há. As pessoas têm a sua vida também, e nós temos a nossa? A minha vida, por acaso, até é muito caseira, mas muito metido aqui com o computador, e portanto, não tenho, não tenho, a não ser que faça outras perguntas mais concretas, não vejo outra coisa assim, desde já, a adiantar.

E. – Portanto, em termos de conversas e assuntos e assuntos de conversas...

e. – Não, conversas não é habitual. Pode acontecer uma vez, mas uma pequena troca de palavras. Não é, não há uma relação propriamente de, de amizade ou de intimidade. Aliás, isto hoje, aliás, nos prédios que têm bastantes habitantes, como é, de algum modo este prédio, este prédio tem umas dezasseis fracções, ou coisa que o valha, hmmm, há pessoas até que às vezes nem conhecemos, não é?

E. – Claro, claro. Acaba por nem haver assim muita...

e. – Sim, encontramos-nos às vezes... Há casos em que encontramos uma pessoa no elevador e tiramos a conclusão que ela vive no prédio porque a encontramos repetidamente, não é? Porque senão, nem tiraríamos essa conclusão. Pensámos que era alguém que vinha de visita, ou assim.

E. – Assim, relativamente aos, aos, assim mais concretamente aos espaços comuns, portanto, o elevador, entrada, como é que é, como é que considera a utilização por parte desta família?

e. – Portanto, não tenho nenhum reparo especial a fazer. Hmmm, parece-me um bocadinho, tanto quanto tenho podido ver, nas ocasiões em que tem acontecido encontrar-nos à saída, à entrada do prédio, parece-me que as coisas funcionam como devia ser, digamos, correctamente.

E. – Portanto, também relativamente...

e. – Sem nada em especial.

E. – Relativamente às regras do condomínio, em comparação assim com os outros condóminos...

e. – Não há regras que se devam aplicar especialmente aos inquilinos, e que eu veja que fiquem por cumprir. Não há, não é, em princípio, obrigações para os inquilinos, a limpeza do prédio é a cargo da administração, obviamente, não têm que fazer nada aí, e não vejo mais nada em que tenham q fazer outra coisa. Hmmm. Não vejo, não vejo mais nada.

E. – Portanto, assim nesta vivência específica do prédio, utilização dos espaços comuns e condomínio, é, é igual à dos restantes condóminos.

e. – Sim, sim, eu diria isso!

E. – Com certeza! Tem assim conhecimento da participação desta família em alguma actividade aqui na comunidade, se as crianças andam na creche, na escola...

e. – Não faço a menor ideia. Dos pormenores das vidas das pessoas, não faço a menor ideia. Até porque, como lhe disse, com as pessoas não tenho relações de amizade, propriamente, que nos leve a conversar, e conversas onde se pudessem ser tratados esses detalhes, não é? (E. – Claro, claro...) E, pelo que resta, também não procuro saber da vida dos outros, não é? Às vezes acontece, chegarmos a... mas não sei de nada que possa interessar. Tenho ideia que há um rapazinho que andará na escola, não sei exactamente em que altura, e já ouvi referência que o mocinho até teria bom aproveitamento e tal, mas de concreto não sei.

E. – De qualquer maneira, assim estas informações já vão ajudando...

e. – É pouco, será pouco, naturalmente porque, como eu lhe digo, estou muito metido em casa. (E. – Claro!) isto corresponde ao meu feitio pessoal, gosto de estar sossegado, gosto de estar com coisas que me captam o interesse, e que me ocupam, enfim, que me divertem um bocado, como o computador, não é? E isso não facilita também muito que haja contactos frequentes, não é?

E. – Claro. Sendo vizinho próximo, portanto, eles moram por baixo, sabe assim de alguma situação caricata, que tenha envolvido esta família...

e. – Não. Propriamente, situação caricata, não. Mas há, há, que precisar o seguinte. Nós estamos a viver no terceiro direito. Também somos proprietários do terceiro esquerdo, mas no terceiro esquerdo não fazemos a vida diária. Vamos lá, passamos lá, a fazer um

trabalho, qualquer coisa. Levar coisas, trazer coisas. Mas é aqui que nós estamos durante o dia. No terceiro direito. Hmmmm... já houve, uma vez ou outra, e hoje por acaso aconteceu até, que ouvimos vozes assim aparentemente um bocado exaltadas, um bocado mais altas e tal, mas isso, enfim, quer dizer, comigo, que eu tenha ouvido, tem sido raro. Tenho impressão, mas isso, não é como posso dizer com segurança, portanto, outras pessoas já têm ouvido mais vezes, mas enfim, isso aí abstenho-me de dizer mais alguma coisa, porque só posso falar por mim. E por mim, olhe, hoje por exemplo aconteceu. Às três horas, mais ou menos, houve uma conversa qualquer, já, penso que já na escada, hmmm, mais alta, creio que sim, não sei do que é que tratava, hum, só isso é que eu posso referir. Isso já aconteceu, mais ou vez ou outra, mas é só isso que eu posso referir. De resto, não me apercebi que tenha havido quaisquer consequências disso, enfim, com alguma importância, não é?

E. – Claro, claro, claro! Portanto, só assim alguns desentendimentos de quando em quando, mas...

e. – Em rigor, nem sei se são desentendimentos, porque, que, que se ouvem, uma vez ou outra, vozes mais altas, ouvem! Mas eu não sei do que se trata. Pode ser uma discussão amigável. (E. – Claro, claro!) Portanto, não sei se é, se corresponde a uma situação de desentendimento, ou a uma situação de mais entusiasmo na conversa ou coisa do género. Não posso dizer isso.

E. – Mas acaba até por não ser incomodativo...

e. – Não, não! Para mim não, a mim não tem sido. Repito, nós também estamos no lado direito, não é? (E. – Claro, claro!) Se estivéssemos no lado esquerdo, eventualmente podia ter uma informação diferente a dar, mas no lado direito, a mim não me têm incomodado rigorosamente nada.

E. – Portanto, mesmo estas discussões mais exaltadas não se ocorrem durante a parte da noite, é mais...

e. – Não! Não, não! Isso, quero repetir, isso aconteceu uma ou outra vez, uma coisa de modo nenhum sistemática! Não é uma coisa que esteja a acontecer todos os dias, nem qualquer coisa perto disso, não é? Quer dizer! É uma situação que eu diria que parece, de certo modo, banal, porque em qualquer família pode acontecer, em qualquer casa pode acontecer, haver um dia ou dois, uma festa que se faz em que as pessoas se entusiasmam... (E. – Claro!) E repito! Não conheço o conteúdo dessas frases que possam ter sido mais altas, que me permitam tirar qualquer outra conclusão.

E. – Com certeza. Então assim, relativamente ao que, ao prédio, antes de estarem, estar esta família, sabe-me referir pontos positivos, e pontos negativos, que...

e. – Sinceramente não vejo que tenha havido alteração. Hmmm, quer dizer, o único pormenor, diria, é o pormenor quase estatístico, digamos, é que realmente é uma casa com bastante gente, eu não sei quantas pessoas lá vivem exactamente, mas é uma casa onde há bastantes pessoas, e onde vêm outras pessoas (E. – Mhm..) E isso às vezes nota-se um pouco mais movimento, na saída e na entrada do prédio, mas isso é uma coisa que está dentro da normalidade, a meu ver.

E. – Portanto, têm até bastantes visitas, não é?

e. – Suponho que são familiares, suponho que são pessoas de família Suponho!

E. – Sim, sim...

e. – Também não quer dizer que seja todos os dias, não é? Mas como já a família por si é numerosa, às vezes quando saem em grupo é bastante gente, e realmente há algumas ocasiões em que vêm pessoas visitar, naturalmente conversar, ou qualquer, e realmente, às vezes nota-se um pouco mais de movimento, só isso! Só isso.

E. – Então considera que o realojamento desta família neste prédio, foi bem sucedido...

e. – Por mim, falando exclusivamente por mim, obviamente, humm, eu diria que não tenho problema nenhum. Nada que tenha algum significado,

E. – Que seja de marcar...

e. – Naturalmente, naturalmente. Tudo isto que eu referi são coisas que considero perfeitamente banais, normais e aceitáveis. Não ultrapassam, nada daquilo que eu disse ultrapassa os limites do que possa ser aceitável num prédio onde vive bastante gente.

E. – Com certeza. Eu agradeço então a sua colaboração.

e. – De nada!

ENTREVISTA 19

Características do entrevistado:

Sexo – masculino;

Faixa etária – [45;60[anos

Educação – ensino superior

Emprego – empregado

Profissão – Grandes Grupos I e II do CNP

Classe – média alta.

E. – se me pudesse falar então um bocadinho da sua relação com os arrendatários, portanto, com a família... Se conhece bem, qual o tipo de convívio que mantém, as conversas, mais ou menos...

e. – o convívio é reduzido e a comunicação também é muito reduzida. Limitamo-nos a dizer Bom Dia, Boa Tarde, pouco mais.

E. – portanto, não mantém uma, uma relação muito...muito próxima.

e. - não.

E. - sim senhor....hmmm...

e. - Bem pelo contrário, eu diria que... Bem, repare, não há muita diferença entre ele e os demais vizinhos. (pausa) Todos sabemos como é que são as relações na cidade. Num edifício é possível as pessoas até nem se encontrarem durante um ano. Ou se se encontram, hmmm, (pausa), falam o mínimo. Vão no elevador, hmm, “olá”, “o tempo está isto”, “o tempo está aquilo” e pouco mais. Nós, por acaso, com o administrador temos uma relação mais próxima (com a pessoa que é o administrador) e ele também tem uma relação mais próxima com a família. Hmmmm, todos os outros, hmmmm, são seis, hmmmm, seis andares... Seis não, são cinco, porque o sexto pertence à mesma pessoa. Dessas cinco só há mais (pausa) três, ou melhor, são quatro pessoas que interagem com o quinto, com a quinta família que está lá alojada. Porque no primeiro andar, hmmm, estava lá de facto um casal, mas entretanto alugaram a estudantes. Menos uma pessoa que interage. Mas a interacção era diminuta, ou mesmo quase inexistente. As pessoas cruzam-se no caminho, ou quase que se evitam, e no caso da família, alguns procuravam mesmo evitar, porque é uma família numerosa, já são quatro crianças, e por vezes trazem amigos, ocupam a entrada, com, estão sempre a movimentar cargas, e as pessoas do edifício ou dão a prioridade, digamos assim, ou procuram mesmo evitá-los. Isso eu tenho notado. E eles também não fazem questão de se misturarem. Mas, hmmm, o pai da família é, na sua interacção mínima com as pessoas, tenta ser cordial. Isto é, diz Bom dia, Boa tarde, humm, sim senhor.

(E. – mhm) Claro que, depois, como todos nós, no, no, dentro da esfera da sua casa, todos gritam mais alto, e todos berram, com os miúdos ou uns com os outros (E. – exacto), mas isso é o normal. E eles não são diferentes, nesse aspecto. Nós, o nosso contacto com eles, raras vezes mantivemos conversas, mas houve algumas vezes que ele falou comigo pequenos assuntos, para ajudar a fazer isto ou ajudar a fazer aquilo. Eu tentei não dar muita margem de manobra, também vi que ele estava a tentar aproveitar-se de uma situação, então não lhe dei muita margem de manobra. Mas isso aí não dou

com ele e não dou com outras pessoas, pronto. (E. – exacto, exacto...) Porque quando percebem o que é que nós fazemos como trabalho depois tentam “ahhh, pode desenrascar isto ou aquilo” e eu não tenho grande disponibilidade para, (pausa), para fazer serviços ao domicílio. E...E portanto é isso, é Bom dia e Boa tarde. A interacção é só essa. Os problemas que vão surgindo no edifício, costuma ser lá o administrador que, que o procura, mete conversa com ele e tenta resolver as questões. Já lhe tinha dito no outro dia, por exemplo, a questão da higiene no edifício é um desastre. (E. – mhm) Sistemáticamente, hmhhh, saem, nas férias ou qualquer coisa, na volta trazem sempre muito, muita tralha. E, mas ao transportar para dentro do edifício, obviamente, monopolizam o elevador, e...e às vezes estão ali a fazer quatro, cinco transportes, para cima e para baixo. Fazem barulho, sujam, inevitavelmente, a, o edifício, e depois, quando o Capitão chama a atenção, pronto, hum, aí, normalmente, a reacção é evasiva. O pai da família, que é com quem há o contacto, a família, hmm, toda a família, que eu tenha observado, é, raramente dizem seja o que for. O pai da família é que fala pelo, pelo grupo. (E. – exacto) Mais ninguém mantém contacto com, com os restantes elementos. E, e ele quando lhe começam a tentar chamar à atenção, procura dizer que não foi ele, ou, pronto, procura sempre fugir a essas pequenas questões, mas são recorrentes. Hmm, a higiene do local, e alguns danos que aparecem, houve um ou outro que ele admitiu, disse que pagava, sim senhor, quando transportou as coisas pelo vão das escadas e partiu uns vidros que protegem da chuva. Depois disse “ah, pois, isso foi um amigo meu que já ia um bocado bebido e partiu, mas esteja descansado, eu pago, eu trago vidros e ponho” e não sei quê, mas ele nunca trouxe, e o administrador disse “ah, eu vou por ali e depois apresento-lhe a factura” e ele “ah pronto, “tá bem.”. Apresentou-lhe a factura, mas também já não estava a contar que ele a pagasse. Hmhhhhhh, pronto. De facto a única coisa que realmente incomoda... o ruído, é o normal, pronto, fazem algum ruído, a movimentar botijas, e mobília, com grande frequência, mas isso, na regra geral, é só na na, haaamm, fazem esse ruído no horário dito normal. Hmhhhhhh, só muito esporadicamente fazem uma festa e incomodam até às duas, três da manhã, mas o pessoal vive, convive com isso. Lá está, os estudantes era bem pior. E, e de facto a questão da higiene é que um desastre. Fuma dentro do elevador, sujam o elevador, por vezes esquecem lixo junto à porta, na escadaria. Quando monopolizam o elevador, santa paciência, não dá. Hmpf...

E. – Nesse caso, como é que classifica a utilização dos espaços comuns por eles?

e. – Não é muito positiva. Há claramente um rebaixamento, que é para não dizer um desrespeito, pela, pelo comum. A propriedade comum para eles não lhes diz nada. Sujam, danificam e basicamente estão-se borrifando. Não ligam muito a isso. Quando, quando, o que eu tenho visto com o Capitão, lá o administrador, quando o chama à atenção, sim senhor, dizem que sim que sim, sim senhor, mas é quase político. É dizer sim sim sim, mas na verdade é dizer que não. Não querem saber de nada disso.

E. – Exacto. E relativamente ao cumprimento das regras do condomínio, portanto, em comparação até com os restantes condóminos?

e. – Os outros condóminos também não são exemplares, aí é que está a... Hmmm, nesse aspecto, por exemplo, do pagamento, ou até mesmo... Há lá uma suspeita, de (hum hum – risos) um dos condóminos hmhhh, já foi quase que apanhado em flagrante a fazer assim umas pequenas patifarias, como por exemplo, abrir a torneira da água dentro do edifício e deixá-la a escorrer pelo edifício fora e isso não foi a família cigana,

foi outra pessoa. Agora não sabemos era se estava a tentar culpar os ciganos ou se estava pura e simplesmente a tentar incomodar alguém. Assim aquelas pequenas coisas. Que é um dos condóminos que sistematicamente não paga o que deve ao condomínio. E tem de ser o pai dessa pessoa a ir lá periodicamente a tentar regularizar as contas, porque a filha que lá está, filha, atenção, já é uma pessoa com quarenta anos, hmmm, e tem um miúdo, mas não assume a responsabilidade e já foi apanhada em flagrante a fazer essas brincadeiras infantis. Hmmm, mas, apesar dessa, de recaírem as suspeitas sobre essa pessoa dessas pequenas patifarias, de facto, a, a, a grande sujidade e, acima de tudo, o mau cheiro no corredor e no edifício, ah isso não haja a mínima dúvida... Quando eles foram para ali notou-se uma grande diferença. E até foi motivo de grande resistência porque o Capitão, que vive naquele edifício há muitos anos, hmm, ficou muito, muito aborrecido com aquela situação e disse “Então a Câmara Municipal agora resolve fazer este tipo de coisas e está-se borrifando?” porque, eles dizem “Ah, são pessoas como todas as outras” Não. Ele não as considera pessoas como todas as outras. Sim, sim, têm braços e pernas e uma cabeça para pensar, efectivamente, mas têm hábitos. E têm um isolamento social que os distancia. (E. – Mhm) Hmmm, e, e, para além de quaisquer preconceitos que as pessoas possam ter, existem as questões práticas. (E. – Certo...) E na prática não é possível fazer uma convivência distante, mas pacífica... ali continua a ser distante, mas hmmm, há um atrito, ainda que velado, não é? Há sempre, existe sempre. A partir do momento que uma pessoa incomoda os outros, porque suja o elevador, fuma no elevador, e pura e simplesmente não se importa, e sabe que vai impune, e diz “Ah, porque eu sou cigano. Posso, quero e mando.” Existe um pouco essa postura. Por exemplo, no estacionamento cá de fora. É muito intrusivo. Não só trazem um carro, como trazem dois, e o carro é grande e ocupa muito espaço na estrada. E a polícia, assim que soube que naquele local estava uma família cigana, portanto, as primeiras semanas houve problemas a toda a hora, rebocar carro, carro para a esquerda, carro para a direita, a polícia sempre ali à porta. A partir do momento que ele se identificou, digamos assim, a polícia deixou completamente de aparecer. (pausa) E ele e os...Ele! Ou os vizinhos é que vão gerindo aquilo da melhor maneira. Isto é, chega lá com o furgão e as pessoas têm de se acomodar com certas com os pseudo receios disto ou daquilo. E é assim. As pessoas têm de, neste caso fazem espaço. Criam o espaço para acomodar. Não se pode dizer que tenham a coragem ou a lata para enfrentar e para afrontar, a, a, a família cigana. Não. Eles, eles próprios sabem que têm aquela, aquela reputação, de ferozes, lá, e ganham logo espaço, tentam logo ganhar espaço. E pronto, a partir daí...

E. – Mas acha que essa reputação é justificada?

e. – Não faço a mínima ideia. Hummm. A minha relação com as famílias ciganas é diminuta, reduzida. E só, só conheço mais de perto porque de facto está lá esta família a viver naquele edifício. Pouco mais. Antes disso só conhecia aquelas famílias que vivem lá em baixo, que vivam!, junto à...à Estação Velha e que depois foram realojadas um metros mais adiante. E também devo dizer que a pequena interacção que tive com as crianças que viviam ali não era nada agradável. Os miúdos são educados naquele esquema de ah, intimidar os outros e manter uma distância pela intimidação. E fazem logo aquelas ameaças. Ameaças mesmo!

E. – Sim, sim, entendo.

e. – (risos)

E. – E conhece assim se eles participam em alguma actividade, assim na comunidade em redor, em associações ou alguma coisa assim. Não tem conhecimento de nada disso?

e. – A ideia de os colocar dispersos na cidade no meio da restante comunidade nunca vai resultar, porque o isolamento não é uma questão só geográfica. A questão geográfica tem importância, porque reduz o impacto, reduz a força e retira aquela imagem de ghetto, mas uma coisa é o isolamento geográfico, que de facto pode retirar força à comunidade, mas lá está, o isolamento, o sentido de comunidade, não só nos ciganos, mas noutras comunidades, está hmm, na, hmm, coisa virtual. Saberem que são uma comunidade para além de, do sítio onde moram. Ou seja, um cigano, que more no sul ou no norte de Portugal, quando está com outro cigano, por muito mal que se possam dar e ter conflitos entre eles, unem-se, se for necessário, contra o não cigano. (E. – Compreendo...) É tão simples quanto isto, não é? E isto acontece com quaisquer comunidades humanas que têm um elo de ligação cultural. Não é só nas famílias de ciganos, como é evidente.

E. – Mas considera ser possível combater esse isolamento de que me falou?

e. – Eu não sou nenhum especialista, nem tenho passado anos da minha vida a estudar o assunto. Humm, mas os que são especialistas, e se as melhores soluções que eles encontram são essas, ou seja, dispersá-los pela cidade, também, não sei se vão longe...

E. – Pois, com certeza é uma parte da solução, mas referindo-me ao isolamento que me falou, o tal isolamento virtual, acha que há alguma maneira de conseguir combater esse isolamento, ou será efectivo?

e. – Eles não se sentem isolados. Eu acho que eles não se sentem isolados. Estão a morar noutra casa, no centro da cidade. Eles não querem saber nada disso. E as pessoas que estão no edifício... O problema é, qualquer mau vizinho é uma pedra no sapato em qualquer edifício ou vizinhança. Ter um mau vizinho é a tal velha história.: um indivíduo que trabalhava ao domingo e Deus disse-lhe “eh pá, se não deixares de trabalhar ao domingo eu castigo-te.” e ele disse “Na, não tenho problemas nenhuns.”, “Ah, mas se vais cultivar o campo ao domingo que é o dia do Senhor, se continuares a trabalhar ao domingo eu faço com que o teu campo não tenha boas colheitas.” e assim faz. Deus determina que naquele ano não há colheitas para ninguém. “Então e agora que eu te castiguei já pensaste no assunto? Vais continuar a trabalhar ao domingo, ou vais deixar de trabalhar ao domingo?” e ele disse “Ahhh, ahm.” E continua a trabalhar ao domingo. E Deus vem novamente e diz “Se continuas a fazer isso, este ano vai ser pior. Não só não vais colher nada do teu campo, como vou matar os teus animais à fome.” E assim acontece. E ele...insiste! Continua a trabalhar ao domingo e Deus disse “Olha, pá, então vou-te arranjar um mau vizinho!” ele disse “Ah, alto! Parou tudo! Pronto, eu aos domingos, descanso.” Isto é só para dizer a importância que tem um mau vizinho. Pode-se ter más colheitas, pode-se ter outros castigos, mas ter um mau vizinho é muito mau. Isto fazia sentido nas comunidades há uns anos atrás, nas comunidades rurais. Nas cidades já não é tanto assim. Já são quase todos maus vizinhos uns para os outros, ou, ou por exemplo, são vizinhos ausentes e indiferentes. Apesar disso, esta situação não é nada nova, de ver famílias colocadas dentro de um edifício, ou pior, mais do que uma família no edifício, que são capazes de fazerem muito mais estragos, em termos de sujidade e lixo, ao ponto de tornar inabitável o espaço pelos demais condóminos. E

estas situações eu, por acaso sei delas, por pessoas que já relataram e fizeram circular pela internet. Hmmm. Situações que de facto são intoleráveis. Uma pessoa que tem estima pelo seu próprio bem e pelo bem comum, os espaços que são comuns no dentro edifício, o elevador, o átrio, a entrada do edifício, as traseiras do edifício, eventualmente garagens e jardins...hum...A atenção que as famílias ciganas têm com esse espaço, regra geral, não estamos a falar daquelas famílias que já estão melhor entregadas pela via da educação, que já têm os filhos a frequentar a escola, que já têm programas em que há elementos da comunidade, hum, que não saíram da comunidade, mas que vieram da comunidade e que aprenderam as regras de funcionamento da sociedade e tentaram integrar as coisas, da melhor maneira, ou seja, pela via da educação e não simplesmente pelo posicionar dentro do espaço geográfico, que conseguem mobilizar e dizer, e criar hábitos de estima do ambiente, do, em que vivem. E cultivá-lo. Não só na vertente, na real, mas cultivar também no aspecto social, e dizerem “Sim senhor, somos pessoas com a nossa identidade cultural, mas somos perfeitamente capazes de conviver com os demais e até de, eventualmente fazer coisas porreiras.” Hmmm, este esquema, este modelo, por exemplo aqui em Coimbra, do que eu tenho visto, já são várias famílias que moram em Coimbra, aqui na zona do centro da cidade, nesta zona aqui do estádio, conheço pelo menos mais duas, julgo que estão ali perto, uma na Ladeira..... (E. – ...do Seminário.) do Seminário, hmmm, pá! O que eu tenho visto é que realmente não, hum hum, é muito, é notório. Isto é, a presença deles não passa mesmo despercebida. Talvez pelo tipo de actividade que mantêm, não sei, mas é uma grande imposição.

E. – hum... Tem conhecimento de alguns amigos ou familiares?

e. – Ah sim! Aparecem...aparecem lá! Às vezes são três ou quatro carros que estacionam na rua e...uma festa, ou qualquer coisa...(pausa) É normal. Isso aí acho perfeitamente normal. Eu conheço, conheço, isto é, vejo-os de vez em quando lá. Mas acho normal. Uma família vai à, a casa dos familiares visitá-los.

E. – Então e sabe assim de algumas situações caricatas que tenham envolvido esta família, desde que cá está a família.

e. – Eh, há pequenas, há pequenos episódios. Por exemplo, um hábito engraçado que eles têm: andam sempre a transportar material para dentro e para fora de casa. Huh, têm lá a carrinha. Levam, às vezes ausentam-se durante dias, levam a mobília e lençóis e colchões e tudo mais. Transportam essa tralha toda pelo elevador. Humm, todo esse equipamento está impregnado de um cheiro, porque mantêm umas regras de higiene diferentes. Huh, ou seja, os padrões serão um bocadinho, hum, diferentes dos demais utilizadores do edifício. Deixam as paredes sujas, o chão sujo. E depois, quando fazem esses transportes, para além de arrastarem as coisas, portanto, arrastarem botijas de gás, que é frequente, tanto do gás de cozinha, como o gás para encher os balões, arrastam pelo chão, fazem imenso barulho, desgastam os mosaicos, depois, tudo o que se parte fica de lixo pelo edifício. Depois, cá fora, varrem a carrinha, deixam o lixo em frente ao edifício, hummm, e os objectos que já não querem, vão colocar em frente ao lixo. Ou seja, botijas de gás, cadeiras, camas, colchões, sofás, mesas. Coisas que ninguém se lembra de colocar no lixo, ou então telefona à câmara para vier recolher no dia assim e assim, humm, eles, não sei onde é que arranjam tanta mobília, mas de facto, amontoam ali e isto repete-se ao longo do tempo, não só varrerem o lixo da carrinha e deixarem em frente ao edifício, como meterem a tralha toda junto aos contentores, pronto. É uma coisa que dá nas vistas. Mais episódios...pronto, isto, isto não é bem um episódio, ou

melhor, é episódio recorrente. As festas...e a barulheira...felizmente, acontece raras vezes, mas, ainda recentemente pelo Natal aconteceu. Fizeram uma festa. À meia-noite e tal ainda estavam em altos berros, a ouvir música, e foi lá a vizinha do terceiro andar e pediu-lhes que ou moderassem o volume ou acabassem com a festa. Claro que eles continuaram até às três da manhã. Foi tábua rasa, borrifaram-se completamente para aquilo. Acho que o que ela fez foi uma asneira. Foi lá tentar dizer-lhes que... ou seja, eles ainda fizeram questão de fazer mais barulho. Obviamente acho que a senhora já nem teve coragem de lá ir bater à porta e nestes casos também ninguém chama a polícia, ninguém faz qualquer denúncia. Aliás, isto tudo que eu estou para aqui a dizer, provavelmente ninguém diria abertamente, muito menos para uma máquina a gravar, com medo de qualquer represália. Que é fácil, este tipo de coisas, quer dizer, uma pessoa tem bens, e tem família, e é fácil incomodar o vizinho. Há pessoas que sentem que não têm nada a perder e outros que sentem que têm a perder. Quer dizer, se, não custa nada. Uma pessoa vai ali à rua, sabe qual é o meu automóvel e espatifa-o todo, por exemplo. É uma boa, e eu ganhava mais em estar calado. (risos), portanto... e não é só isso, quer dizer, é a própria intimidação. Enfim. Fala-se, fala-se, fala-se e para quê? Percebe? A questão da higiene, hmmm, nós que lá vivemos somos muito incomodados. Mais incomodados nos sentimos quando nos vão visitar e temos o edifício naquelas condições. As pessoas dizem “Eh pá, mas cheira aqui tão mal no vosso edifício. O que é q se passa?” e então “Ah...Família cigana...” está tudo explicado, não é preciso dizer mais nada. (pausa) Eu acho que nenhum funcionário da câmara que optou por essa solução terá tido a coragem de os colocar no edifício onde mora. E isso é preciso dizê-lo com frontalidade. Nenhum dos senhores que defende essas medidas ousa colocá-los no seu edifício. Ainda que quisesse provar o seu ponto, os vizinhos iam ter com ele e davam-lhe uma bela descarga. Assim que soubessem quem era o responsável pela ideia peregrina, não é? Isto... As soluções sociais, ainda que possam ser defensáveis do ponto de vista teórico, na prática, as pessoas que nós defendemos, depois dão-nos argumentos para não os defender, se não conseguem socializar com os demais. Portanto, isto não é solução fácil. A solução de colocar, tentar, acomodar uma família... é que se uma família, hummm, de ucranianos, de...brasileiros, alemães, franceses, passam completamente despercebidos dentro da nossa comunidade. E uma família cigana não consegue passar. E as pessoas vão dizer “porquê?”. Têm de analisar porquê. Será que é por, o, por o, hummm, preconceito? Ou já é mesmo pós-conceito. Isto é, depois de verem na prática como é que as coisas funcionam, vêm que, hmmm, a família não está disposta a fazer grandes cedências. Pelo contrário, vai lá, com o seu espaço, ainda por cima vai porque é a câmara municipal que os coloca lá e sentem-se perfeitamente à vontade para fazer o que entenderem. E os, os...hmmm... os condóminos que estão lá, por mais, hmmm, reivindicativos que sejam, e já sabemos que na cidade as pessoas tendem a ser uns grandes cobardes. Falam, falam, falam, mas depois não dizem nada directamente às famílias, porque têm a perder. Se a pessoa que tem a perder e sente que não vai reunir o apoio dos quatro ou cinco vizinhos, porque estão todos à espera de ver quem é que vai tomar a dianteira e falar, coberto de razão ou não, hummm, pronto, acomoda-se tudo, pára-se tudo, ninguém quer saber de nada disso. E tentam conviver com a situação, ou tolerá-la ou suportá-la. E é isso, e é isso que acontece. As pessoas suportam, na prática, tudo aquilo. Suportam porque, na questão da higiene do edifício, querem manter o edifício, a limpeza, a higiene tem de ser mais frequente, e isso tem custos...mais? Por muito limpa e por maior frequência que aumente a limpeza no edifício, ele continua sempre sujo. São coisas ridículas! Sei lá...os miúdos tiram macacos do nariz e prendem na porta do elevador, mas uma coisa ostensiva! Fazem quase arte rural com os macacos. Eh pá, isto teria alguma piada, mas eu não toleraria

que os meus miúdos fizessem isso. Eh... Uma pessoa a entrar no edifício, vai a por a mão na maçaneta da porta e vê que ela está toda suja, o vidro da entrada da porta está partido. Quem é que foi? Ninguém... As pessoas... Até pode ter sido o vizinho do lado, mas vão logo apontar baterias, e provavelmente, foi. Hummm... sei lá... As escadas apareceram esmurradas e vários pontos do hall de entrada apareceram esmurrados, porque movimentaram móveis grandes que bateram em várias esquinas e partiram o estuque. Quem é que vai reparar aquilo? Quem é que paga isso? Quem é que vai reivindicar junto da família? E sabe se vale a pena? Eles vão dar dinheiro para pagar aquilo? Não! Eu nem sei quem é que está... Acho que quem está a pagar as despesas do condomínio, continua a ser o proprietário, que está ausente, está a milhares de km, e a câmara, simplesmente, "vamos alugar este espaço a uma família" e pronto, e... hmmm... a câmara preocupou-se com perguntar aos outros? Não. Nem quer saber. Não está sujeita a esse dever, certo? Porque à luz da constituição somos todos iguais, não é? Coloca lá a família, não tem de passar cartão nenhum aos demais condóminos. Não é obrigada de modo algum, mas de facto sabem que estão a criar uma situação problemática para os que lá vivem. E eu gostava sinceramente, de escrever uma mensagem, ou até de falar aos defensores da ideia, dizer-lhes "eu acho muito bem que vocês tenham essa política de integração. É gira! Mas eu gostava que vocês experimentassem na pele. Que é para verem o que é que é bom para a tosse. Porque nós termos princípios de igualdade e rectidão e não sei quê é excelente! É bom para o ego! É bom sabermos que somos pessoas bem formadas. Na prática, ter de enfrentar o mau cheiro todos os dias, de pessoas que são nosso iguais, mas que se portam de maneira diferente, sejam eles ciganos ou não, é chato! Se sabemos que há um padrão, há um perfil, que se repete com as famílias de ciganos, porque é que insistimos nesta solução?" valia a pena ponderar... eu também não, também já sei que não é solução colocá-los num ghetto e afastá-los, ou dar-lhes todas as condições e meter os contribuintes portugueses a suportar tudo isso, não é! Não é bom para eles, não é bom para ninguém. Uma pessoa que vive do rendimento mínimo habitua-se mal. É triste ver que de facto uma pessoa já é desfavorecido porque não teve educação, porque não teve acesso a bens, não sei quê, porque não tem acesso a trabalho, e entra naquela espiral que ao invés de sair, permanece sempre num patamar indesejável. Indesejável para ele mesmo, e para todo, para todo o Estado, para todos nós. Já sabemos, eh pá, o ideal seria através da educação e através de programas de apoio com trabalho. Porque dar o rendimento social mínimo a essas pessoas, hummm, elas acabam por viver bem com isso, acabam por ter disponibilidade temporal até para, hmmm, entrar por outras vias, hmmm, ilegais até! E ao invés de nos estarmos a ajudar a nós mesmos, estamos a adiar a resolução de um problema. Isto é, se, hmmm, todas as pessoas que vivem... hmmm, não são todas as pessoas, mas uma boa parte, uma boa percentagem de pessoas que vivem com o rendimento mínimo, hmmm, não estão, sinceramente, à espera de sair pela via do trabalho e da educação daquela situação. Querem arrastar e manter aquilo, e se puderem ter outras fontes de rendimentos, ilegais que sejam... Tem menos a perder uma pessoa que está integrada numa comunidade, que tem o seu trabalho, que tem as suas comodidades, hmmm, conquistadas, do que uma pessoa que as não tem. Que vive do rendimento mínimo e acha que, hmmm, e começa a pensar sempre que a ele tem direito e que ninguém lho pode tirar. (pausa) É uma discussão sem fim, e, hmmm, pode-se abordar de mil e uma maneiras. E podemos concordar com os princípios e é muito melhor ter as pessoas, hmm, digamos que, amparadas, do que tê-las desamparadas na rua, a cair na marginalidade, a cair inevitavelmente na marginalidade e, e, a assaltarem e a incomodar os outros de outras maneiras. Mas o problema é, quando lhes pagamos o rendimento mínimo, e ainda por cima criamos melhores condições para eles se, hmmm,

se dedicarem ao negócio ilegal, seja de coisas contrafeitas ou de droga, terem armas ilegalmente, para terem a disponibilidade para assaltos, e...e tudo mais! (pausa) Pronto, mas isso já é uma conversa derivada, a questão mesmo é se é solução incomodar cinco pessoas numa cidade com uma só família, e repetir isso, replicar isso cinquenta vezes numa cidade, para ver se...se isso resolve o problema... É que não resolve! Quer dizer, eles continuam isolados, não, não, se as crianças não vão à escola, se os pais não têm um emprego onde, onde, de algum modo, se ancorem e balizem dentro da sociedade, não! É simplesmente um sítio diferente onde eles vão dormir e no dia seguinte estão a fazer o que normalmente fazem. E vivem com o rendimento social mínimo, estão-se borrifando para o pagamento de despesas, provavelmente é a câmara que paga o aluguer, não são eles que pagam o... (E. – eles têm a renda apoiada) renda apoiada?... hmmm...(E. – Uma parte é paga pela câmara, outra parte é paga por eles.) (risos). Isso é pior do que nada! Eu acho que é pior do que nada! Porque se fosse nada... “Eu pago uma parte da renda, cuidado! Não estou lá de borla!”

E. – Ainda assim, apesar de tudo o que me disse, gostaria que me referisse pontos positivos da chegada destes inquilinos.

e. – Deixam-nos dormir melhor do que os estudantes que lá estavam. (pausa) Repare! Eu seria indiferente aos meus vizinhos, desde que a presença deles, hmmm, sejam tão pouco invasiva quanto a minha é para eles. Eu não incomodo os meus vizinhos. A não ser que tenha mesmo de os incomodar por alguma razão em concreto. Tento ser o mínimo invasivo. Não me meto na vida deles, não invado a privacidade deles, não interfiro com a sua propriedade privada, não dou cabo do, hmmm, das flores que têm à porta, não lhes faço malandrices, nem partidas, nem vou andar a riscar-lhes o automóvel, não lhes faço nada disso, eu quero a convivência mais pacífica possível com os meus vizinhos. Também tenho o cuidado de não sujar o espaço comum, e por aí fora. Se às vezes, por acidente, sujo, limpo! Pronto. (pausa) Isto é, regra geral, o que fazemos nos nossos edifícios. Não quer dizer que não haja excepções. Há sempre! Até nós lá temos excepções. (pausa) positivo...da parte da família....pois.... só o facto de eles se deitarem realmente a horas. Deitam-se com as galinhas, quase. E acordam cedo, mas durante a noite é um sossego. Com as comunidades de estudantes há a tendência para ficarem acordados até longas horas da madrugada e ter televisão, ou rádio, ou computadores ligados e fazerem barulho na conversa e a sua presença é....perturba muito mais que uma família de ciganos. Mas tirando esse aspecto positivo, os outros...não vejo mais nada de positivo. Também não estou à espera de nada positivos da...hmmm...da presença dos meus vizinhos. Só espero é que não seja negativo! (pausa) No caso deles é negativo...hmmm... É uma....uma presença que se nota e bem!

E. – Sim senhor. Muito obrigada então pela sua colaboração.

ENTREVISTA 20

Características do entrevistado:

Sexo – feminino;

Faixa etária – [35;45[anos

Educação – ensino superior

Emprego – empregada

Profissão – Grandes Grupos I e II do CNP

Classe – média alta.

E. – Eu pedia-lhe então que falasse um bocadinho da relação que tem aqui com os, com os vizinhos

e. – Com os vizinhos de cima, não é?

E. – Sim, sim, se conhece bem...

e. – Pronto, a relação é quase inexistente. Conheço-os de vista, alguma maior proximidade tenho por maus motivos, cada vez que lá vou dizer-lhes alguma coisa que não está certa, nem conheço os seus nomes. Sei que o senhor se chama Sr. António, por exemplo, e os meninos nem sequer sei quantos é que são, nem tenho bem a certeza quantos é que eles são! Às vezes parece-me que há um mais pequenino, mas depois aparece-me um ainda mais pequenino! Pronto, conheço a menina, conheço um que tem para aí uns seis ou sete anos, nem sei bem, exactamente, quantos é que eles são. Conheço a senhora. Não tenho grandes razões de queixa relativamente a eles, são, são relativamente educados. Quer dizer, não são pessoas propriamente muito sociáveis, não, não, não conversam muito. Mas se se dão bem com alguém, até é de facto connosco. Somos os vizinhos com quem eles têm aparentemente mais...sente-se menos inibidos, é connosco que, se precisam de alguma coisa, pedem-me, ou a mim ou à minha mãe. O que também tem a ver com a tal relação de proximidade. A maioria dos vizinhos têm alguma, algum distanciamento relativamente a eles, até uma visão um bocadinho negativa, pronto. E nós tentamos fazer a coisa de uma forma mais pedagógica. A minha mãe às vezes fala com a miúda, diz-lhe que ela não pode gritar, que... pronto, tenta fazer assim... E portanto, eles reconhecem isso e têm também mais, mais simpatia, até porque quando lhes chamo a atenção digo-lhes sempre porque é que não pode ser, o que é que está errado. E eles acatam, normalmente. Pronto. Mas não é uma relação de quase nenhuma proximidade. Não, porque eles não convivem propriamente com...com ninguém! Mas, mas não nos damos mal, não é? Não nos damos mal...

E. – Portanto, quando conversam, os assuntos das conversas são assim mais direccionados para...

e. – Os assuntos são sempre, SEMPRE, direccionados a qualquer coisa que eles fizeram errado. Ou lixo, que deixaram em qualquer lado, ou o barulho, que às vezes é imenso, não é? E é como lhe digo, eles até reconhecem naquele momento, pedem desculpa, mas, se lhe disser, eu fecho a porta, e continua exactamente igual, percebe? Eu posso estar a ir lá a cima quatro vezes seguidas, eles pedem sempre desculpa (E. – Mhm...) e dá-me a sensação que nem se apercebem muito bem, às vezes, do barulho que é, não é? Porque eles dizem “Vamos parar”, mas são, por exemplo, os meninos, que estão a fazer barulho

com qualquer coisa, que atiram coisas, acho que eles nem têm noção do barulho que aquilo faz para as outras pessoas. Mas as conversas, as conversas são sempre à volta disso.

E. – Portanto, relativamente à opinião que tem da utilização que eles fazem dos espaços comuns.

e. – Pronto, como lhe estava a dizer, os problemas costumam ter, muitas vezes, a ver com isso. Não é, vamos lá ver, não é uma coisa dramática. E eu tenho conhecimento de situações de integração de famílias ciganas noutros sítios em que os problemas são de outra ordem completamente diversa, não é? Pronto, aqui também tem a ver com a forma como as coisas estão organizadas, o facto de não serem eles a pagar a renda, da, de serem, de não ser deles os espaço, portanto, não têm a pressão da luz, de não sei quê. Não vejo nenhum problema a esse nível. É de facto é uma questão de higiene, pronto, e como sabe, aqui tem a particularidade de ser uma casa por andar, portanto, nós temos mais privacidade do que normalmente num prédio comum. Como tem elevador, cada um vai para o seu piso, mas já me aconteceu às vezes ir lá acima, porque lá está, preciso de lhes chamar a atenção para qualquer coisa, e o piso deles não está normalmente... muito bem! Lixo cá fora, tem... pronto. Não me incomoda a mim particularmente, porque eu não vou lá para cima, não é? Pronto, e depois às vezes é lixo no elevador, ele fuma no elevador, piriscas, pronto, são coisas que eu já lhe chamei a atenção, que é uma coisa que não tem sentido nenhum, já disse “O prédio não é a rua! Isto não é a rua! O senhor não pode fumar aqui dentro, não pode deitar a pirisca para o chão!” pronto, mas isso, não quer saber, não. Dá-me a sensação que ele não, nem sequer... portanto, ele pede desculpa, fica envergonhado na altura, mas aquilo não tem propriamente grande efeito, percebe? Não, não... eles não se apercebem, são coisa que... eu acho que não fazem por mal! Portanto, não, não está enraizado aquele hábito de... (E. – Claro...) se cai uma coisa para o chão, não se apanha! Pronto, para eles, caiu, fica ali! Se alguém quiser, que apanha! Pronto, e vão embora! E não querem saber! Mas não é nada de... portanto, eu não tenho especiais razões de queixa. Como eu digo, é este tipo de coisa. Faz diferença porque nunca aconteceu e porque é um prédio onde isso não acontece! Todas as outras pessoas, tirando o primeiro andar, que é uma casa arrendada a estudantes, as pessoas são proprietárias das suas casas, portanto, naturalmente ressentem-se mais de ver o que é comum num estado que não é habitual. Não é? E que não é uma coisa facilmente controlável, porque não são vizinhos a que se possa chamar a atenção e que isso resolva. Não é? Por mais que se chame a atenção não resolve, não pára! Percebe? Mas não é nada, pronto, não é de outro mundo. São este tipo de coisa. É lixo que fica dentro do elevador, são as piriscas dos cigarros, é, se os miúdos, por exemplo, forem no elevador a comer um pão, e cair metade do pão, eles não apanham. (E. – Mhm...) Só que isso para nós, pessoas comuns, ninguém deixa um pão meio comido dentro do elevador, ou nas escadas do prédio! Percebe? Mas para eles isto não tem mal! Não tem mal, não se apercebem! Se calhar os pais nem se apercebem que eles deixaram cair qualquer coisa e eles que vêm que deixaram cair, para eles é indiferente. (E. – Mhm.) Pronto, mas são estas pequeninas coisas. Não é nada, de outro mundo.

E. – Relativamente também às regras do condomínio, comparativamente com os outros condóminos...

e. – Pronto, há estas diferenças que eu disse, no respeito pelo espaço comum, mas que não são coisas particularmente significativas. São coisas que eu acho que, se calhar, lhe

forem chamadas à atenção pelas pessoas que os acompanham em vez de ser por nós... porque eles sabem que quem os acompanha, se souber que eles não cumprem, tem consequências diferentes do que eu lhes digo. Dá-me a sensação que se forem chamados à atenção nesse contexto... e não podem ser chamados uma vez, porque isso cai em saco roto! Eles, se calhar, até, durante uma semana ou duas, lembram-se, mas depois esquecem-se outra vez. Não é? Mas parece-me que se for uma coisa que chamem à atenção que têm que ter cuidado com isso, e sobretudo a questão do ruído de vizinhança, é normal numa casa com crianças, quer dizer, só quem não for razoável é que não compreende que numa casa com muitas crianças pequenas há barulho, é óbvio que há barulho! Tem que haver! Pronto, as crianças correm, atiram coisas para o chão... no caso deles, há mais barulho do que o normal. Pronto. Há, de facto, tem a ver com, eu não sei o que é que eles lá fazem dentro, nunca lá entrei, mesmo dentro, e às vezes é barulho, não são as crianças, propriamente. Há, às vezes, um ruído maior do que é razoável. Pronto. Hmm, é como digo, também não é nada insuportável, não é nada que alguma vez me tenha feito chamar a polícia, por exemplo. Já os ameacei que chamava, não é? Mas é normalmente quando eles recebem pessoas, quando, quando têm lá alguém, o que também não acontece com muita frequência. Mas há esse... eu isso posso dizer porque eu estou por baixo, não é? Se calhar os vizinhos do primeiro andar não têm esta queixa, porque não chega lá! Mas a mim chega! E ao quarto andar também chega, com certeza, portanto, ao quinto andar também chega, de certeza. Mas a mim, a mim, a nós, aqui em casa, o que nos incomoda particularmente é a questão do, do barulho, pronto. E faz alguma diferença, eu às vezes trabalho em casa, portanto, quando estou a trabalhar em casa incomoda-me, não é? E às horas de descanso, não é? Nos períodos de descanso normais, à noite, aos fins-de-semana, às vezes há mesmo bastante barulho! Arrastam coisas, atiram coisas! Pronto, é, é, é fora do normal. Há ali um limite que é razoável, para quem tem tantas crianças em casa, e depois ultrapassa isso.

E. – Compreendo... Portanto, hmm, não sabe assim da participação desta família em nenhuma actividade aqui da comunidade, se as crianças andam na creche...

e. – Eu tenho a sensação que eles andam na escola. Digo isto porque eu saio por volta das oito todos os dias de manhã, e lá está, como eles são muito ruidosos, eu oiço os preparativos para sair. Eu percebo quando é que estão a tentar convencer os miúdos a levantar-se e vejo, acontece muitas vezes, faço o mesmo trajecto, vão levar a mais velhinha à escola, penso que ela anda ali em baixo no, no, na Casa Branca, porque eles param, eu vejo, eu às vezes vou atrás, e vejo que ela sai de mochila às costas. Portanto, e tenho noção que eles têm, pelo menos com ela e com o a seguir. Os mais pequeninos, não sei se, não sei se andam na escola, não tenho a certeza. Mas ela anda! Ela anda, e tenho a sensação que é, que é muito frequente sair. Portanto, não tenho a ideia de ela faltar muito à escola. Tenho a sensação ao contrário. Que eles fazem esforço para a levar a horas. E ralham-lhe. Ouço-os a fazer barulho de manhã por ela se estar a atrasar para sair! Tenho... por acaso isso é uma coisa que me chamou à atenção! Que era uma coisa que ao princípio nós até comentávamos aqui em casa, “será que vão à escola, será que não vão”? E... Pronto, é tanto barulho de manhã, que eu apercebo-me que eles estão a prepará-la para sair, estão a tentar convencê-la para sair! O mais pequenino não sei. Há um que é bebezinho, bebezinho, não é? Mas esse penso que não, não, não estará em lado nenhum. Porque eu não tenho a certeza se eles são quatro, se eles são três! As crianças, há uma menina, já assim mais velhinha, há um depois a seguir, depois eu tenho dúvidas se há outro ainda antes do bebé, porque às vezes andam crianças com eles

que não são filhos, que são sobrinhos, ou qualquer coisa. (E. – Claro, claro.) Mas a mais velhinha, eu sei que sim, que anda na escola aqui em baixo. Sim

E. – E os pais, assim, alguma actividade que saiba, aqui...

e. – Bom, eles...eles saem com muita frequência. Eles não passam o dia em casa. (E. – Mhm...) Agora o que é que eles fazem como trabalho... Tenho ideia que a minha irmã os terá visto uma vez a venderem balões. Em qualquer lado...a venderem balões! A encherem balões e a venderem balões... Eu pessoalmente nunca os vi em...em lado nenhum! Não tenho, nem nunca tive, nenhuma conversa com eles que me permitisse saber o que é que fazem, profissionalmente. Acho que não vendem roupa, nem nada dessas coisas. Tenho ideia que não. Que eu às vezes vejo a carrinha, vejo, às vezes eles estão aqui parados a fazer qualquer coisa dentro da carrinha, e não têm esses tipos de coisas lá dentro, e eles cumprimentam sempre quando passam. A minha irmã viu-os a vender balões, não sei se fazem mais alguma coisa para além de vender balões. Mas não estão em casa o dia todo, normalmente. Eu não os costumo ver aqui todo o dia. E os fins-de-semana saem muitas vezes, portanto, presumo que vão para fora, ou qualquer assim, não é?

E. – Com certeza. Portanto, há bocado referiu-me que havia às vezes algum, assim algumas visitas, às vezes, tem conhecimento de alguns amigos ou familiares desta família...

e. – As visitas... Como digo, eu parece-me que eles, eles, recebem algumas pessoas, devem ser em aniversários ou qualquer coisas... Não são, normalmente, pessoas com muito bom aspecto! Ou seja, eles distinguem-se das pessoas que frequentam a casa pela positiva! Mesmo em termos de comportamento! São pessoas que abrem as portas do prédio e deixam as portas abertas, fumam dentro do prédio, fazem muito mais barulho do que eles, muito mais barulho do que eles, se cruzarem com alguém, não cumprimentam, portanto, só, e mesmo a nível de aspecto, não têm sequer a aparência que eles têm, apesar de que eles não são muito cuidados. Mesmo com os meninos, eles não têm muito cuidado, em termos de higiene, não, não, isso é visível. É visível! Portanto, não é preciso estar a fazer... vê-se! A olho nu que as crianças não têm propriamente grandes hábitos de higiene, e eles também não! Eles também não...pronto. Não sei se isso nem trará problemas à miúda na escola, porque...de facto é uma coisa visível. Visível. Como eu digo, eu casa não sei qual é o aspecto que a casa tem. Não sei se eles têm, hmmm, nunca se ouve água a correr, por exemplo. Duches, ou... que é uma coisa que àquelas horas mais mortas, num prédio, até se consegue ouvir! De facto, eles não têm grandes hábitos de higiene. Não têm. E nota-se, inclusive fica um cheiro. Por onde eles passarem, hmmm, percebe-se que eles passaram, que acabaram de passar ali, portanto, o que já é sintomático, não é? As pessoas não deixam um cheiro à sua passagem, não é? O ser humano não tem nenhum cheiro especial, pronto. E as visitas, é como eu digo, são mais barulhentos do que eles. Se me perguntasse a mim, eu preferia que as visitas não viessem. Quando as visitas vêm é quando as coisas correm pior. Portanto, eles próprios se distraem mais. Das regras que eles até vão conseguindo cumprir quando estão sozinhos, quando têm visitas, hmmm, baralham-se um bocadinho, esquecem-se do contexto em que estão, é preciso chamá-los à atenção mais vezes... portanto, os problemas maiores são nessas alturas, quando eles cá têm alguém, quando cá vem alguém. Pronto. E não são pessoas com muito bom aspecto...com muito bom aspecto. Pronto.

E. – E a frequência dessas visitas?

e. – É raro. É raro. Não lhe posso dizer que seja sequer uma vez por mês. Não. Eu cá já estou a há algum tempo, portanto, já aconteceu algumas vezes, não é? Mas não é uma coisa... não é todas as semanas! Não é? Nem é todos os meses, penso eu. Não tenho essa ideia.

E. – Com certeza. Falou-me há bocado, então, que o mais fora do normal acaba por ser até o barulho e esta questão da higiene... e outras situações caricatas, sabe-me referir?

e. – Não... relativamente a eles... hmmm. Pronto, é como eu lhe digo, eu não vejo... eu tenho alguma dificuldade, tenho de lhe explicar, eu tenho alguma dificuldade em ver isto como vizinha, porque eu sou juiz, portanto, eu vejo estas coisas e simultaneamente analiso isto de uma perspectiva diferente porque consigo perceber as implicações de algumas coisas que eles fazem, por exemplo, os meninos às vezes, à noite, vão com eles ao café, a horas já... errr, a intenção é boa! Por exemplo, ele está no café com o mais pequenino, ele está a beber um copo de leite! A intenção é boa! Portanto, é alimentá-lo, é levá-lo com ele, mas não é uma coisa boa, uma criança com aquela idade estar na rua! A questão da higiene, é o que me preocupa mais. Porque, de facto, eles não têm hábitos de higiene, os meninos andam muito sujos, com roupa muito suja, ela já é muito velhinha, ela se não é adolescente, é pré-adolescente já, a mais velha, e de facto não anda bem arranjada, bem... eles cheiram muito mal! Cheiram todos muito mal! O que até é uma coisa estranha, porque eles são tão direitinhos no resto, (E. – Mhm...) que de facto até causa alguma perplexidade não serem mais cuidadosos nessa vertente. E de facto, não são. Não são. As crianças cheiram muito mal, e eles também! Eles também. Agora, não há assim nenhuma situação caricata, nunca aconteceu nada de... eu pessoalmente é como lhe digo, mas eu, se calhar, também sou suspeita, porque nos damos bem com eles, percebe? (E. – Claro, claro...) Se calhar se perguntar isso, arrisco dizer, aqui por baixo ou ao quinto andar, não lhe vão dizer as mesmas coisas que eu, pronto. Eu tenho essa visão porque são educados connosco, porque quando eu chamo à atenção, normalmente tentam cumprir, mas de vez em quando não conseguem. Quer dizer, eu não tenho particulares razões de queixa. Não tenho, não. Pronto, tenho a questão de que ele estaciona muitas vezes a carrinha aqui à porta, pronto, eu já lhe chamei a atenção. Pronto, um carro pode estar estacionado aqui, por baixo do prédio mesmo (E. – Mhm.), um carro pode, porque não tapa a passagem, e sobretudo, porque não tapa a visibilidade. A carrinha é perigoso, porque ele coloca a carrinha a tapar completamente a porta da entrada, e, durante a noite, isso cria ali como se fosse um beco, portanto, pode estar alguém ali atrás, que não se percebe. Eu percebo que ele tem dificuldade em estacioná-la, porque é um veículo muito grande, e ele, quando vê este lugar aqui à porta vago, põe lá sempre a carrinha, portanto, é difícil pô-la noutra sítio, mas é uma coisa que prejudica, porque de facto, primeiro, há crianças pequenas em cima e, às vezes, carrinhos de bebé e tudo, não conseguem passar, não é? e depois porque cria aí esse, parece um beco, pronto, não se vê. Durante a noite a carrinha tapa completamente a entrada do prédio e é desconfortável. Não, não, não gera segurança para quem vem para dentro. Mas, tirando isso de ele pôr aqui a carrinha à porta, eu nunca vi nenhuma situação, não tenho conhecimento, nem vi, nenhuma situação assim fora do comum com eles, nada de, nada de outro mundo, nada que eu me recorde sequer. Tirando esta questão do lixo que fica, as piriscas dos cigarros, não, nunca vi nada de especial. Tenho a sensação que eles agora têm um cão, penso eu, que terão...

Eu nunca o vi! Mas ouço, ouço. E não me parece que seja um animal que vá à rua, que seja levado à rua. Pronto, em termos de higiene, não sei como é que eles gerem isso em casa, não sei se é... parece-me que é um cão pequenino, porque ouço ladrar, e parece-me que é um animal pequenino, pronto. Mas também não é nada que as outras pessoas tenham conhecimento, não é? E acho que eles têm um cão porque já aconteceu aqui no meu andar, estarem, estarem dejectos de animal (E. – Mhm) e eu fui-lhes chamar à atenção, porque é uma coisa, pronto, inacreditável dentro do prédio. E eles não vieram limpar! Dessa vez aborreci-me bastante com eles. Dessa vez aborreci-me. Que era mesmo aqui à porta de casa, e era uma coisa visível! Muito visível, quer dizer... e pronto. Mas tirando isso... a situação mais caricata se calhar foi essa, do, do cãozinho. Eu fui lá bater à porta, chamei-lhes à atenção, disse que tinham que ir limpar, e não vieram. Pronto. É a tal coisa, eles pedem desculpa! Mas basicamente, o que nós lhes estamos a dizer é a mesma coisa que nada. Eles pedem desculpa na altura, mas não há conformidade com o pedido de desculpas que fizeram. Percebe? Não é nada, pronto...

E. – Com certeza... refira-me, assim, pontos positivos e pontos negativos da chegada desta família.

e. – Pontos positivos não lhe posso dizer nenhum, que esta família não é uma família integrada no prédio, não é? Aliás, até a própria forma como se faz a suposta integração, não é integração nenhuma, porque, os serviços arrendam a casa, e não dão informação prévia, sequer, a quem cá mora, de que, de quem vem para cá uma família particular, que não deixa de ser uma família particular. Porque isto é uma suposta integração. Eu discordo desta forma de fazer as coisas. Acho que isto não é correcto. Acho que não é correcto. De facto não custava nada, e se calhar criava menos resistências na comunidade, se as pessoas previamente fossem informadas, não é? Que foi o que me recorde que aconteceu na altura, foi um choque. Foi um choque. Como compreende, como lhe digo, praticamente todas as casas as pessoas são proprietárias das casas, nós estamos no centro da cidade, portanto, há crianças pequeninas pelo menos em dois dos apartamentos, não é? E as pessoas têm uma visão, correcta ou incorrecta, preconceituosa ou não, das famílias ciganas particular. E a verdade é que é, de facto, um povo com características específicas, independentemente das pessoas serem ou não preconceituosas. Eu não sou preconceituosa e não pode deixar de dizer que de facto têm uma forma de viver diferente da nossa. É uma questão cultural, uma questão cultural! São hábitos próprias, são coisas enraizadas. E portanto, isto não é integração, isto é, hmm, “vamos fazer de conta que estamos a integrar porque pomos uma família cigana ao pé das famílias não ciganas!”. Integrar, a meu ver, era ter vindo cá alguém falar com as pessoas, colher sensibilidades, saber se as pessoas estavam receptivas, se não estavam receptivas... Não é que dependesse da nossa vontade vir ou não vir. (E. – Mhm...) A questão não é essa, não é? Mas era uma questão de preparar a comunidade para a chegada deles! Isto não é nada! Fazer as coisas assim, acho que se teve algum efeito, foi negativo. Porque, de facto, fez com que as pessoas reagissem negativamente à vinda deles, porque foi uma coisa inesperada, porque teve muito aparato na altura, porque eles também foram, foram, hmmm, moderando, o barulho. Ao início a coisa era pior, vinham cá mais pessoas, havia um, uma confusão associada à vinda deles maior. E isso criou muito mal-estar, porque as pessoas, lá está, porque as pessoas não sabem se eles trabalham, porque as pessoas não sabem o que é que estão a fazer, quem é que os pôs aqui, percebe? Portanto, há uma resistência e há um receio, que é normal, que é normal! Porque as pessoas não sabem quem eles são, porque não, não... uma coisa é um

condómino, e é como lhe digo, este prédio tem a particularidade de ter muito poucos condóminos. Cada um de nós é dono do andar. Portanto, cada pessoa nova que chega é uma coisa que se nota, não é propriamente um anónimo, não é? São seis andares. Portanto, se há aqui um factor diferente, as pessoas vão ressentir-se disso. Ou vai ser uma coisa positiva, se for um vizinho com quem se dêem bem, ou vai ser uma coisa negativa, se for um vizinho com quem se dêem mal, não é? E neste caso, eu não me dou mal com eles, mas se me pergunta se preferia ter outro tipo de vizinhos, preferia! Mas por estas questões concretas que lhe dizia. Questões da higiene, e do ruído. Não tem nada a ver com ser uma família cigana ou uma família não cigana. Se fosse uma família não cigana que tivesse exactamente o mesmo comportamento, se me perguntassem se eu os queria cá, eu dizia que não! Para mim é exactamente igual, percebe? Não faz qualquer diferença. Tem a ver com isto, com a gestão, sobretudo, do espaço comum. Do ruído, que é um ruído que chega a casa dos outros, e da questão da higiene. As preocupações que eu possa ter, inclusive, relativamente aos miúdos, por exemplo, quer dizer, é uma preocupação minha social, que teria se fossem crianças não ciganas também. Se tivesse um vizinho, que fossem crianças pequeninas, que eu visse que andavam mal vestidas, com roupa desadequada para a época, que andavam sujas, que tinham maus hábitos de higiene, a minha preocupação era exactamente igual, quer dizer, não tem a ver com, com esse facto, não é? Agora, positivo não lhe posso dizer nada, porque de facto a família não está integrada. E aliás, acho que também ninguém fez nenhum esforço propriamente dito para que eles se integrassem, pelo menos aqui no prédio. Comunitariamente, não sei. Não faço ideia se estão envolvidos em algumas actividades.

E. – Apesar de tudo, como me disse, no início era pior...

e. – Era.

E. – Considera que houve então, até já uma, uma, alguma evolução?

e. – Sim. Acho que sim. Acho que sim. Lá está, não é nada também muito significativo, não é? Mas acho, pronto, eu também associo isso à tal fase inicial, vinham cá pessoas se calhar pela primeira vez conhecer a casa, eles próprios também estavam a trazer os móveis, estavam a... tudo isso gera sempre alguma confusão, não é? Errrr, acho que se nota uma relativa diferença nesse aspecto, mais da confusão quando cá vem alguém. Por exemplo, não a nível de hábitos de higiene deles, ou de comportamento nos espaço comum. Não, isso não. Isso está igual. Isso está igual, pronto. E sei, porque eu já chamei à atenção, e sei também que já foram chamados à atenção por outras pessoas, pronto. Mas a minha visão, não me parece que eles façam por mal. Dá-me a sensação que é mesmo a ausência de hábitos. Portanto, aquilo não está enraizado, no momento até têm consciência que o comportamento é errado, mas depois não conseguem passar a agir em função disso, não é?

E. – Exacto, compreendo. Portanto, acha que este realojamento, para já, ainda não foi bem sucedido?

e. – É assim, eu não sei quais são as finalidades do realojamento, eu não sei. Portanto, se a finalidade é a integração na comunidade, isso não existe. Pelo menos que eu tenha conhecimento, não é? Para eles, com certeza terá sido positivo, porque têm uma casa, têm um tecto, têm pelo menos uma casa com três quartos, portanto, as crianças terão

melhores condições de habitabilidade, suponho que para eles, como família, seja uma coisa positiva terem uma casa, agora se me pergunta “terem uma casa aqui é diferente do que terem uma casa noutra sítio?” não faço ideia. Não faço ideia, não é? Eles não passam aqui muito tempo, portanto, eu imagino que eles vão daqui para o sítio onde se sentem à vontade, percebe? Eles não estão muito tempo ali dentro de casa, portanto, dá-me a sensação que eles próprios não se sentem propriamente muito à vontade aqui neste espaço, percebe? Não é uma casa muito vivida. Não é uma casa muito vivida, dá-me a sensação que eles para estarem bem, para fazerem as coisas deles, vão para outro sítio, não é aqui. Portanto, lá está, não recebem aqui muitas vi...ainda bem para nós que não recebem! Porque de facto quando recebem é uma barulheira, não é? Depois lá está, eu compreendo isso em termos de cultura, porque eu sei que a cultura cigana é assim. Mas isso não é muito compatível com viver-se num prédio, com, com, não é? As festas, hmmm, o som da música, aquelas coisas que eles fazem, o barulho, eles falam muito alto, são muito ruidosos, isso noutra contexto não tem mal nenhum, não é? Num, num, numa estrutura que é um prédio, claro que isso prejudica as outras pessoas, não é? Ora, em termos de integração, é como eu digo, eu não lhe posso dizer que veja alguma coisa de particularmente positivas, até porque eu não vejo integração nenhuma. Não vejo integração nenhuma. (E. – Mas relativamente ao prédio?) Relativamente ao prédio, não é? Relativamente ao prédio! O resto não sei, não é? Sei, por exemplo, que o senhor vai ao café, aqui em baixo, e é uma pessoa educada, não, não tenho conhecimento que algum dia tenha existido algum problema, como digo, eu própria vejo de manhã eles a saírem para levarem a miúda à escola, portanto, a esse nível, eu não sei se eles já tinham estes hábitos ou não antes, portanto, não sei se isto foi uma coisa positiva para aquela família. Agora, se isto é alguma forma de integração, não sei avaliar isso. Não sei que progressos é que esta família possa ter feito relativamente ao que era antes. Quem os acompanha é que se calhar consegue ver se há alguma diferença ao não. Não sei como é que eles têm a casa deles, portanto, não faço a mínima ideia se eles de facto vivem como quem vive num prédio, num apartamento, não é? Não sei.

E. – Portanto, no prédio, a única evolução que houve mesmo, foi do início para agora, há relativamente menos barulho...

e. – Sim. Mas eu friso, não é nada de particularmente significativo comparado com outras situações de que eu tenho conhecimento. Não é...mesmo a questão do uso do espaço público, são coisas como esta que eu acabei de dizer, até porque se fossem coisas de outra gravidade já alguém tinha tomado outro tipo de medidas, não é? São coisas como estas que eu acabei de dizer, pontas de cigarro, no elevador, ou pelas escadas, restos de comida, um saco de plástico, portanto, não é nada de transcendente. O que, o que até chama mais à atenção, é de facto a ausência de higiene deles próprios, que se reflecte nos espaços públicos, designadamente, no elevador. Se utilizar o elevador na hora a seguir a eles terem utilizado, é difícil lá entrar. É difícil lá entrar, que o cheiro, de facto, é insuportável. É um cheiro muito activo. Pronto. E é óbvio que isso é desagradável, não é? As pessoas estão dentro de casa! Não é suposto que se sintam com este tipo de constrangimento. Mas, não é nada de muito grave. Lá está, o problema até é mais deles, é uma questão de higiene pessoal, que acaba por reflexamente afectar os vizinhos, mas não é nada que eles nos façam a nós. Estão a fazer a eles próprios, não é? Não tendo cuidado, não é? Só isso...

E. – Portanto, na sua opinião, apesar de tudo, o mais grave, é mesmo essa falta de higiene...

e. – Acho. Sinceramente, acho que é o principal problema que eles têm, e sendo uma família com crianças, parece-me que é, talvez o mais preocupante, não é? Porque isso depois pode até ter consequências a nível de saúde, não é? Nos meninos, não é? E de facto, isso é um problema grave. Isso é grave. É talvez a coisa que, pelo menos a mim, me chama mais a atenção. Agora, são pessoas educadas, são pessoas educadas. Compreendo também que não seja muito fácil integrarem-se, porque sentem alguma resistência das pessoas. Não é o nosso caso, porque sempre os tratámos como deve ser. Mas tenho conhecimento de facto de alguma resistência associada ao desconhecimento e também à forma como de facto eles vieram para cá morar, portanto, as pessoas sentiram-se um bocadinho incomodadas com a forma como as coisas foram feitas, não é? E como também não fazem grande esforço para contactar com eles, também não, não, nunca afastaram essa resistência inicial, não é? Eu não tenho nenhuma espécie de problemas. São educadíssimos, educadíssimos. Às vezes, por acaso, até brincamos. Quando um miúdo não diz bom dia, eu volto para trás e digo-lhe bom dia, e digo “tens de me dizer bom dia”, ele ri-se, e diz-me bom dia. Pronto. E lembram-se. Mas se os pais tiverem dizem “diz bom dia à senhora, diz bom dia à senhora!” e eles dizem sempre. Os pais cumprimentam sempre e, pronto, são, são...e acatam, acatam genericamente aquilo que nós dizemos, os miúdos é que não, mas também são crianças, não é (E. – Claro, claro...) ciganas, ou não ciganas, são todas iguais nessas coisas...

E. – Pronto, eu agradeço então a sua colaboração.

ANEXO VII – Base de Dados de SPSS

(disponível em formato digital)

ANEXO VIII – Output SPSS

(disponível em formato digital)

ANEXO IX – Classificação Nacional de Profissões

(disponível electronicamente na página:

<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>)